

OS GRANDES INICIADOS

ÉDOUARD SCHURÉ

3

ZOROASTRO-BUDA-JESUS
E OS ESSÊNIOS



editora cátedra

OS GRANDES INICIADOS

Iniciação à História Secreta das Religiões

Volume 3

Cristo brilha de longe, através de Indra, fulgura para Zoroastro na auréola de Ormuz, clareia para Hermes no sol de Osíris, fala a Moisés na sarça ardente e sulca como um branco meteoro nos rubros relâmpagos do Sinai, para encarnar-se, por fim, no mestre Jesus, doçura humana e esplendor divino. Ele se fez carne para oferecer-se a toda a humanidade como um sol de amor e de ressurreição.

Com estas palavras Édouard Schuré sintetiza a caminhada percorrida nesta obra máxima dos estudos esotéricos, com a visão de um iluminado que soube entender e interpretar a mensagem dos Grandes Iniciados, numa linguagem poética e de encantamento.

Inicia este último volume com Zoroastro ou Zaratustra, libertador dos povos árias, fundador da religião nacional persa, nascido, segundo pesquisas mais recentes, cerca de 2500 a.C., e que Schuré, concordando com o historiador

giões modernas, e fundamentou as crenças do antigo povo iraniano.

Passa aos Mistérios da Índia, trazendo o esplendor do príncipe Sidarta Gautama, também conhecido como Saquia-Muni, o Sábio dos Sakias, depois chamado Buda, que significa O Iluminado. Nascido de família nobre, da classe dominante do norte da Índia, nos contrafortes do Himalaia, abandona esposa e filhos para internar-se na floresta, em peregrinações e penitência para alcançar a percepção do significado da vida, e ilumina-se debaixo da árvore Bo, ou Árvore da Sabedoria.

O último livro, que conclui esta obra, é dedicado ao mais iluminado dos portadores do Verbo Solar, Jesus Cristo, já analisado por Schuré no livro VIII (volume 2). Revela-nos aqui os anos intermediários da vida de Jesus, dos 13 aos 33 anos, quando esteve entre os magos essênios, preparando-se para sua missão. Na tradição esotérica, Cristo é uma entidade sobrehumana, um Deus no sentido mais amplo da palavra, a mais alta manifestação espiritual conhecida pela humanidade. Descreve os graus de iniciação por que passou Jesus Cristo, segundo os rituais da iniciação egípcia, quando realizada sua viagem cósmica enquanto permanecia no sepulcro, antes da ressurreição espiritual perante os olhos dos seus apóstolos, que deveriam divulgar seu pensamento pelo mundo.

Os EDITORES

OS GRANDES INICIADOS

ÉDOUARD SCHURÉ

OS *GRANDES INICIADOS*

— Esboço da História Secreta das Religiões —

ZOROASTRO — BUDA — JESUS E OS ESSÊNIOS

Volume 3

LIVRARIA EDITORA CÁTEDRA
Rio de Janeiro
1985

Tradução de
LUIZ CARLOS MACHADO

Capa:
LUIZ FALCÃO

Direitos para a língua portuguesa reservados à
LIVRARIA EDITORA CÁTEDRA LTDA.

Rua Senador Dantas, 20 — salas 806/7
Tel.: 240-1980 — Rio de Janeiro, RJ — Brasil

1985

Impreso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

Livro IX — ZOROASTRO	XI
I — As etapas do Verbo Solar	1
II — Pérsia	4
III — Juventude de Zoroastro	6
IV — A voz na montanha	12
V — O grande combate	21
VI — O anjo da vitória	24
Livro X — BUDA	29
I — A Índia	31
II — A Índia, no surgimento de Buda	34
III — Juventude de Buda	36
IV — Isolamento e Iluminação	40
V — A tentação	49
VI — A doutrina e a comunidade budista	51
VII — A morte de Buda	57
VIII — Conclusões	59
Livro XI — JESUS E OS ESSÊNIOS — A SECRETA DOCTRINAÇÃO DE JESUS	65
I — O Cristo cósmico	67
II — O Mestre Jesus, suas origens e seu desen- volvimento	74
III — Permanência de Jesus com os Essênios — O batismo no Jordão e a encarnação de Cristo	81
IV — Renovação dos Mistérios antigos pela vinda de Cristo — Da tentação à Transfiguração	91
V — Renovação dos Mistérios — Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo	106
GLOSSÁRIO	119

BIBLIOGRAFIA DE ÉDOUARD SCHURÉ

- HISTOIRE DU LIED OU CHANSON POPULAIRE EN ALLEMAGNE, 1.^a edição, 1868. Nova edição, precedida de um estudo sobre o despertar da poesia popular na França, 1903 (Liv. Perrin).
- L'ALSACE ET LES PRÉTENTIONS PRUSSIENNES, 1871 (Liv. Richard, Genebra).
- LE DRAME MUSICAL: I. *Richard Wagner, son œuvre et son idée*. 1.^a edição, 1875 (Liv. Fischbacher), 2.^a edição recomposta, 1885 (Liv. Perrin), 3.^a edição, 1895 (Liv. Perrin), 6.^a edição, aumentada com os *Souvenirs sur Richard Wagner* (Liv. Perrin), 1910 — II *Histoire du Drame Musical*, 1.^a edição, 1876 (Liv. Fischbacher), 2.^a edição (Liv. Perrin), 1885.
- LES CHANTS DE LA MONTAGNE, poesias, 1877 (Liv. Fischbacher).
- MELIDONA, romance, 1880 (Liv. Calmann-Lévy).
- LA LÉGENDE DE L'ALSACE, poemas, 1884 (Liv. Charpentier).
- LES GRANDS INITIÉS, esquisse de l'Histoire secrète des Religions, 1.^a edição, 1889 (Liv. Perrin).
- LES GRANDES LÉGENDES DE FRANCE, 1.^a edição, 1891 (Liv. Perrin).
- LA VIE MYSTIQUE, poemas, 1894 (Liv. Perrin).
- L'ANGE ET LA SPHINGE, romance, 1897 (Liv. Perrin).
- SANCTUAIRES D'ORIENT: Egypte, Grèce, Palestine, 1.^a edição, 1898 (Liv. Perrin).
- LE DOUBLE, romance, 1899 (Liv. Perrin).
- LE THÉÂTRE DE L'ÂME: 1.^a série: *Les Enfants de Lucifer* (drame antique) em cinco atos; *La Sœur Gardienne* (drame moderno), em quatro atos, 1900 (Liv. Perrin). — 2.^a série: *La Roussalka* (representada, por Lugné Poe, no teatro de l'Œuvre, em março de 1902) (Liv. Perrin). — *L'Ange et la Sphinge* (légende dramatique) (Liv. Perrin).
- PRÉCURSÉURS ET RÉVOLTÉS, v.^a edição, 1904 (Liv. Perrin).
- LE THÉÂTRE DE L'ÂME, 3.^a série: *Léonard de Vinci*, precedido do *Rêve Eleusinien a Taormina*, drama em cinco atos, 1905 (Liv. Perrin).
- LA PRÊTRESSE D'ISIS, légende de Pompéi, 1.^a edição, 1907 (Liv. Perrin).

- FEMMES INSPIRATRICES ET POÈTES ANNONCIATEURS, 1909 (Liv. Perrin).
- L'ÂME DES TEMPS NOUVEAUX, poemas, 1909 (Liv. Perrin).
- L'ÉVOLUTION DIVINE: DU SPHINX AU CHRIST, 1912 (Liv. Perrin).
- Ensaio biográfico sobre Margarida Albana, in LE CORRÈGE, SA VIE ET SON OEUVRE, de Marguerite Albana (1881).
- LE DRUIDESSE, precedido de um estudo sobre o Despertar da alma céltica (1914) (Liv. Perrin).
- L'ALSACE FRANÇAISE, Rêves et Combats, 1916 (Liv. Perrin).
- LES PROPHÈTES DE LA RENAISSANCE, Dante, Léonard de Vinci, Raphaël, Michel-Ange, le Corrège, 1919 (Liv. Perrin).
- L'ÂME CELTIQUE ET LE GÉNIE DE LA FRANCE A TRAVERS LES AGES, 1921 (Liv. Perrin).
- LEGENDES D'ORIENT ET D'OCCIDENT, 1922 (Liv. Nilson).
- LE RÊVE D'UNE VIE, 1928 (Liv. Perrin). [Interessante autobiografia].
- LES GRANDS INITIÉS foram traduzidos em italiano por Arnaldo Cervasato (Bari, 1906); em inglês por Rothwell (Wellby, Londres). em alemão pela Sta. Maria de Sivers, com um prefácio do Dr. Rudolf Steiner (Altmann, Leipzig, 1907), em russo pela senhora Ana Kaminski; em holandês por Philophotos (Amsterdão, 1911); em português por Domingos Guimarães, 1.^a edição, 1903, Porto (Biblioteca de Educação Intelectual); 3.^a edição, 1936; uma edição revista por Rodrigues de Meréje, Cultura Moderna, S. Paulo, s/d., em três volumes. Parte dos capítulos que compõem algumas de suas obras apareceram em várias revistas, sobretudo na *Revue des Deux-Mondes*, na *L'Art et la Vie*, na *Revue Bleue*.

DOS LES GRANDES INITIÉS

A *Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* possui 2 exemplares da 1.^a edição francesa (1889), 1 exemplar da 6.^a edição francesa (1902), 1 dito de uma edição francesa de 1907. A *Biblioteca Central de Educação* (B.C.E.). A *Biblioteca do Gabinete Português de Leitura* possui um exemplar (em 2 volumes) da 3.^a edição (sic) da tradução portuguesa de Domingos Guimarães. Aliás essa 3.^a edição (1936) é uma reprodução pura e simples da 1.^a (1903), tendo sido conservada até a ortografia.

Livro IX

ZOROASTRO

I — As etapas do Verbo Solar

A religião e a civilização brâmanes representam a primeira etapa da humanidade pós-atlântica e se resumem em uma palavra: *a conquista do mundo divino pelo conhecimento primordial*.

As grandes civilizações que se seguiram — Pérsia, Caldéia, Egito, Grécia e Roma, o judeu-cristianismo, o mundo celto-germânico, enfim, em plena evolução ainda e do qual fazemos parte — representam as diversas fases de avanço da raça branca. Em todas estas raças, religiões, civilizações e povos diversos, se infiltra o elemento ária predominante e todas se unificam em um laço magnético, em uma idéia que instintivamente as anima e guia.

Esta idéia é a conquista da terra pela *adaptação do Divino revelado na vida*. Tal adaptação não é possível sem a progressiva debilitação do instrumento através do qual se chega a descobrir a divina morada, ou seja, *a comunhão espontânea com as potestades cósmicas que chamamos deuses e a visão nos mundos astral e espiritual, que é o mundo interior do homem e do universo*.

Tais faculdades criadoras e reveladoras já se encontravam enfraquecidas na Índia, na época em que a filosofia especulativa substituiu a intuição primordial. Haveriam de obscurecer-se e esfumar-se mais ainda entre as raças árias e semitas da Ásia Central e da Europa, à medida que se desenvolveram nas faculdades intrínsecas da raça ária, indispensáveis para a obtenção e o domínio do mundo exterior, a saber: rigorosa observação, critério e análise, de onde surgem o sentimento de liberdade e de independência individual.

Sem embargo, as faculdades transcendentes da alma não se extinguem na humanidade. Perduram em uma seleção que as desenvolve e disciplina em segredo, sob o véu do mistério, protegidas das profanações e corrupções do exterior. Daí a razão das iniciações.

Entre este agrupamento auto-seletivo, pelas provas exigidas, perdura a inspiração divina, embora de maneira diferente.

Em vez de dispersar-se por todo o universo e ir desaparecendo no Infinito, como entre os indianos, tende a condensar-se e concentrar-se em um único ponto que chamamos de *Verbo Solar*.

O Verbo Solar é o Logos, a divina Palavra que anima nosso mundo planetário. Ao glorificar o sol, os primitivos richis e os poetas védicos não adoravam exclusivamente o sol físico, mas pressentiam por trás dele o Espírito animador do astro-rei.

Nosso sistema solar e a terra, seu crisol mais denso, onde o Espírito e a Matéria alcançam sua tensão máxima gerando a mais ardente vida, foram criados pela hierarquia das potestades cósmicas sob a inspiração de Deus, infinito e insondável. O Gênesis expressa isso admiravelmente com a palavra Eloim, que significa Deus dos Deuses. ⁽¹⁾

Sem dúvida, desde a origem, desde o período saturniano da vida planetária, o pensamento divino, o Logos que preside especialmente nosso sistema solar, tende a condensar-se e a manifestar-se por meio de um organismo soberano que será, de certo modo, seu verbo e sua pira candente. Este Deus, este Espírito, é o rei dos Gênios solares, superior aos Arcanjos, às Dominações, aos Tronos e aos Serafins, ao mesmo tempo inspirador e flor sublime de sua criação comum, abrigados por eles e com eles crescendo para superá-los, destinado a converter-se na Palavra humana do Criador, como a luz dos astros em sua universal palavra. Assim é o Verbo Solar, o Cristo cósmico, centro e eixo da evolução terrestre.

Este Gênio sublime, este Verbo Solar, que não devemos confundir com o sol físico (porque é a quintessência espiritual deste astro), não pode revelar-se subitamente e de uma única vez à débil humanidade. Apenas pode aproximar-se dos homens por etapas sucessivas. E quando tal ocorre, é necessário reter os reflexos e os raios espargidos, a fim de tornar suportável a claridade ofuscante.

As raças primitivas, as antigas religiões, começaram a pressenti-lo através de diversos deuses, como brilha o sol por trás das nuvens ou a figura humana se deixa adivinhar por trás de véus cada vez mais tênues. Cristo brilha de longe, através

(1) Veja-se a *Biblie hébraïque restituée*, por Fabre d'Olivet, *Science secrete*, de Rodolfo Steiner, e *L'évolution planétaire et l'origine de l'homme*, do Autor.

de Indra, fulgura para Zoroastro na auréola de Ormuz, clareia para Hermes no sol de Osíris, fala a Moisés na sarça ardente, e sulca como um branco meteoro nos rubros relâmpagos do Sinai, para encarnar-se, por fim, no mestre Jesus, doçura humana e esplendor divino. Ele se fez carne para oferecer-se a toda a humanidade como um sol de amor e de ressurreição.

Assim, paulatinamente, o reflexo se converte em raio, o raio em estrela e a estrela em sol fulgurante. A estrela dos reis magos que, da Ásia Central, transporta seus raios ao Egito para pousar sobre o berço de Belém, ilumina três lugares maravilhosos na sombria algazarra dos povos precipitados uns sobre os outros durante cinco mil anos, entre o Mar Cáspio, o Golfo Pérsico e o Mediterrâneo.

Estes três pontos assinalam a revelação de Zoroastro no primitivo Irã: o encontro dos magos da Babilônia com a imponente figura do profeta Daniel, a visão sublime e terrorífica do sol de Osíris nas criptas do Egito, anunciando o fim das monarquias absolutas do Oriente, e a extensão dos Mistérios antigos predizendo o advento do Cristo.

Estes três acontecimentos caracterizam três etapas do Verbo Solar e, simultaneamente, três passos gigantescos para a conquista do mundo. Porque permitem entrever, por um lado, a descida gradual do Cristo Cósmico sobre a humanidade, e, por outro, a obra de três potentes civilizações: a persa, a caldéia e a egípcia, em que continua o impulso ária rumo ao Ocidente.

II — Pérsia

Passemos da Índia à Ásia Central e contemplemos o país do ponto de vista de um pássaro a voar.

Ao longe, estendem-se a nossos pés o Pamir e o Indo-Krusch, “Sobrecéu do mundo” e nó górdio do continente. Picos brancos e planícies cinzentas. Ao norte e ao leste daquela amálgama montanhosa, o Irã e a Pérsia formam um alto patamar. Linhas austeras enquadram prolongadas extensões de soberba e selvagem grandiosidade. Terreno acidentado, verdes oásis, áridos desertos que circundam os mais elevados cumes do mundo.

Um dos modernos viajantes que melhor viu a Pérsia e sentiu-lhe o palpitar da alma, o Conde de Gobineau, assim descreve esta região altiva: “A Natureza dispôs a Ásia Central como uma imensa escadaria em cuja cúspide parece ter colocado o máximo de sua inspiração, superando as demais regiões do globo e ali criando o antigo berço de nossa raça.

Entre o Mediterrâneo, o Golfo Pérsico e o Mar Negro, o solo se eleva aqui e ali. Enormes maciços em fileira, o Touro, os montes Gordianos, as cordilheiras do Laristão elevam e sustentam as províncias. O Cáucaso, o Elburz, as montanhas de Chiraz e de Ispahan se juntam à colossal escadaria, elevando-a ainda mais. Esta plataforma imensa, ostentando em planícies suas extensões majestosas pelos costados dos montes Soleyman e Indo-Krusch, finaliza, por um lado, no Turquestão, e, por outro, às margens do Índico, fronteira de um mundo não menos extenso.

A principal característica desta natureza, a evocação que predominantemente sugere, é o sentimento da imensidão e do mistério.” (2)

Porém, ao mesmo tempo, nela são tão abundantes os contrastes que trazem à mente a idéia da luta e da resistência. Passadas as violentas tormentas primaveris, de maio a setem-

(2) Gobineau: *Trois ans en Asie*.

bro, o tempo se mantém seco e a atmosfera é de uma transparência maravilhosa. Os contornos das montanhas e os menores detalhes da paisagem delineam-se com uma pureza límpida que não altera o frescor de suas irisadas cores vivas.

O verão é leve e cálido. O inverno, cruel e terrível. A laranjeira e a romãzeira crescem à beira dos vales férteis. As palmeiras dão sombras às fontes onde bebem as gazelas, enquanto a neve se acumula nos flancos das montanhas cobertas de carvalhos e de cedros, morada de ursos e de abutres. O vento norte varre suas estepes, levantando torvelinhos de poeira.

Assim era a terra de adoção dos árias primitivos, de cujo solo avaro não brota a água, a não ser quando o fere a picareta, nem dá frutos, a não ser sob os dentes do arado e pelo canal irrigador; onde a vida é um perpétuo combate travado contra a natureza.

Assim era a pátria de Zoroastro.

III — Juventude de Zoroastro

Uns afirmam haver ele nascido em Bactriana, outros, na bíblica Ragés, não longe do atual Teerã.

Cedo também a Gobineau a descrição desses lugares grandiosos: “Ao Norte, estende-se uma fileira de montanhas cujos topos, cintilantes de neve, se erguem a majestosa altitude. É o Elburz, enorme coroa que une o Indo-Krusch aos montes da Georgia, o Cáucaso índico ao Cáucaso de Prometeu. Dominando esta cordilheira, como um gigante, eleva-se no ar a cúpula imensa e ponteaguda do Demavend, branco do cume ao sopé. . .

“Não se observam ali detalhes que limitem a mente. Apenas um horizonte de matizes maravilhosos, um céu que não há linguagem, nem palheta, nada enfim capaz de descrever seu fulgor e transparência; uma planície que, em graduadas ondulações, alcança em ascensão as bases do Elburz, fundindo-se e confundindo-se com suas grandezas.

“De quando em quando, formam-se nuvens de poeira que se levantam e sobem em direção ao céu, parecendo alcançá-lo com seu vértice vertiginoso, e se movimentam ao léu até precipitarem-se outra vez sobre a terra. É impossível esquecer tal espetáculo!”

Quando nasceu o primeiro Zoroastro, 4 ou 5 mil anos antes da nossa era ⁽³⁾, tribus nômades, saídas da mais pura

(3) Plínio atribui a Zoroastro uma antiguidade de 1000 anos anterior a Moisés. Hermipo, que traduziu seus livros para o grego, remonta sua existência a 4000 anos antes da guerra de Tróia. Eudóxio, a 6000 anos antes da morte de Platão.

A ciência moderna, depois dos minuciosos estudos de Eugenio Burnouf, de Spiegel, de James Darmesteter e de Harlez, declarou ser impossível fixar a época em que viveu o grande profeta iraniano, autor do *Zend-Avesta*, porém supõe ter sido, provavelmente, por volta do ano 2500 antes de Cristo.

A data indicada por Plínio corresponde quase à época aproximadamente admitida pelos modernos orientais. Mas Hermipo, que se ocupa especialmente deste assunto, devia possuir, referentes à Pérsia, documentos e informações hoje desaparecidos. A data de 5000 anos antes de Cristo nada tem de improvável, dada a pré-histórica antiguidade da raça ária.

raça branca, povoavam o antigo Irã e a Pérsia. Poucos conheciam o arado e a arte da agricultura, a sagrada espiga que cresce ereta como uma lança, as colheitas douradas, ondulantes como seios femininos, atos de Deus, puro troféu do lavrador.

Outras viviam do trabalho pastoril, junto a seus rebanhos, mas todos adoravam o sol e ofereciam seu sacrifício ao fogo, o céspede como altar, distribuíam-se em pequenas tribos e todos os seus reis pontifícios haviam desaparecido.

Logo, porém, passados os séculos, os turânios vindos das planícies do norte e dos montes da Mongólia invadiram a velha Ariana Vaeya, a terra dos puros e dos fortes. Inesgotável viveiro humano, surgiram os turânios da mais resistente raça atlântica, indivíduos roliços, de tez amarela e pequenos olhos semicerrados. Robustos forjadores de armas, cavaleiros astutos e saqueadores, adoravam também o fogo; não a chama que ilumina as almas e unificam as tribos, mas o fogo terrestre, manchado de elementos impuros, gerador de tenebrosos encantamentos, o fogo que outorga riquezas e poderios, que estimula cruéis desejos. Acreditava-se serem eles consagrados às entidades das trevas.

Toda a história dos árias primitivos se reduz a suas lutas contra os turânios. Sob o choque das primeiras invasões, as tribos árias se dispersaram. Fugiram ante os homens amarelos, cavaleiros montados em bestas negras, como se estivessem sendo atacados por um exército de demônios. Os mais recalcitrantes refugiaram-se nas montanhas; os demais submeteram-se, sofrendo o jugo do vencedor e adotando o seu corrompido culto.

Naquela época nasceu, nas tribos montanhesas de Elburz, então chamado Albordj, um menino que recebeu o nome de Ardjasp, descendente de uma antiga família real.

Ardjasp passou a sua juventude entre sua tribo, caçando búfalos e lutando contra os turânios. Durante a noite, debaixo da tenda, o filho do rei destronado sonhava, às vezes, em restaurar o antigo reino de Yima, ⁽⁴⁾ o poderoso. Porém, não era mais que um sonho indefinido, pois não dispunha, para tal empresa, de cavalos, homens, armas ou força.

(4) O Rama hindu, ao qual se faz referência no princípio do *Zend-Avesta*, com o nome de Yima, e que reaparece na lenda persa na figura de Djemchyd.

Certo dia, um visionário louco, um santo andrajoso, daqueles que sempre abundaram na Ásia, um *pyr*, lhe predisse que chegaria a reinar sem cetro nem coroa, com mais poder que todos os reis da terra, coroado pelo sol. Isso foi tudo.

Em uma clara manhã, em um de seus passeios solitários, chegou Ardjasp a um vale verde e fecundo. Vários picos erguidos formavam um amplo círculo. Aqui e acolá, fumegavam campos de lavoura. Ao longe, um pórtico construído com troncos de árvores dominava um grupo de choças, no interior de um círculo de paliçada. Um rio deslizava entre um tapete de relva crescida, salpicado de flores silvestres. Subiu o leito do rio e descobriu um bosque de pinheiros perfumados. Mais para o interior, ao pé de um penhascal, dormia uma fonte límpida, de incomparável azul.

Uma mulher, vestida de linho branco, ajoelhada perto da água, enchia um vasilhame de cobre. Levantou-se logo e colocou a ânfora sobre a cabeça. Possuía ela o soberbo aspecto das montanhas tribos árias. Um aro de ouro prendia-lhe os cabelos negros. Sob o arco das sobrancelhas, unidas no ponto onde nascia, grave, o nariz curvo, brilhavam dois olhos de opaco negror. Transluziam aqueles olhos uma tristeza impenetrável e deles emergiam, de vez em quando, penetrantes cintilações semelhantes a um relâmpago azul brotado de uma nuvem sombria.

— A quem pertence este vale? — perguntou o caçador forasteiro.

— Aqui reina o patriarca Vahumano, guardião do puro Fogo e servidor do Altíssimo. — respondeu a jovem.

— Como te chamas, nobre mulher?

— Deram a mim o mesmo nome deste rio, Arduizur (*Fonte de luz*). Mas toma cuidado, estrangeiro. O mestre falou: aquele que beber de suas águas, queimará em sede insaciável. Somente um Deus poderá aplacá-la. . .

Mais uma vez os olhos opacos da jovem pousaram sobre o desconhecido. E ele vibrou desta vez como uma flecha de ouro. Incontinenti, a mulher voltou-se e desapareceu ao longe sob os perfumados pinheiros.

Centenas de flores brancas e vermelhas, amarelas e azuis, inclinavam suas pétalas e seus cálices sobre a fonte azul. Ardjasp se inclinou também. A sede o devorava e ele bebeu em longos goles, na concha da mão, da água cristalina.

Depois se foi, sem preocupar-se mais com aquela aventura. Apenas lhe vinha à memória, de vez em quando, o verdecente vale circundado por picos inacessíveis, a fonte azul sob os perfumados pinheiros e a profunda noite dos olhos de Arduizur, brilhantes de claridade azuis e de fulgores dourados.

Passaram-se os anos. O rei dos turânios, Zohak, venceu os árias. Para subjugar as tribos nômades, ergueu-se no Irã, sobre as bases do indo-Krusch, em Baktra, ⁽⁵⁾, uma fortaleza, uma cidade de pedra. Para lá, o rei Zohak convocou todas as tribos árias, a fim de reconhecerem o seu imenso poder.

Ardjasp rendeu-se com os de sua tribo, não para submeter-se, mas para olhar o inimigo cara a cara.

O rei Zohak, envolto em uma pele de lince, ocupava um trono de ouro colocado sobre uma colina coberta de peles ensanguentadas de búfalos. Em torno dele, formando um amplo círculo, permaneciam os caudilhos, armados com ponteagudas lanças. A um lado, um pequeno grupo de árias. Em outro, centenas de turânios. Atrás do rei abria-se um templo rústico talhado na montanha como uma espécie de gruta. Dois enormes dragões de pedra, toscamente esculpidos sobre enormes blocos de pórfiro, guardavam a entrada e serviam como ornamento. No centro, sobre um altar de basalto, ardia um charco escarlate onde atiravam esqueletos humanos, sangue de escorpiões e de touros.

Por trás da pira ardente viam-se, de quando em quando, duas enormes serpentes aquecendo-se na chama. ⁽⁶⁾ Possuíam patas de dragão e carnudos capuchos de cristas móveis. Eram as últimas sobreviventes dos pterodáctilos antediluvianos. Estes monstros obedeciam aos bastões de dois sacerdotes.

Era o templo de Angra-Mayniú (Arimã), senhor das potestades das trevas, deus dos turânios.

Tão logo Ardjasp chegou com os homens de sua tribo, os soldados conduziram uma cativa para diante do rei. Era uma mulher magnífica, quase nua. Um debrum de tecido cobria a sua cintura. Os aros de ouro que envolviam-lhe os tornozelos indicavam sua nobre estirpe. Tinha os braços amarrados às cos-

(5) A moderna Balk, em Bactriana.

(6) Daí advém que, nas tradições persas do *Zerduscht-Naméh* e do *Schah-Naméh*, se represente o rei Zohak com duas serpentes saindo-lhe das costas.

tas e gotas de sangue salpicavam-lhe a pele alva. Ia presa pelo pescoço por uma corda trançada com crina de cavalo, quase tão negra quanto os cabelos soltos que cobriam suas costas e seus seios palpitantes.

Ardjasp, horrorizado, reconheceu a mulher da fonte, Arduizur, mas aí!, como parecia diferente! Pálida de angústia, já não fulguravam os opacos olhos. Ele baixou a cabeça, com a morte na alma.

O rei Zohak falou:

— Esta mulher é a mais nobre dos árias rebeldes do monte Albordj. Ofereço-a àquele de vocês que saiba merecê-la. Antes, porém, é necessário que esse homem se consagre ao deus Angra-Mayniú, derramando seu sangue sobre o fogo e bebendo sangue de touro. Exijo que me preste imediatamente juramento em vida e na morte colocando a cabeça sob os meus pés. O que assim agir, que tome Arduizur por escrava. Se ninguém a quiser, vamos oferecê-la como pasto às duas serpentes de Arimã.

Ardjasp viu um longo calafrio estremecer o belo corpo de Arduizur dos pés à cabeça.

Um caudilho turânio, de tez alaranjada e olhos semicerrados, adiantou-se. Ofereceu o sacrifício de sangue diante do fogo e das serpentes e baixou a cabeça até colocá-la sob os pés de Zohak. Assim, cumpriu o juramento.

A cativa parecia uma águia ferida. Quando o brutal turânio passou a mão sobre a bela Arduizur, esta olhou na direção de Ardjasp. Um dardo azul saiu de suas pupilas e um grito fugiu-lhe da garganta:

— Salva-me!

Ardjasp atirou-se, espada em punho, contra o caudilho, mas os guardiões da prisioneira detiveram-no com o intento de atravessá-lo com suas lanças, quando o rei Zohak gritou:

— Detenham-nos! Não toquem nesse caudilho!

E, dirigindo-se ao jovem ária:

— Ardjasp, — disse — te darei a vida, oferecendo-te esta mulher, se me prestares juramento e te submeteres ao nosso Deus.

Diante de tais palavras, Ardjasp comprimiu as têmporas, inclinou a cabeça e dirigiu-se aos seus. O turânio reteve sua presa, Arduizur lançou outro grito e, desta feita, Ardjasp se

teria deixado matar caso seus companheiros não o tivessem detido, apertando-lhe a garganta até quase estrangulá-lo.

Morria a tarde, desaparecia o sol e Ardjasp não viu mais que um imenso rio de sangue vermelho, o sangue de toda a raça turânia que ele ardia de desejo de verter pela vítima, a divina Arduizur, ferida e arrastada no lodo. Ardjasp caiu no chão, inconsciente.

Quando o jovem chefe recobrou os sentidos, na tenda para onde o conduziram seus companheiros, distinguiu ao longe uma mulher amarrada sobre a sela de um cavalo. Um cavaleiro montou o animal, apertou a mulher com os braços e um séquito de turânios, armados de ponteagudas lanças e em cima de cavalos negros, seguiu em seu encalço. E imediatamente cavalos, garupas, cascos ao vento, desapareceram com a horda selvagem em meio a uma nuvem de poeira.

Então, Ardjasp recordou as palavras de Arduizur pronunciadas junto à fonte luminosa, sob os perfumados pinheiros: "Aquele que beber desta água, queimará em sede insaciável. Somente um Deus poderá aplacá-la." Sentia sede no sangue de suas veias, na medula dos seus ossos, sede de vingança e de justiça, sede de luz e de verdade, sede de poder para libertar Arduizur e a alma de sua raça.

IV — A voz na montanha

Corria o cavalo a todo galope pelas colinas e planícies, até que Ardjasp chegou aos montes de Albordj. Entre rochas íngremes viu outra vez a senda que conduzia ao vale de relva florida entre picos nevados.

Ao aproximar-se das cabanas de madeira, encontrou lavradores abrindo sulcos com o arado puxado por suarentos cavalos. E a terra removida ao longo dos sulcos suava também de prazer sob os dentes do arado e as patas dos animais.

Sobre um altar de pedra, em pleno campo, o venerável patriarca, administrando justiça à sua tribo. Seus olhos pareciam um sol de prata saído de níveos cimos. Sua barba, de esverdeada brancura, podia comparar-se aos líquens que recobriam os velhos cedros, nos flancos do Albordj.

— O que desejas de mim? — perguntou o patriarca ao estrangeiro — Tu sabes do rapto de Arduizur pelo rei Zohak, Ardjasp?

— Presenciei seu suplício em Baktra, convertida em prisioneira dos turânios. Tens fama de nobre e de sábio. És o último descendente dos sacerdotes do sol. És sábio e poderoso pela graça dos altos Deuses. A ti venho, em busca de luz e de verdade para mim; de liberdade e de justiça para o meu povo.

— Possuis a paciência que desafia o tempo? Estás disposto a renunciar a tudo em favor da tua obra? Pois estás apenas no começo de tuas provas e sofrerás durante toda a tua vida.

— Toma o meu corpo, toma a minha alma, — disse Ardjasp — se com eles podes oferecer-me a luz que sacia e a espada que liberta. Sim, estou disposto a tudo se posso conseguir, por meio dessa luz e dessa espada, salvar os árias e resgatar Arduizur do seu carrasco.

— Então, posso ajudar-te. — disse Vahumano — Mora conosco durante algum tempo. Vais desaparecer da frente dos olhos da tua gente. Quando te virem novamente serás outro. A partir deste momento teu nome não será mais Ardjasp e sim

Zaratustra, ⁽⁷⁾ que significa *Dourada Estrela* ou *Esplendor do Sol*. Haverás te convertido em apóstolo de Ahura-Mazda, *auréola do Onisciente, Vivente Espírito do Universo*.

Assim se converteu Zoroastro em discípulo do Vahumano. ⁽⁸⁾

O patriarca, sacerdote do sol, conservador de uma tradição que remontava à Atlântida, comunicou a seu discípulo tudo o que sabia da ciência divina e do estágio atual do mundo.

— A eleita raça dos árias — disse Vahumano — caiu sob o jugo dos turânios, exceto algumas tribos montanhesas. Estas, porém, conseguiram salvar a raça inteira. Os turânios adoram Arimã e vivem sujeitos à sua influência.

— Quem é, na verdade, Arimã?

— Existem inúmeros espíritos entre o céu e a terra. — respondeu o ancião — Infinitas são as suas formas e, assim como o céu é ilimitado, o insondável inferno possui os seus graus. Este ao qual te referes é um poderoso arcanjo chamado Adar-Assur, ⁽⁹⁾ o Lúcifer que se precipitou no abismo para queimar a todas as criaturas com o fogo devorador do seu archote. É o maior sacrificado pelo orgulho e pelo desejo, o que busca Deus em si próprio, mesmo no fundo do precipício. Caído, conserva todavia a lembrança divina e algum dia encontrará novamente sua coroa, sua estrela perdida. Lúcifer é o arcanjo da luz. Porém, Arimã ⁽¹⁰⁾ não é Lúcifer, mas apenas seu reverso e sua sombra, príncipe das potestades das trevas. Freneticamente preso à terra, nega o céu e não se dedica a outra coisa que não seja a destruição. Profanou os altares do fogo e suscitou o culto à serpente, propagador da inveja e

⁽⁷⁾ *Zaratustra* é o nome zenda do qual os gregos tomaram a forma posterior de Zoroastro. Os parsis dão ao grande profeta ária o nome de *Zerduscht*.

⁽⁸⁾ Certos cabalistas judeus, alguns agnósticos e os rosacruzistas da Idade Média confundem *Vahumano*, o grande iniciador de Zoroastro, com Melquisedec, iniciador de Abraão.

⁽⁹⁾ Encontramo-lo sob tal denominação na tradição assíria de Nínive e na tradição caldéia da Babilônia.

⁽¹⁰⁾ Em zenda, *Angra-Mayniú*. O Autor adotou neste relato a maior parte dos nomes da tradição grego-latina, porque soam melhor aos nossos ouvidos e evocam mais lembranças. O conceito de Mefistófeles, no *Fausto*, de Goethe, corresponde exatamente ao de Arimã, com o acréscimo do cepticismo e da ironia modernos.

do ódio, da opressão e do vício, do furor sanguinário. Reina sobre os turânios, atraindo seu gênio maléfico. É preciso combatê-lo e derrubá-lo para salvar a raça dos puros e dos fortes.

— Mas como combater o Invisível, se ele tece a sua trama nas trevas?

— Voltando o teu rosto para o sol que se levanta por detrás da montanha de Hara-Berezaiti. Sobe pelo bosque de cedro até chegar à gruta da águia, suspensa sobre o abismo. Ali, contemplarás, todas as manhãs, o sol nascente emergindo dos picos eretos. Durante o dia, roga ao Senhor do Sol que se manifeste em ti. No transcorrer da noite, aguarda-o e eleva a tua alma até os astros, como uma lira imensa. Esperarás durante muito tempo por Deus, pois Arimã tratará de intrometer-se em teu caminho. Uma noite, porém, na paz de tua alma, surgirá outro sol, ainda mais brilhante que aquele que aquece o topo do monte Berezaiti: o sol de Ahura-Mazda. Ouvirás sua voz e ele ditará a ti a lei dos árias.

Ao chegar a hora do seu retiro, Zoroastro disse ao seu mestre:

— Mas onde encontrarei a cativa amarrada em Baktra, arrastada na tenda do turânio, ensangüentada sob o seu chicote? Como arrancá-la de suas garras? Como apagar dos meus olhos aquele belo corpo atado, salpicado de sangue, que grita e chama por mim incessantemente? Ai!, não tornarei mais a ver a filha dos árias, a que apanha a água luminosa sob os perfumados pinheiros e cujos olhos deixaram em meu coração suas flechas de ouro e seus dardos azuis? Quando verei Arduizur outra vez?

Vahumano ficou-se um instante em silêncio. Seu olhar firme tornou-se baço, embotado como os galhos congelados dos pinheiros hibernais. Uma tristeza imensa parecia pesar sobre o ancião, semelhante à que se projeta sobre os cumes do Albordj depois que o sol se põe.

Por fim, solenemente, estendeu o braço direito, murmurando:

— Ignoro-o, meu filho. Ahura-Mazda to dirá. Vai para a montanha!

* * *

Tendo a pele de carneiro como abrigo, Zoroastro passou dez anos nos confins do grande bosque de cedro, na gruta junto ao abismo.

Alimentava-se de leite de búfalo e do pão que os pastores de Vahumano levavam para ele de vez em quando. A águia que fazia seu ninho entre as rochas, acima da sua gruta, anunciava a aurora com os seus guinchos.

Quando o astro dourado dissipava as névoas do vale, chegava a águia com grande rumor de asas à entrada da caverna, como que para ver se o solitário dormia. Logo, descrevia vários círculos sobre o precipício e partia, rápida, em direção às planícies.

Passaram-se os anos, segundo os livros persas, antes que Zoroastro ouvisse a voz de Ormuz e contemplasse a sua glória. A princípio, atacava-o Arimã com suas tropas enfurecidas.

Os dias transcorriam tristes e desolados para o discípulo de Vahumano. Terminadas as suas meditações, os exercícios espirituais e as preces diurnas, pensava no destino dos árias oprimidos e corrompidos pelo inimigo. Amiúde, vinha-lhe também ao pensamento a sorte de Arduizur. O que seria da mais formosa das filhas dos árias nas mãos dos turânios odiosos? Teria afogado a sua angústia nas águas de algum rio ou teria suportado o seu ultrajante destino? Suicídio ou degradação, não cabia outra alternativa. Uma era tão horrível quanto a outra. E Zoroastro via, a todo momento, o belo corpo ensanguentado de Arduizur esmagado pelas cordas. Tal imagem riscava as meditações do incipiente profeta como um relâmpago ou um farol.

As noites eram piores do que os dias. Os sonhos noturnos superavam em horror os pensamentos que lhe vinham quando em vigília. Porque todos os demônios de Arimã, terrores e tentações, assaltavam-no sob formas animais, aterradoras e ameaçadoras. Um exército de chacais, morcegos e serpentes aladas invadia a caverna. Seus grunhidos, assobios e zumbidos provocavam-lhe dúvidas sobre si mesmo, fazendo-o temer pelo resultado de sua missão.

Porém, durante o dia, Zoroastro recordava os milhares e milhares de árias nômades, oprimidos pelos turânios, em secreta revolta contra o seu jugo; os altares profanados, as blasfêmias e as invocações maléficas; as mulheres raptadas e reduzidas à condição de escravas, como Arduizur.

E a indignação devolvia-lhe o arrebatamento perdido.

Antes do raiar da aurora, subia às vezes ao alto de sua montanha coberta pelos cedros e ouvia o vento gemer entre os

galhos esticados como harpas elevadas ao céu. Do cume, contemplava o abismo, de declives verdes e escarpados, os brancos cimos rígidos dos picos semelhantes a agulhas e, ao longe, sob uma bruma rosada, a planície do Irã.

“Se a terra”, dizia Zoroastro a si mesmo, “possui a força para elevar com tal ímpeto seus milhares de seios em direção ao infinito, por que eu não hei de ter o poder de sublevar meu povo com igual ímpeto?” E quando o esplendor do astro-rei dourava a neve do alto dos montes, dissipando com um único raio, qual uma lança aguda, as brumas do abismo, Zoroastro acreditava em Ormuz. E rezava todas as manhãs a prece que Vahumano lhe ensinara: “Levanta, ó, rútilo sol! Ascende com teus cavalos impetuosos sobre o Hara-Berazaiti e ilumina o mundo!”

Mas Ormuz não chegava. Os sonhos noturnos tornavam-se cada vez mais assombrosos. Assediavam-no os mais horríveis monstros e, por trás de seus movimentos inquietos, uma sombra aparecia vestida com véus negros, o rosto oculto por escuro manto, assim como seu corpo. Permanecia imóvel e parecia contemplar o adormecido. Era o vulto de uma mulher? Não podia ser Arduizur. A figura branca que ia buscar água na fonte não teria aquele aspecto sinistro. Aparecia e desaparecia, em perpétua imobilidade, sempre coberta, fixando a obscura máscara do seu rosto sobre Zoroastro.

Durante um mês chegava todas as noites encimando a agitada e demoníaca onda. Por fim, pareceu aproximar-se e inflamar-se. Por trás do escuro véu, cintilava em fugazes fulgores um corpo nacarado, de fosforescente formosura. Era uma tentadora enviada por Arimã, uma daquelas larvas que induzem os homens a lúbricos amores entre as tumbas marmóreas sob os ciprestes dos cemitérios? Não. A velada sombra exalava demasiada majestade e altivez.

Uma noite, contudo, inclinou-se sobre ele e, através do véu negro, saiu-lhe da boca um sopro cálido que percorreu as veias do vidente como um rio de fogo.

E Zoroastro despertou suado, cheio de angústia, em seu leito de folhas, sob a pele de búfalo. Não se percebia na noite mais que o uivo do vento no abismo profundo, ao prender-se em rajadas e torvelinhos, do vento desesperado que respondia à voz áspera e selvagem da torrente.

Porém, pouco a pouco, mês após mês, em suas visitas espaçadas, aclarava-se o vulto feminino. De negra, tornou-se cinza, depois alvacenta, e parecia trazer consigo raios e flores, porque agora vinha sozinha. Conseguira expulsar os demônios do seu rosado nimbo.

Um dia, mostrou-se quase transparente à luz de uma incerta aurora e estendeu os braços em direção a Zoroastro, como em um gesto de inefável despedida. E assim permaneceu por muito tempo, silenciosa e velada. Logo, mudando a expressão, mostrou o sol nascente. Depois, voltou-se e diluiu-se em seu próprio fulgor, como que consumida e integrada em sua radiação.

Zoroastro despertou e caminhou até o extremo da gruta que bordeava o abismo. Era pleno dia. O sol brilhava no alto do firmamento. Naquele instante, ainda sem distinguir os detalhes mínimos das feições do Vulto, o eremita teve o pressentimento irrecusável de que aquele fantasma era a alma de Arduizur e de que não tornaria a vê-la neste mundo.

Permaneceu imóvel durante longo tempo. Uma dor aguda o afligia e, de seus olhos, correu uma torrente silenciosa de lágrimas que o frio congelava entre os fios de sua barba. Depois, subiu ao alto da montanha. O sol de primavera derretia as estalactites de gelo pendentes dos galhos dos velhos cedros. A neve cristalizada cintilava nos topos da cordilheira do Al-bordj como se eles chorassem lágrimas de gelo.

Os três dias e as três noites seguintes representaram para Zoroastro o mais profundo de sua desolação. Vivia a Morte, não a sua, mas a de todos os seres. Vivia n'Ela e Ela vivia nele. Já não esperava mais nada. Não mais invocava Ormuz e não encontrava descanso senão no enfraquecimento de todo o seu ser, caminhando para a inconsciência.

Mas eis que, durante a terceira noite, no mais profundo sono, ouviu uma voz imensa, semelhante ao retumbar do trovão, e que terminava em melodioso murmúrio. Imediatamente precipitou-se sobre ele um turbilhão de luz, de tal forma que ele pensou ter a sua alma se lhe desprendido do corpo. Sentia que a cósmica potestade que o freqüentava desde a infância, que o havia como que acolhido em seu vale para transportá-lo até o alto, que o Invisível e o Inominado iam manifestar-se em sua inteligência por meio da linguagem com a qual os deuses falavam aos homens.

O Senhor dos espíritos, o rei dos reis, Ormuz, o Verbo Solar, apareceu-lhe sob a forma humana. Envolto em formosura, poderoso e iluminado, fulgurava sobre o seu ígneo trono. Um touro e um leão alado, um em cada flanco, sustentavam o assento e uma águia monstruosa estendia suas asas debaixo da base do trono. Ao redor, resplandeciam, formando três semi-círculos, sete Querubins de asas de ouro, sete Eloím de asas azuis e sete Arcanjos de asas purpurinas. ⁽¹¹⁾

De vez em quando um relâmpago partia de Ormuz, penetrando em seus três mundos de luz. Então, os Querubins, os Eloim e os Arcanjos reluziam como o próprio Ormuz em sua branca fulguração para voltar logo em segunda à sua cor própria. Inundados da glória de Ormuz, manifestavam a unidade de Deus; luzentes como o ouro, a púrpura e o azul, tornavam-se o seu prisma.

E Zoroastro ouviu uma voz formidável, embora melodiosa e vasta como o universo, que dizia:

— Eu sou Ahura-Mazda, o que te criou e escolheu. Agora escuta a minha voz, ó, Zaratustra, o melhor dos homens! Falarei contigo dia e noite e ditarei para ti a palavra da Vida. ⁽¹²⁾

Então, ele teve uma ofuscante visão de Ormuz com o seu círculo trino de Arcanjos, Eloim e Querubins. O grupo se tornou imenso, tomando toda a amplidão do abismo e ocultando os picos pontegudos do Albordj, esmaecendo à medida que se afastava para invadir todo o firmamento. Durante breves instantes, cintilaram as constelações através das asas dos Querubins. Em seguida, tudo se diluiu na imensidão. Porém, o eco da voz de Ahura-Mazda ainda ressoava na montanha como um uivo distante que, ao apagar-se, parecia um escudo de bronze a vibrar. Zoroastro tombou de bruços. Quando despertou, achava-se de tal forma aniquilado que refugiou-se no mais escuro canto de sua gruta.

Então, a águia que fazia ninho acima de sua cabeça saiu do abismo, onde em vão procurara a sua presa, e pousou com segurança a poucos passos do solitário, como se a ave real de Ormuz por fim reconhecesse o seu profeta.

(11) No *Zend-Avesta* chama-se aos Querubins de *Ameshapendadas*, aos Eloim de *Yzeds* e aos Arcanjos de *Ferueres*.

(12) *Zend-Avesta* significa, em língua zenda, "palavra da Vida"

Do dorso da águia pingavam gotas de chuva. Ela alisou com o bico as penas ásperas. Depois, ao reaparecer de trás de uma nuvem o astro rei do dia, a águia estendeu as asas a secar e olhou fixamente o sol.

A partir daquele momento, Zoroastro ouviu a cada dia a palavra de Ormuz.

Falava-lhe ele noite e dia, como uma voz interior, por meio de imagens ardentes, expressão dos vivos pensamentos do seu Deus. Mostrou-lhe Ormuz a criação do mundo e sua própria origem, ou seja, a manifestação da palavra viva no universo, ⁽¹³⁾ as hierarquias ou potestades cósmicas, a necessária luta contra Arimã, inimigo do trabalho construtivo, espírito do mal e da destruição, e as maneiras de combatê-lo por meio de preces e do culto do fogo.

Ensinou-o a lutar contra os demônios através do pensamento vigilante e contra os impuros (os turânios) por intermédio das armas consagradas. Instruiu-o no amor do homem pela terra e no amor da terra pelo homem que a cultiva, sua contribuição no esplendor das colheitas, seu júbilo de ser lavrada e seus poderes secretos convertidos em bênçãos para a família do lavrador.

Todo o *Zend-Avesta* nada mais é que uma longa conversa entre Ormuz e Zoroastro: “O que é mais agradável na terra?”. Ahura-Mazda responde: “— Um homem puro pisando-a.” “E em segundo lugar, o que de mais belo há na terra?” — “Um homem puro construindo uma morada provida de fogo, habitada por mulher e filhos, com gado e rebanhos belos. *Porque existe em tal morada abundância de retidão.*” ⁽¹⁴⁾

E Zoroastro, pela voz de Ormuz, ouviu a resposta que a terra dá ao homem que a respeita e cultiva: “Homem, te sustentarei sempre e estarei sempre contigo.” E a terra o presenteia

(13) “Na religião de Zoroastro — disse Silvestre de Sacy —, se evidencia que, com exceção do tempo, tudo foi criado: o tempo é o criador, porque não tem limites. Carece de dimensão e de princípio; sempre foi e sempre será, eternamente. Apesar dessas excelentes prerrogativas que o tempo possui, ninguém lhe havia concedido o atributo de criador. Por quê? Porque nada criara. Depois gerou o fogo e a água. Quando os pôs em contato, veio Ormuz à existência. E desde então foi o tempo senhor e criador, pela obra que acaba de criar”.

(14) Terceiro “fargard” do *Vendidad-Sadé* (1-17).

com seus bons aromas e seu hálito benéfico e o broto nascente do trigo verde e a colheita esplêndida.

Ao contrário do pessimismo budista e da doutrina da não-resistência, há no *Zend-Avesta* (eco das íntimas revelações de Zoroastro) um otimismo sadio e uma combatividade enérgica. Ormuz condena a violência e a injustiça, porém impõe a coragem como a primordial virtude do homem.

No pensamento de Zoroastro se percebe a contínua presença do mundo invisível, das hierarquias cósmicas, mas toda a atenção se concentra na atividade, na conquista da terra, na disciplina da alma e na energia da vontade.

O inspirado profeta do Albordj tinha o hábito de anotar suas revelações interiores sobre uma pele de cordeiro, com um estilete de madeira esquentado ao fogo, em forma de caracteres sacros que lhe havia ensinado Vahumano.

Mais tarde, seus discípulos anotaram os pensamentos posteriores como prolongamento de seus escritos. Isto foi depois do *Zend-Avesta*, escrito originalmente sobre peles de animais, como foi escrito o *Alcorão* dos árabes, e conservado em uma espécie de arca santa, de madeira de cedro, guardando a cosmogonia, as orações e as leis com as cerimônias do culto.

V — O grande combate

Quando, após dez anos de solidão e de meditação, Zoroastro regressou à sua tribo natal, somente os parentes o reconheceram.

Uma chama bélica brotava do mistério de seus grandes olhos e uma soberana autoridade emanava de suas palavras. Convocou a sua tribo e as tribos árias vizinhas a fim de incitá-las às lutas contra os turânios. Simultaneamente, porém, anunciou-lhes a sua revelação, o *Zend-Avesta*, o verbo vivo, a palavra de Ormuz.

Esta palavra converteu-se no centro animador de sua obra. Purificação, trabalho e luta foram as três disciplinas. *Purificação* do espírito e do corpo pela oração e pelo culto do fogo a quem chama “filho de Ormuz”, que traz em si o sopro de Deus. *Trabalho* da terra com as ferramentas da lavoura e o cultivo das árvores sagradas, o cipreste, o cedro e a laranjeira; trabalho coroado de amor com a esposa, sacerdotiza do lar. *Luta* contra Arimã e os turânios inimigos.

A vida dos árias, sob o comando de Zoroastro, foi deste modo uma interminável vigília armada, um combate incessante ritmado e mitigado pelas tarefas campestres e os gozos másculos do lar.

Os hinos a Ormuz embelezavam o sacrifício do fogo. A primitiva cidade fundada por Zoroastro converteu-se em florescente urbe e fortaleza. Semeava-se com o arco na mão e a flecha na cintura. Trabalhava-se o campo de batalha e colhia-se durante os dias de paz.

Avançava-se lentamente. Sobre cada terreno conquistado, Zoroastro fazia erigir a cerca de paliçada, gérmen de uma cidade futura, e, no centro, o altar de fogo sob um pórtico rodeado de ciprestes, aqui e ali vizinho a uma fonte.

Instituíram-se os *mobeds* ou sacerdotes e os *destores* ou doutores da lei. Foi proibido, sob pena de morte, dar as filhas por esposas aos turânios e tomar as filhas daqueles por esposas.

Zoroastro deu a seus guerreiros lavradores, por símbolo, os animais sagrados, seus companheiros e colaboradores: o cão

fiel, o cavalo diligente, o galo vigilante. “O que nos diz o canto mas os guardiões da prisioneira detiveram-no com o intento de O Gênesis expressa isso admiravelmente com a palavra Eloím, do galo? Levanta que já é dia. O que cedo madruga, entra no paraíso.”

Como todos os verdadeiros iniciados, Zoroastro não ignorava a lei da reencarnação, mas nunca falava sobre ela. Não era sua missão revelá-la. Esta idéia teria atrasado a raça ária em seu trabalho imediato através da agricultura e da cristalização da família. Porém, ensinava a seus adeptos o princípio do *Karma* em sua forma elementar, ou seja, que a vida futura é consequência do presente comportamento. Os impuros vão para o reino de Arimã. Os puros ascendem por um caminho luminoso construído por Ormuz, resplandecente como um diamante, estreito como o fio de uma espada. No alto, espera por eles um anjo alado, belo como uma virgem de quinze anos, que lhes diz: “Sou obra tua, teu verdadeiro eu, tua própria alma esculpida por ti mesmo.” (15)

Era Zoroastro assaltado de vez em quando por uma tristeza profunda e invencível. A terrível melancolia dos profetas, angustiante resgate de seus êxtases. Sua missão era vasta como os horizontes do Irã, onde as montanhas galopavam por trás das montanhas, onde as planícies se escondiam por trás das planícies.

Porém, quanto mais era atraído por Ahura-Mazda, mais se afastava a grandeza do profeta do coração dos homens, embora ainda convivesse e lutasse entre eles.

Por vezes, durante entardeceres outonais, desfilavam diante dele mulheres transportando feixes de colheitas. Algumas se ajoelhavam e ofereciam seus amarrados de trigo ao profeta sentado sobre uma pedra, junto ao altar compestre. Ele estendia um braço em direção a algumas delas, murmurando frases, contemplando-lhes as nuca fortes e os braços bronzeados pelo sol.

(15) Veja-se no *Zend-Avesta* (tradução de Anquetil-Duperron, o heróico descobridor da língua zenda e da primitiva religião persa) o relato de certa tentação de Zoroastro por Angra-Mayniú (Arimã), seguido pelos meios de combatê-lo, valendo-se de preces e invocações. Termina o capítulo com uma descrição do conceito de alma entrevisto por Zoroastro em uma espécie de visão (*Vendidad-Sadé*, 19.º “fargard”).

Uma ou outra recordava-lhe Arduizur, mas nenhuma possuía a brancura luminosa da Virgem que ia à fonte azul; nenhuma possuía a majestade do seu porte; nenhuma possuía o semblante de filha de rei; nenhuma possuía o olhar de águia ferida, que penetrava como uma seta; nenhuma possuía a harmonia de sua voz que emergia como uma onda de cristal. Ouvia-a, ainda, clamando: “Salva-me!” E ele não pudera salvá-la.

Aquele grito terrível havia estimulado o fogoso mancebo, transformado em Zoroastro graças ao sábio Vahumano. Por causa daquele grito tinha ele sublevado a sua tribo e despertado toda a raça dos árias para sua própria consciência, por meio de uma luta de vida e morte. Daquele grito de mulher angustiada nascera a sua obra. Porém, ela... Arduizur, onde definhava, viva ou morta? Zoroastro, que tanto sabia, ignorava-o. Apesar de tantas preces, Ahura-Mazda não o havia revelado. Uma sombria nuvem de dor velava o seu segredo.

VI — O anjo da vitória

Depois de quarenta anos de lutas tumultuosas e de inúmeras peripécias, Zohak, rei dos turânios, que não havia deixado de fustigar os vencedores, apareceu morto em sua fortaleza, assaltado pelos árias.

Zoroastro proclamou Lorasp rei e instaurou o culto de Ormuz em Baktra, logo depois de haver mandado esquartejar as duas serpentes e cobrir com blocos de pedra e areia a caverna onde se celebrava o infame culto a Arimã.

Cumprida assim a sua obra, voltou ao seu retiro para que Ormuz lhe comunicasse o futuro de sua raça e ele pudesse transmitir logo a revelação aos seus. E ordenou a três de seus melhores discípulos que, transcorrido um mês, se reunissem no monte Albordj para receber suas últimas instruções.

Queria Zoroastro terminar seus dias na montanha onde ouvira pela primeira vez a voz de Ormuz, pois sabia que ali seu Deus lhe comunicaria sua última mensagem. Porém, antes de abandonar este mundo, recomendou a seus fiéis, como conclusão e resumo do *Zend-Avesta*:

— Vós, que me escutais, não presteis jamais atenção a Arimã, a aparência das coisas e das trevas, mas considerai o fogo original, a Palavra, Ahura-Mazda e vivei nele. Aqueles que me ouvirem não se arrependerão quando chegar o final dos tempos. ⁽¹⁶⁾

Quando Zoroastro chegou à sua caverna, nos primeiros dias de primavera, caía ainda a neve sobre o Albordj e o vento forte açoitava os topos brancos e os cedros silvestres. Os pastores que o conduziram acenderam o fogo e se foram.

E o profeta, cansado e abatido por tantas jornadas, pôs-se a pensar, contemplando a dança das chamas transparentes e vermelhas sobre o archote resinoso.

(16) *Ahura-Mazda*, halo solar, representa aqui a coroa de espíritos divinos, criadores do sol e que formam sua aura, vivificada por Ormuz. Esta auréola espiritual é, de certo modo, a alma vivente do astro-rei no pensamento mazdeísta.

Evocou todos os acontecimentos de sua vida como em um único quadro. Reviveu tudo como um manancial abundante, desde sua origem até a foz. O claro riacho montês se havia convertido em um caudaloso leito onde um rio impetuoso, deslizando sobre a areia, escumava-se de encontro às pedras.

Junto às suas margens surgiram cidades e navios sulcaram-lhe as águas. E eis que, aqui, sua majestosa corrente mergulhava na imensidão do oceano!... Cumprira a sua tarefa. Os árias estavam livres. Porém, não obstante, que futuro aguardava a sua raça?

A noite caía e fazia frio. O velho profeta tiritava junto ao fogo. Exclamou, então: “Ó, divino Senhor Ormuz, eis-me aqui, perto do fim. Nada me resta. Sacrifiquei tudo pelo meu povo. Obedeci a tua voz. Para tornar-se Zoroastro, Ardjasp renunciou à divina Arduizur... E Zoroastro jamais tornou a vê-la! Esvaiu-se no espaço infinito e o Senhor Ormuz a devolveu ao seu profeta. Tudo sacrifiquei para que minha raça tivesse homens livres e esposas nobres. Nenhuma delas, porém, possui o esplendor de Arduizur, a chama áurea que emanava de seus olhos... Permite-me conhecer, pelo menos, o futuro que aguarda os meus...”

E, murmurando estas palavras, Zoroastro percebeu o estrondo de um trovão distante seguido da vibração de mil escudos de bronze. O ruído aumentava, à medida que se aproximava, e tornou-se por fim terrível. Tremiam todas as montanhas e a voz do Deus irado pareceu querer derreter a cordilheira do Albordj.

Zoroastro não pôde nem ao menos gritar. “Ahura-Mazda, Ahura-Mazda!” E o profeta, cheio de terror, foi deixando-se cair ao chão, sob o fluxo da retumbante voz provinda das alturas.

E logo Zoroastro contemplou o máximo esplendor de Ormuz, como o vira nos primeiros dias de sua revelação, embora ele agora não trouxesse consigo sua coroa de *ferueres* e de *ameshapendas*. Somente os três animais sagrados, o touro, o leão e a águia, sustentavam o trono ígneo, fulgurando aos pés de Ormuz. E Zoroastro ouviu a voz do seu Deus percorrer os espaços, ecoando em seu coração:

— Por que — dizia — anseias em saber o que só pertence ao teu Deus? Nenhum profeta conhece por inteiro os pensamentos do Verbo. Não duvides nunca de Ahura-Mazda, ó,

Zoroastro!, o melhor dos homens. Porque em minha balança está o destino de todos os seres e também o teu. Queres conhecer o futuro da tua raça? Observa, então, o que farão os povos da Ásia com os três animais que sustentam o meu trono.

E a fulgurante visão de Ormuz desapareceu e Zoroastro sentiu-se transportado em espírito até as épocas futuras. Voando através do espaço, viu a seus pés o desfilar tumultuoso das montanhas e a fuga procelosa das planícies, como se fora o rápido desfolhar das páginas de um livro.

E distinguiu o Irã até o Mar Cáspio, a Pérsia junto ao Touro e ao Cáucaso, a Mesopotâmia próxima ao Golfo Pérsico. Viu primeiro uma tropa de turânios arrebataram de novo a fortaleza de Baktra e profanaram o templo de Ormuz. Em seguida, às margens do Tigre, viu levantar-se a orgulhosa Nínive, com inúmeras torres, templos e palácios. Um gigantesco touro alado com cabeça humana, símbolo do seu poderio, descansava sobre o arco da cidade. E Zoroastro observou que o touro transformava-se em búfalo selvagem e assolava as planícies, pisoteava os povos vizinhos, dentre os quais os puros árias, que fugiam em massa na direção do Norte.

Viu, depois, uma outra cidade, bem maior, nas cercanias do Eufrates, elevar-se com sua muralha dupla e suas pirâmides, a imensa Babilônia. No interior de um dos templos, dormia, enroscada, uma colossal serpente. A águia de Ormuz, rompendo os ares, tentou atacá-la. Porém, a serpente, erguida, rechaçou-a com seu sopro de fogo e se foi, vertendo veneno sobre os povos ao redor. Por fim, Zoroastro viu o leão avançar vitorioso à frente de um exército de persas e medas. Porém, subitamente, o rei do deserto transformou-se em um tigre feroz que devorava as pessoas, despedaçando os sacerdotes dentro dos templos consagrados ao sol, às margens do Nilo.

Zoroastro despertou do seu sonho, lançando um grito de horror: “Se tal é o futuro que ameaça os árias, a raça dos puros e dos fortes — clamou o profeta —, então eu lutei em vão. Se assim vai acontecer, desembainharei minha espada, que até agora permaneceu limpa do sangue inimigo, para temperá-la com o sangue turânio. Apesar de velho, avançarei sozinho até o Irã para exterminar até o último filho de Zohak. Para evitar a destruição do meu povo me converterei em prisioneiro de Arimã... como a nobre Arduizur.”

Então, a voz de Ormuz se elevou, como um suave murmúrio, como o sopro da brisa entre os galhos dos grandes cedros, e disse: “Detém-te, meu filho! Acalma teus ímpetos, grande Zoroastro. Não deve a tua mão jamais empunhar a espada. Tua missão está cumprida. Sobe ao alto da montanha de onde se vê surgir o sol por trás das cristas do monte Berezaiti. Tu viste o futuro com olhos de homem; agora o contemplarás com os olhos dos Deuses. . . Ali brilha a justiça de Ormuz e te espera o Anjo da Vitória. . .”

— É a morte! — murmurou a voz de Arimã, vinda do abismo profundo e tenebroso.

— É a ressurreição! — clamou a voz de Ormuz, vinda do céu.

E de pronto Zoroastro percebeu uma espécie de arcada luminosa que, partindo dos seus pés, se elevava até o firmamento, aguda como o fio de uma espada, luzente como um diamante. . .

Arrebatada do corpo, como se fora conduzida por uma águia, subiu a sua alma. . .

No ponto mais alto, uma mulher soberba, revestida de luz, permanecia de pé sobre a ponte Tinegade, brilhante de majestade e de sobre-humana graça. Como que dos alvos astros, brotaram-lhe as asas. E ela estendeu ao profeta uma taça de ouro de onde transbordava uma bebida espumante. Parecia a Zoroastro que a conhecera eternamente e por isso não pôde dizer-lhe o nome. Como era refulgente o seu maravilhoso sorriso!

— Quem és tu, ó, prodígio!?

— Ó, Mestre! Não me reconheces? Sou Arduizur. . . Tua criação. Sou mais que tu mesmo. Sou tua alma divina. . . Porque me salvaste, me chamaste à vida! Quando, cega de horror e de cólera, assassinei meu raptor, o caudilho turânio, quando fui depois apunhalada por seus irmãos, errou a minha alma durante muito tempo por entre as trevas. Era eu a sombra que te visitava. Perseguia-te, em meio ao meu desconsolo, aos remorsos, aos meus desejos. . . Porém, tuas preces, tuas súplicas e tuas lágrimas me elevaram pouco a pouco do reino de Arimã. Sobre o incenso do teu amor, sobre o relampejar dos teus pensamentos, elevei-me e aproximei-me do esplendor de Ormuz. Vamos por fim beber na taça da vida imortal, na fonte do luz!

E a bela Arduizur, transfigurada em Anjo da Vitória, se lançou nos braços de Zoroastro, como a esposa se lança nos

braços do esposo, enquanto aproximava de seus lábios a espumante taça da eterna juventude.

Pareceu ao profeta, então, que uma radiosa onda de fogo o envolvia por inteiro. E, no mesmo instante, diluiu-se Arduizur para fundir-se com seu salvador.

Agora Arduizur pulsa no coração de Zoroastro. Olha através dos olhos dele e ele olha através dos olhos dela. E ambos contemplam a glória de Ormuz. Futuramente serão apenas um. Zoroastro sabe que Arduizur pode afastar-se sem separar-se dele, ou diluir-se em sua essência sem deixar de ser ela mesma.

De súbito, dirigindo seu olhar à terra, o profeta viu as árias avançando em longas caravanas, em tribos ou grupos. Arduizur, à frente, os guiava em direção ao Ocidente. . . Arduizur, convertida em Alma da raça branca!

* * *

Quando os três discípulos foram ao encontro do seu Mestre, não o encontraram. Na gruta, não havia senão o seu cajado silvestre e o copo de ouro com o qual derramava no fogo o licor fermentado.

Buscaram em vão por toda parte. No alto da montanha tampouco havia qualquer vestígio do profeta.

A águia, sua companheira, voava solitária sobre o abismo. Quando, com seu forte bater de asas, roçava a entrada da caverna, parecia buscar o irmão de sua solidão, o único homem que ousara, como ela, contemplar o sol de frente.

Livro X
BUDA

I — A Índia

A Índia é, por excelência, o país dos mistérios e das ocultas tradições, por ser o mais antigo e o de mais densa história do mundo. Em nenhuma parte a humanidade viveu tanto em plena natureza. Ali, enormes montanhas surgiram por trás de montanhas; espécies se transformaram sobre espécies e raças humanas deslizaram umas sobre as outras como o limo dos rios.

O *Djampudvipa*, a terra encrespada de montanhas (assim Valmiki, o Homero hindu, chama a sua pátria), viu evoluírem seres vivos, desde os sáurios e as monstruosas serpentes da Lemúria até os mais belos exemplares da raça ária, os heróis do *Ramayana*, de tez clara e olhos de lótus.

A Índia viu toda a escala dos tipos humanos, desde os descendentes das raças primitivas, de condição quase animal, até os sábios solitários dos Himalaias e o perfeito Buda, Sakia-Muni.

E de tudo o quanto pululou durante épocas inumeráveis sob o sol dos trópicos, sobre o seu solo fecundo, a Índia conservou algo. Monumentos grandiosos, animais raros, tipos de humanidades desaparecidas, lembranças de épocas imemoriais que pairam ainda no ar embalsamado e nas antigas orações.

Dos tempos antediluvianos, guarda ela o elefante, majestoso e sábio, a jibóia feroz e os exércitos de macacos brincalhões. Do período védico subsiste o culto aos elementos e aos antepassados.

Apesar da invasão muçulmana e da conquista inglesa, a civilização brâmane reina como perpétua senhora com seus milhões de divindades, suas vacas sagradas e seus faquires, seus templos encravados no coração dos montes e seus pagodes monstruosos, pirâmides de deuses superpostos erguidas nos bosques e nas planícies. Ali ninguém se assombra ao encontrar os mais violentos contrastes. O mais grosseiro fetichismo vive em paz com a mais refinada filosofia. Ao lado do misticismo e do pessimismo transcendentais, as religiões primitivas celebram ainda seus agitados rituais.

Os forasteiros que assistiram a festa primaveril de Siva, em Benarés, comprovaram isso. Não sem assombro, viram todo um povo composto de brâmanes e marajás, príncipes e mendigos, sábios e faquires, mancebos seminus e mulheres de maravilhosa formosura, crianças de porte grave e velhos cambaleantes, sair como uma maré humana dos palácios e dos templos que rodeiam a margem esquerda do Ganges percorrendo um caminho de duas léguas. Contemplaram esta multidão, ostentando sedas suntuosas e sórdidos farrapos, descer as escadarias gigantescas para lavar seus pecados nas águas pútridas do rio sagrado e saudar com exclamações entusiastas, acompanhada de uma chuva de flores, a Aurora índica, a Aurora de semblante de rosa e coração de âmbar que precede o fulgurante sol. E perceberam a profunda emoção do culto védico, ainda vivo no coração da Índia, e a grande comoção religiosa dos primeiros dias da humanidade ária.

Outros viajantes, impelidos por uma espécie de piedade atávica e pela sede das origens, penetraram até o manancial do Ganges. E provaram uma sensação ainda mais intensa e mais rara, já que ouviram os hinos sacros dos peregrinos ao raiar a alvorada, o rumor das águas fluídas, das neves eternas e os primeiros clarões matinais no céu límpido por sobre as montanhas himalaicas.

De onde vem, pois, a este povo e a esta terra, seu caráter maravilhoso e único? A que se deve que aqui o passado venerável e distante domine ainda o presente, enquanto que em nossas cidades do Ocidente o atual absorve o passado em sua febre de renovação, como se desejasse pulverizá-lo sob o ódio cego de suas máquinas?

A resposta se encontra na missão divina da Índia. Esta missão consiste em perpetuar através dos anos e de divulgar entre outras nações as mais antigas tradições humanas e a ciência divina subjacente na alma. Tudo contribui para isso, a configuração geológica, as virtudes que irradiam da raça iniciadora, a elevação e a amplitude de sua inspiração primeira e também a diversidade das raças que fizeram deste solo um desordenado e prodigioso formigueiro humano.

O mar e a montanha, que moldam a face do planeta, uniram-se para fazer da Índia o país da contemplação e do sonho, rodeando-a com suas massas líquidas e rochosas.

Ao Sul, o Oceano Índico envolve suas costas quase sempre inatingíveis. Ao Norte, ergue-se, barreira intransponível, a mais alta cordilheira do globo, “o Himavat, teto do mundo e trono dos deuses”, que a separa do resto da Ásia e que parece querer uni-la ao céu.

Também os Himalaias emprestam à Índia o seu caráter único entre os países tropicais. Todas as estações, toda a flora e a fauna se escalonam em seus flancos, desde a palmeira gigante ao abeto alpino, desde o rajado tigre de Bengala à lanosa cabra de Cachemira. De suas cúpulas de gelo vertem-se, até as planícies tostadas, três grandes rios: o Hindu, o Ganges e o Bramaputra. Por fim, pelas fendas de Pamir desceu a raça eleita dos conquistadores guiados por seus deuses. Vertente humana, não menos fecunda, que, mesclando-se com as raças indígenas, viria a criar a civilização índica.

Parece que o poeta Valmiki resumiu o milagre ário no princípio do seu *Ramayana* quando descreve o Ganges lançando-se do alto dos céus sobre os Himalaias, por invocação dos mais poderosos ascetas. No começo, os Imortais se mostraram em todo o seu esplendor e à sua vida o céu se iluminou com deslumbrante claridade. Logo o rio desceu e a atmosfera se encheu de espuma como um lago prateado por uma multidão de cisnes. Depois de saltar de cascata em cascata, de vale em vale, ganhou o Ganges a planície. Os deuses o precediam sobre seus carros cintilantes; os delfins e as ninfas celestes, as Apsaras, dançaram sobre suas ondas. Homens e animais seguiram seu curso majestoso. Ganhou por fim o mar, porém nem mesmo o Oceano conseguiu detê-lo. O rio santo submergiu até o fundo dos infernos e as almas se purificaram em suas ondas para ascenderem até os Imortais.

Soberba imagem da sabedoria primordial que, descendo das alturas celestes, mergulha até as entranhas da terra para arrebatá-lhes os segredos.

II — A Índia, no surgimento de Buda

Durante milhares de anos, a civilização brâmane desenvolveu seu esplendor, mantendo seu equilíbrio através de guerras internas, de rivalidades dinásticas e das inovações dos cultos populares. Provinha-lhes tal equilíbrio da sabedoria védica, cujo poderio ainda perdura.

Não obstante, seis ou sete séculos antes da nossa era iniciou-se o declive. Apesar da sólida unidade religiosa que dominava a pluralidade de suas seitas, a Índia, dividida em incontáveis reinos, predisposta para as invasões estrangeiras das quais Alexandre Magno daria, três séculos mais tarde, a marca definitiva, enfraquecia e decaía. Entregue às lutas internas e às intrigas de harém, afeminados seus reis pela poligamia, deslizava sua vida entre o luxo e a indolência, enquanto o povo se abastardava pela expansão das raças inferiores. Diante dos templos de Siva, os faquires fanáticos, caricaturas dos verdadeiros ascetas, entregavam-se a odiosas mortificações sob o pretexto de alcançarem a santidade. Às sagradas virgens, as devasis, que sempre figuraram nos templos de Brama e de Vishnu, opunham-se agora as sacerdotizas de Kali. Com olhares mais ardentes do que tochas inflamadas, olhos onde brilhava a sede inextinguível de volúpia e de morte, atraíam os fiéis fascinados aos seus templos tenebrosos. Os párias se entregavam também aos prazeres mais vis, a fim de esquecerem suas dores e o jugo da escravidão. Do fundo desta sociedade subiam lamentos mesclados aos gritos de alegria selvagem com os miasmas do vício e o alento de paixões destruidoras, ameaçando suas virtudes seculares e suas conquistas espirituais.

Estas permaneciam, todavia, guardadas pelos brâmanes. Pois que, acima deste mundo, persistia com eles a tradição, a imemorial sabedoria, que se reduzia cada vez mais. Perdera sua espontaneidade primitiva, a ampla visão aberta tanto sobre o Cosmos como sobre o mundo exterior. Limitada a fórmulas abstratas, ossificava-se no ritualismo e no pedantismo escolástico, não lhe restando do seu passado mais que a prodigiosa ciência. E até mesmo esta principiava a declinar.

Venturosos os povos que, na embriaguez do ato, bebem da água do Letes e esquecem sua odisséia através do mundo! Acreditam-se nascidos ontem, posto que renascem em um dia, de um sorvo de vida e de esperança.

Os brâmanes curvavam-se ao domínio do passado humano. Séculos, milênios, *kalpas* ou períodos do mundo pesavam sobre suas costas como as massas gigantescas do Gaorisankar e tornavam frouxos os seus braços, como galhos de velhos cedros inclinados ao peso da neve.

Assim como os árias da Índia perderam pouco a pouco o espírito de conquista e de aventura, perdiam os brâmanes a fé no futuro humano. Fechados no círculo himalaico, separados dos outros povos, deixaram pulular sob eles as massas corrompidas e se afundaram em suas investigações teóricas.

Nos *Upanichades* há elevados pensamentos de admiráveis profundidades, mas percebe-se neles o desalento, o desdém, a indiferença. A força de buscarem a união com Atma, o Espírito puro, os brâmanes esqueceram, em sua egoísta contemplação, o mundo e os homens.

Naquele momento, surgiu entre os brâmanes o primeiro homem que ousou combatê-los resolutamente. Mas, circunstância curiosa!, combatendo-os, ele deveria, por fim, impelir seu secreto pensamento e fixar seu ideal ético na forma inolvidável da renúncia perfeita. Sua doutrina se nos aparece como a exacerbação e o negativo reverso do bramanismo. É a derradeira centelha do gênio hindu no oceano do infinito, centelha de uma valentia e de uma temeridade louca que finaliza por arruinar-se. Porém desta ruína veremos ressurgir duas grandes idéias, como aves migradoras sobreviventes de um desastre. Idéias fecundas, idéias-mães que levaram a quintessência da antiga sabedoria ao Ocidente, que a transformaram conforme sua missão e seu gênio.

III — Juventude de Buda

Entre as plataformas do Himalaia e o rio Rohini, prosperava antigamente a raça dos Sakias. Este nome significa os *Poderosos*.

De vastas planícies pantanosas banhadas pelas correntezas da montanha, o trabalho do homem construía uma comarca florescente e rica, salpicada de bosques densos, de claros arrozaís, de pradarias abundantes de pastos onde se nutriam esplêndidos cavalos e opulento gado.

Ali nasceu, no século VI antes de nossa era, um menino ao qual deram o nome de Sidarta. Seu pai, Sudodana, era um dos muitos reis do país, soberanos em seu domínio como o são ainda oficialmente os rajás de hoje em dia. O nome de Gautama, que a tradição outorga ao fundador do budismo, parece indicar uma família de cantores védicos do mesmo nome, seus ascendentes paternos.

Ante o altar doméstico onde ardia o fogo de Agni, o menino foi consagrado a Brama. Ele viria a se tornar também cantor e encantador de almas, porém cantor de um gênero único. Não louvaria a Aurora de seios rosados e brilhante diadema, nem o Deus solar de arco cintilante, nem o Amor que tem por flechas flores e cujo alento aturde como violento perfume. Ele entoaria uma melodia fúnebre, grandiosa e estranha, intentando envolver os deuses e os homens no estrelado sudário do seu Nirvana.

Os grandes olhos fixos deste menino, brilhantes sob uma testa extraordinariamente curva (assim a tradição sempre retratou Buda), contemplavam o mundo com assombro. Havia neles abismos de tristeza e de evocação.

Gautama passou sua infância no luxo e na ociosidade. Tudo lhe sorria no suntuoso jardim de seu pai: os bosquezinhos de roseiras, os lagos artificiais repletos de lótus, as gazelas familiares, os antílopes domesticados e as aves de múltiplas plumagens, sacudindo-se à sombra das ramagens das *asokas* e das mangueiras. Mas nada conseguia dissipar a noite precoce que toldava o seu semblante, nada podia acalmar a inquietude

do seu coração. Era daqueles que quase não falam porque pensam muito.

Duas coisas o diferenciavam do resto dos homens, afastando-o dos seus semelhantes como que por um abismo profundo: de um lado, a piedade sem limites; de outro, a busca ansiosa do porquê das coisas. Uma pomba desgarrada por um gavião, um cão expirando por causa da mordida de uma serpente, enchiam-no de horror. Os rugidos das feras aprisionadas nas jaulas das exposições lhe pareciam mais dolorosos, mais assustadores ainda que os estertores de suas vítimas e produziam-lhe estremecimentos, não de terror, mas de compaixão.

Como, depois de tais emoções, podia divertir-se nas festas reais, nas danças alegres, nas lutas de elefantes, nas cavalgadas de homens e mulheres que passavam diante dos seus olhos ao som de tambores e címbalos?

Por que Brama criou este mundo cheio de espantosas dores e de insensatos gozos? Que aspiravam, para onde iam todos aqueles seres? Que buscavam os bandos de cisnes viajantes, voando na primavera mais alto que as nuvens em busca das montanhas, para retornarem na estação das chuvas ao Yamuna e ao Ganges? O que haveria por trás das escuras moles do Nepal e das enormes cúpulas nevadas do Himalaia cravadas no céu?

Logo que, nas noites sufocantes do estio, o lânguido cantar de uma mulher brotava das sinuosas galerias do palácio, por que a solitária estrela a iluminava, rútila, sobre o vermelho horizonte da planície tórrida, ardente de febre e entorpecida de escuridão? Era para dizer-lhe que também ela palpitava por causa de um amor impossível? Não se consumiria, talvez, naquele mundo distante, a mesma melodia no silêncio do espaço? Não reinaria ali também a mesma languidez, idêntico desejo de infinito?

Uma ou outra vez, como que falando consigo próprio, o jovem Gautama dirigira tais perguntas a seus amigos, a seus preceptores e a seus pais. Os amigos respondiam-lhe, rindo: “Que nos importa?”; o preceptor brâmane dissera-lhe: “Os sábios ascetas talvez o saibam.”; os pais sussurravam: “Brama deseja que se ignore.”

Seguindo o costume, Gautama uniu-se em matrimônio e recebeu de sua esposa um filho chamado Raúla. Este aconteci-

mento não logrou dissipar-lhe as dúvidas nem modificar-lhe o curso dos pensamentos.

Deveriam comover o jovem príncipe os laços com que a doce esposa e o inocente menino prendiam seu coração. Mas o que representavam as carícias de uma mulher e o sorriso de uma criança para esta alma torturada pelas dores do mundo? Não faziam senão intensificar a fatalidade que o sujeitava à dor universal e o seu desejo de liberação divino mas intenso.

A lenda juntou em um único episódio as sensações que conduziram Gautama ao seu passo mais decisivo. Conta que, durante um passeio, encontrou um ancião, um enfermo e um morto. O aspecto daquele corpo trôpego e decrepito, daquele infecto coberto de úlceras e daquele cadáver em decomposição, produziram sobre ele o efeito de um raio, revelando-lhe o fim inevitável de toda a vida e o mais negro abismo da miséria humana.

E então resolveu renunciar à coroa e abandonar para sempre seu palácio, sua família e seu filho, para consagrar-se à vida ascética.

Esta tradição condensa em uma cena dramática e em três exemplos as experiências e reflexões de longos anos. Mas esses exemplos são comoventes ao manifestarem os móveis de toda uma existência, revelando um caráter.

Um documento páli, que remonta a um século depois da morte de Buda e onde palpita ainda a tradição viva, atribui a Gautama, dirigindo-se a seus discípulos, as seguintes palavras: “Ao homem, o tempo todo, atacam o desgosto e o horror ante a velhice.” Sabe que a velhice o espreita. Mas acrescenta: “Ela, porém, não me alcançará. Pensando nisto, sinto que me inunda todo o ardor da juventude.” De fato, em todas as pregações de Buda, assim como em toda a literatura budista, a velhice, a doença e a morte surgem amiúde, como os inevitáveis males da humanidade.

Contava Gautama 29 anos quando decidiu abandonar definitivamente o palácio do seu pai, rompendo todos os laços com a vida passada para ir buscar a liberdade na solidão e a verdade na meditação. Em frases simples e comoventes, a tradição relata sua silenciosa despedida da esposa e do filho. “Antes de partir, pensa no filho recém-nascido. ‘Quero ver o meu menino’. Encaminha-se aos aposentos da esposa e a encontra adormecida sobre o leito florido, a mão pousada na cabecinha do

infante. Gautama pensa: 'Se afastar a mão da minha esposa para abraçar meu filho, a despertarei. Quando me tornar Buda voltarei para ver meu filho.' Do lado de fora, esperava-o o seu cavalo *Kantaka*, e o filho do rei fugiu sem que ninguém o visse. Fugiu para longe de sua mulher e de seu filho, para encontrar a paz da alma e oferecê-la como presente ao mundo e aos deuses. Atrás dele seguia, como uma sombra, Mara, o tentador, esperando o momento em que um pensamento de injustiça ou de desejo brotasse daquela alma que lutava pela salvação, um pensamento que lhe desse poder sobre o odiado inimigo." (1)

(1) Resumo da lenda por Oldenberg.

IV Isolamento e Iluminação

Vamos encontrar Gautama, o real descendente dos Sakias, convertido em monje (Sakia-Muni), errando pelos caminhos, a cabeça raspada, envolto em um burel amarelo, tígela na mão, pedindo esmola pelas casas.

Dirigiu-se primeiro aos elevados brâmanes para que lhe indicassem o caminho da verdade. Porém, suas respostas complicadas e abstratas sobre as origens do mundo e a doutrina da identidade com Deus não o satisfaziam. Seus mestres, detentores da antiga tradição dos richis, indicaram-lhe, todavia, certas práticas respiratórias e processos de meditação, necessários para o alcance da perfeita concentração interior. Mais tarde, utilizou-se deles em seus exercícios espirituais.

Depois, passou vários anos rodeado de cinco ascetas jainos ⁽²⁾ que o levaram à sua escola de Uruvala, em Magada, às margens de um rio de belos remansos. Após submeter-se por muito tempo à sua disciplina implacável, pôde convencer-se de que ela não o conduziria a nenhum dos seus desejados objetivos.

Um dia comunicou a eles a sua renúncia a tais mortificações inúteis e sua resolução de buscar a verdade por si mesmo, valendo-se somente da meditação. A tais palavras, os ascetas fanáticos, irados, com seus corpos esqueléticos e seus rostos esqueléticos, levantaram-se com desprezo e deixaram o companheiro sozinho junto ao rio.

E ele gozou, sem dúvida, a embriaguez da solidão, em meio à natureza virgem, este refrescante manancial descrito na literatura budista: “Quando não vejo ninguém à minha frente ou por trás de mim, gozo na permanência de minha solidão entre os bosques. Para o monje solitário, ansioso de perfeição, a vida é jubilosa, ali. Só, sem companheiros, na selva amável,

(2) *Jainos* (nome que significa “vencedores”) era uma seita de fanáticos ascetas, existente no sul da Índia muito antes da fundação do budismo, com o qual tem grande analogia.

quando alcançarei o meu objetivo? Quando estarei livre do pecado?"

E a noite, o surpreendeu na mesma postura, sentado, as pernas cruzadas, sob a árvore de suas meditações, de cem mil folhas murmurantes. Na margem do rio, ornada de flores, por grinalda a matizada coroa dos bosques, o monje permanecia sentado prazerosamente, entregue à sua meditação. Não havia maior felicidade para ele.

Um pastor, enamorado pelo aspecto ingênuo e grave do asceta de aura benéfica, levava-lhe todos os dias leite e bananas. Uma gazela, atraída por sua doçura, acercava-se dele até comer-lhe na mão os grãos de arroz. E ele quase se sentia feliz.

Mas seus pensamentos mergulhavam ansiosamente na espiral infinita do mundo interior. Durante o dia, meditava esforçadamente, intensamente, sobre si mesmo e sobre os demais, sobre a origem do mal e sobre o supremo objetivo da vida. Tratava de explicar-se o fatal encadeamento dos destinos humanos por meio de raciocínios cerrados, agudos, desapiedados. Mas quantas dúvidas, quantos vazios, quantos abismos insondáveis!

Durante a noite, abandonava-se sobre o oceano do sono, à deriva, para retomar, no dia seguinte, o curso dos seus pensamentos. E assim os seus sonhos se tornavam cada vez mais transparentes. Era como uma série de véus superpostos, de gazes fluídas que, ao serem descerradas, revelavam mundo por trás de mundo.

No começo, via projetar-se sua própria vida, inversamente, em imagens sucessivas. Depois, reconheceu a si mesmo sob uma aparência diferente, com outras paixões, como numa existência passada. E, por trás deste tênue véu, surgiram outros semblantes desconhecidos, estranhos, enigmáticos, que pareciam chamá-lo...

Ó, ilimitado reino da ilusão e do sonho!, pensava Gautama, és tu o topo do mundo que contém as fontes secretas? És tu o reverso da teia na qual poderes ignotos misturam os fios que tecem todas as coisas e todos os seres que formam o vívido quadro deste vasto universo? E retomava suas meditações, sem conseguir unir entre si as correntes daquele caos uniforme.

Conta a tradição que Sakia-Muni praticou durante sete anos seus exercícios de concentração interior antes de alcançar sua iluminação. Atingiu-a, por fim, sob a forma de uma série

de êxtases durante o sono. É preciso seguir de perto os fenômenos psíquicos interligados pela lenda durante essas quatro noites extáticas, já que de seu caráter peculiar e de sua interpretação surgiu a doutrina de Buda e de todo o budismo.

Durante a primeira noite, penetrou Sakia-Muni naquilo que a Índia chama *Kama-Loka* (morada dos desejos). É o *Amenti* egípcio, o *Hades* grego, o *Purgatório* cristão. É a esfera chamada *mundo astral* pelo ocultismo do Ocidente ou estado psíquico definido com estas palavras: *esfera da permeabilidade*, caos sombrio e nebuloso. No princípio, assaltavam-no todas as espécies de animais, serpentes e bestas ferozes. Sua alma lúcida compreendeu que aquilo eram as suas próprias paixões de vidas anteriores, exteriorizadas e vitalizadas ainda no fundo de sua alma. Sob o escudo de sua vontade, iam-se dissipando à medida que ele avançava sobre elas. Então, apareceu-lhe sua esposa, a quem amara e abandonara. Viu-a, os seios desnudos, olhos cheios de lágrimas, de desesperos e de desejos, estender o filho em sua direção. Seria a alma da esposa, ainda viva, mas que, desta forma, o chamava durante o sono? Cheio de piedade, palpitante de amor, atirou-se para ela. Porém, naquele momento, desvaneceu-se a imagem, prorrompendo em um dilacerante lamento ao qual respondeu o grito surdo de sua própria alma. Então, envolveram-no em rajadas infinitas, em bandadas desgarradas pelo vento, as almas dos mortos afogados ainda nas paixões terrenas. Estas sombras perseguiam suas presas, arrojavam-se umas sobre as outras sem conseguirem unir-se, rolando ofegantes em um abismo sem fundo. Via os criminosos, torturados pelo suplício que lhes haviam infligido, sofrerem-no outra vez, indefinidamente, até que o horror do crime cometido matasse a vontade culpada, até que as lágrimas do assassino lavassem o sangue da vítima. Essa lúgubre região era verdadeiramente um inferno agitando-se na fogueira de um desejo impossível de sufocar nas trevas angustiosas do vácuo gelado.

Sakia-Muni acreditou reconhecer o príncipe daquele reino. Era o que os poetas descrevem sob a figura de Kama, deus dos Desejos. Apenas, em lugar de usar traje de púrpura, coroa de flores e de possuir o olhar de júbilo por trás de um semblante severo, envolvia-o um sudário, ia coberto de cinzas e brandia um crânio vazio. *Kama* se converteu em *Mara*, em deus da Morte.

Quando Sakia-Muni despertou depois da primeira noite de sua iniciação, um suor gelado salpicava todo o seu corpo. A mansa gazela, sua querida companheira, havia fugido. Temera por acaso as sombras com as quais se familiarizara o dono? Teria farejado o deus da Morte?

Gautama permaneceu imóvel sob a árvore da meditação, de cem mil folhas sussurrantes. O embotamento impedia-o de se mover. O pastor solícito reanimou-o, oferecendo-lhe leite espumante em uma casca de coco.

Durante a segunda noite, penetrou o ermitão no mundo das almas venturosas. Ante seus olhos fechados desfilaram países flutuantes, ilhas aéreas. Jardins encantados onde as árvores e as flores, as aves, o céu e o ar perfumado, as estrelas e as nuvens, transparentes como véus, pareciam acariciar a alma e modular com habilidade a linguagem do amor, condensando em significativa forma a expressão de humanos pensamentos ou de divinos símbolos.

Viu as almas, agrupadas ou em pares, caminharem absor-tas umas nas outras ou reclinadas aos pés de um mestre. E a felicidade que irradiava de seus olhares, de suas atitudes, de suas palavras, parecia emanar de um elevado mundo flutuante sobre suas cabeças, ao qual dirigiam de vez em quando os braços estendidos, unindo-os a todos em celestial harmonia.

Mas, de repente, Gautama viu alguns daqueles semblantes empalidecerem comovidos. Então, apercebeu-se que cada uma daquelas almas se achava unida ao mundo inferior por um fio tênue. Esta rede de filamentos descia até o fundo através de uma nuvem púrpura que a sustentava no abismo. À medida que a nuvem vermelha descia, ia-se desvanecendo, e o paraíso aéreo tornava-se cada vez mais imperceptível.

E Gautama compreendeu o sentido de sua visão. Aqueles laços sutis eram vínculos indestrutíveis, restos de paixões humanas, de inextingíveis desejos que ligavam aquelas almas felizes à terra, forçando-as, cedo ou tarde, a novas encarnações. Quantos adeuses, ai!, em perspectiva por trás do reencontro celeste, quantos novos afastamentos naqueles labirintos de dor e de provação aos que esperavam, talvez, no fim, a separação eterna!...

Quando a manhã seguinte despertou Sakia-Muni da segunda noite, os cisnes viajantes voavam no céu nublado. E foi mais triste para ele despertar daquela visão paradisíaca do que do

sonho infernal. Pensava nos futuros destinos de todas aquelas almas, em seu vagar sem fim.

Na terceira noite, alçou-se, graças a um esforço poderoso, ao mundo dos deuses. Foi, aquele, um sonho inenarrável, um sublime panorama de inefável grandeza.

Viu antes de tudo os Arquétipos luminosos que irradiavam, no umbral do mundo dos Devas, círculos, triângulos, astros cintilantes, modelos do mundo material. Seguidamente apareceram diante dele as forças cósmicas, os deuses carentes de imutável forma, mas que agiam, multiformes, nas veias do mundo. Viu círculos de fogo, torvelinhos de luz e de trevas, astros transformando-se em leões alados, em águias monstruosas cujas cabeças erguidas irradiavam um oceano de chamas.

Daquelas figuras que apareciam e desapareciam e se metamorfoseavam, multiplicando-se com a rapidez do raio, emanavam em todas as direções correntes luminosas que se diversificavam pelo universo. E aquelas correntes de vida borbotavam no curso dos planetas, brotando de novo em sua superfície, unindo a todos os seres.

Ao identificar-se o vidente com todo o ardor daquela vida com uma espécie de poder de ubiquidade, no deslumbramento de sua embriaguez, ouviu de súbito o grito humano de dor ascender ao abismo e chegar até ele como uma onda crescente de desesperados clamores. Então descobriu algo que lhe pareceu terrível. Aquele mundo inferior, cheio de luta e de sofrimento, fora criado, pois, pelos deuses. Ainda mais: conscientes de si próprios, tinham se desenvolvido com seu universo e, agora, pairando acima dele, porém inseparáveis de sua essência, viviam do seu refluxo formidável!

Sim, os deuses mortais se envolviam na chama e na luz emanada de seus corações; mas aquele fogo se transformava nos homens e em desassossego aquela luz. Alimentavam-se do sopro do amor humano que eles estimulavam, respirando o perfume de suas adorações e o vapor de seus tormentos. Bebiām todas aquelas ondas de almas cheias de dor e de desejos, como bebe o vento tempestuoso a espuma do oceano... Também eles eram culpados!

O vidente, ao abraçar com os olhos panoramas e perspectivas de espaço e de tempo cada vez mais vastos, ao voar em espírito de era em era, acreditou distinguir aqueles deuses arrastados no naufrágio final de seus mundos, tragados no sono

cósmico, obrigados a morrerem e a renascerem também, de eternidade em eternidade, e criando mundos perpetuamente miseráveis.

Então o universo inteiro apareceu a Sakia-Muni como uma roda espantosa à qual estão sujeitos todos os seres, os homens e os deuses. Não havia meios de escapar à lei inevitável que faz girar a roda. De vida em vida, de encarnação em encarnação, imperturbavelmente, todos os seres voltam sempre a começar em vão idêntica aventura, sendo triturados sem piedade pela dor e pela morte.

Como para trás se estende o incomensurável passado, o incomensurável futuro de sofrimentos se oferece na sucessão infinita das existências. Inumeráveis períodos do mundo deslizam em miríades de anos. Terras, céus, infernos, lugares de tortura, nascem e desaparecem como surgiram para serem varridos após eternidades. Como escapar a esta roda-viva? Como acabar com o suplício de viver?

Despertou o asceta desta visão numa vertigem de espanto. O vento do norte havia agitado toda a noite a árvore da sabedoria, de cem mil folhas murmurantes. A manhã apenas clareava e caía uma chuva fria. A gazela retornou e permaneceu deitada junto ao ermitão, lambendo-lhe os pés gelados. Ele tocou-a. O animal também estava frio. Envolveu, então, a gazela em seus braços a fim de aquecê-la sobre o seu coração. E Sakia-Muni se consolou durante uma hora das dores do mundo, apertando contra o peito a infeliz gazela.

Gautama não tinha o costume de rezar. Nada esperava dos deuses e tudo de si mesmo e de sua meditação. Não os odiava nem os acusava de nada. Apenas envolvia-os em sua imensa piedade. Acaso não estavam, também eles, sujeitos à fatal ilusão da mudança, pelo desejo universal, pela sede desenfreada de ser e de viver? Se não podiam salvar a si próprios, como iam ajudar os homens?

Antes da quarta noite, Sakia-Muni, esmagado pela angústia, invocou o Inominado, o Imanifesto, Aquele que o clarividente não percebe, para que lhe revelasse o mistério da felicidade e do descanso eternos.

Ao adormecer, viu de novo a terrível roda da existência, como um círculo de sombra povoado por formigueiros humanos. A roda infatigável dá voltas lentamente. Aqui e ali, alguns valentes lutadores, ascetas, sublimes, passavam do círculo som-

brilho ao halo luminoso que os rodeava. Eram os sábios ascetas, os *Bodisatvas* que o haviam precedido. Porém, nenhum deles havia conseguido a salvação verdadeira, o repouso definitivo. Todos caíam de novo no círculo de sombras, a todos subjugava a roda fatal.

Então, Sakia-Muni experimentou a maior de suas dores, o enfraquecimento de todo o seu ser, ao decompor-se o mundo das aparências. Mas a esse dilaceramento supremo sucedeu uma inefável felicidade. Sentiu-se submerso em um mar profundo de quietude e paz. Ali não havia formas, nem luz, nem rumores de vida. Seu ser fundiu-se deliciosamente na adormecida alma do mundo que nenhum sopro agitava e sua consciência desvaneceu naquela imensidão venturosa. Havia alcançado o Nirvana.

Se Sakia-Muni houvesse tido a vontade de ir mais além e a força para elevar-se acima do sonho cósmico, teria ouvido, teria visto, teria sentido algo mais ainda. Teria ouvido o Som primordial, a divina Palavra que criou a luz; teria escutado aquela música das esferas que impulsiona os astros e os mundos. Levado pelas ondas desta harmonia, teria contemplado a reverberação do Sol espiritual, do Verbo criador. Ali, o supremo desejo do amor se identifica com o ardente gozo do sacrifício. Ali se encontra o um por sobre o todo, atravessando o todo, porque ali se ostenta o manancial do tempo brotando da eternidade e voltando a ela. Ali se encontra o um identificado com todas as coisas na plenitude da existência. Paira sobre todas as dores, porque pode se converter em gozo. Ali todos os sofrimentos se fundem em uma felicidade única, como as cores do prisma no raio de sol. Ali se alcança o repouso na ação transcendente e a personalidade suprema no absoluto dom de Si mesmo. Ali não se condena a vida, porque bebe a divina essência do seu manancial. Livre, inteiramente alforriado, para sempre indestrutível, volta-se à vida para criá-la de novo mais formosa. Desta esfera da Ressurreição, pressentida pela sabedoria egípcia e por todos os mistérios de Elêusis, descenderia o Cristo.

Mas Sakia-Muni não estava destinado a ensinar ao mundo o verbo do Amor criador. Sua missão foi grande, contudo, porque revelou a religião da piedade e a lei que une entre si as humanas encarnações. Porém em sua iniciação deteve-se na *Morte Mística* sem chegar à *Ressurreição*. O *Nirvana*, que se

interpretou como o estado divino por excelência, nada mais é do que o umbral. Buda não conseguiu transpô-lo. ⁽³⁾

Transcorrida a quarta noite de sua iluminação, Gautama experimentou, segundo reza a tradição, um prazer imenso, e uma nova força inundou suas veias, animando-o com nova coragem. Sentiu que, ao alcançar o Nirvana, se libertara de todo o mal. Revigorado na morte como nas águas da lagoa Estígia, sentia-se invencível. Sakia-Muni havia vencido. Todo ele, da medula dos seus ossos ao absoluto de sua alma, havia se transformado em Buda, o Desperto. A verdade conquistada, quis salvar o mundo. Passou muitos dias refletindo sobre as experiências vividas. E apercebeu-se da lógica secreta que unia entre si as visões aparecidas.

Analizando no interior do seu espírito o encadeamento das causas e dos efeitos que conduzem ao sofrimento, chegou a formular sua doutrina. “Do não-conhecimento provêm as formas (*Sankara*); formas do pensamento, que plasmam as coisas. De-las nasce a consciência e assim, por uma longa série de procedimentos intermediários, do desejo dos sentidos deriva o apego à existência. Do apego nasce a realização, desta o nascimento, do nascimento a velhice e a morte, as lamentações e as dores, as desgraças, desesperos e aflições.

“Porém, se se suprime a causa primeira, o não-conhecimento, toda a cadeia de efeitos se destrói, restando o mal vencido.”

(3) Tratei aqui de colocar o Nirvana em seu lugar correspondente, na ordem dos fenômenos psíquicos da iniciação. Isso é essencial para a clara compreensão da pessoa de Buda e do seu papel no mundo, posto que sua doutrina e sua obra são resultados dele, o Nirvana. O mérito de um iniciador, de um reformador ou de um profeta, seja ele quem for, depende, em primeiro lugar, de uma intensa e direta ciência da verdade. Sua doutrina nunca é outra coisa que uma razoável explicação desse fenômeno inicial que sempre é, sob uma ou outra forma, uma revelação ou uma inspiração espiritual. O Nirvana aparece como a penúltima etapa da alta Iniciação, pressentida pela Pérsia, pelo Egito e pela Grécia e que veio dar no Cristo. O que o budismo chama *a extinção ou o fim da ilusão* não é, pois, mais que um estado psíquico intermediário, a fase neutra, atônica e amorfa, que precede ao brotar da verdade suprema. Mas representa algo importantíssimo observar a forma completa com que o Buda realiza, através de sua vida, as fases todas da Iniciação, como as realizaria Cristo na sua, coroando-as com a ressurreição.

Em suma é preciso matar o desejo para suprimir a vida e cortar o mal pela raiz.

Desejava o Buda que todos os homens alcançassem o Nirvana. Sabedor do quanto tinha a dizer aos brâmanes e ao povo.

Sakia-Muni abandonou seu retiro para voltar a Benarés e propagar a sua doutrina.

V A tentação

Como todos os profetas, teve Buda que submeter-se ainda a uma prova, antes de realizar a sua obra. Nenhum reformador deixou de sofrer a tentação da dúvida a respeito de si mesmo antes de defrontar-se resolutamente com as potestades do dia. À primeira tentativa, crescem os obstáculos como montanhas e o trabalho de uma série de anos aparece como a subida de um bloco de pedra morro acima.

Conta a lenda que o demônio Mara cochichou em seu ouvido: "Entra no Nirvana, homem perfeito. A época nirvânica chegou para ti." Buda respondeu-lhe: "Não entrarei no Nirvana enquanto não se expandir e se difundir a vida santa entre os homens e não for isto suficientemente pregado em todas as parte."

Aproximou-se dele um brâmane exclamando com menosprezo: "Um leigo não pode ser brâmane." Buda respondeu: "O verdadeiro brâmane é aquele que desterra de si mesmo toda maldade, toda mácula, toda impureza." Fracassados os homens frente ao Bem-aventurado, intervieram os elementos. Vento, chuva torrencial, frio, tempestade e trevas caíram sobre ele.

Esta conjuração dos elementos contra Buda representa o derradeiro e furioso assalto das paixões, expulsas pela alma do santo e que se atiravam agora sobre ele desde o exterior, com a horda inteira das forças das quais se originam.

Para evidenciar o fato oculto que sucede então, a lenda serve-se de um símbolo. "Naquele momento", diz, "o rei das serpentes, Mucalinda, sai do seu domínio secreto, envolvendo sete vezes com seus anéis o corpo de Buda, protegendo-o assim contra a tempestade".

Transcorridos sete dias, quando Mucalinda, rei das serpentes, viu o claro céu sem nuvens, desenroscou seus anéis do corpo do Bem-aventurado, e, tomando a forma de um mancebo, aproximou-se do Sublime, as mãos juntas, adorando-o. Então, o Sublime disse: "Ditosa a solidão do Bem-Aventurado que reconheceu e contempla a verdade."

A serpente Mucalinda representa aqui o corpo astral do homem, pilar da sensibilidade que compenetra seu corpo físico, criando em torno dele uma aura radiosa na qual se refletem, para o olho do clarividente, todas as paixões em múltiplas colorações. Durante o sono, o corpo astral, com o eu consciente, se desintegra do corpo físico do homem em forma de espiral. Assemelha-se então a uma serpente. Neste corpo astral ⁽⁴⁾ residem e vibram as paixões humanas. Por seu intermédio todas as influências, boas e más, atuam sobre o ser humano. Governado e organizado pela forma de sua vontade, o santo ou o iniciado pode transformá-lo em uma couraça indestrutível contra todos os ataques externos.

Tal é o significado da serpente Mucalinda enroscada no corpo de Buda, protegendo-o contra a tempestade das paixões. Porém, possui ainda um segundo significado. Em certo grau de iniciação, percebe o clarividente a imagem astral da animalesca parte inferior do seu ser, evoluída em encarnações precedentes. É preciso enfrentar este espetáculo e matar o monstro por meio do pensamento. Do contrário, não é possível penetrar no mundo astral, e menos ainda no espiritual e no divino.

Na tradição oculta, se chama esta aparição “o guardião do umbral”. Muito mais adiante, transcorridas longas experiências e atingidas brilhantes vitórias, o iniciado alcança seu divino Protótipo, a imagem de sua alma superior sob uma forma ideal. Aí está porque a serpente Mucalinda se metamorfoseou em um belo moço, tão logo a borrasca do mundo inferior se dissipou.

(4) Paracelso o chama assim porque se encontra em relação magnética com os astros que compõem o nosso sistema solar. O ocultismo Ocidental adotou este termo.

VI — A doutrina e a comunidade budista.

Começou Buda sua pregação em Benarés. Logo de início converteu cinco monjes, que mais tarde se tornaram seus fervorosos discípulos e aos quais mandou pregar sua doutrina, dizendo-lhes: “Estais livres de todos os laços. Ide pelo mundo para a salvação das pessoas e a glória dos deuses e dos homens.”

Pouco depois teve a adesão de mil brâmanes de Uruvela que seguiam os ensinamentos do Veda e o sacrifício do fogo, fazendo suas abluções no rio Neranjara.

Logo a multidão afluía. Por ele, alunos deixaram seus mestres. Reis e rainhas chegavam na garupa de seus elefantes para admirar o santo e oferecer-lhe sua amizade. A cortesã Ambapali ofereceu a Buda um bosque de mangueiras. O jovem rei Bimbisara chegou a ser o protetor do seu régio colega, transformado em monje mendicante.

A pregação de Buda durou quarenta anos, sem que os brâmanes opusessem o menor obstáculo. Anualmente dividia-se a sua vida em dois períodos: um nômade e o outro sedentário. Quando, em junho, depois do calor ardente, amontoam-se como torrões as negras nuvens, e o sopro da monção anuncia o período das chuvas, retira-se o indiano durante quinze dias em seu palácio ou em sua choupana. Rio e torrentes aumentam seus leitos interceptando as comunicações. “Os pássaros — diz um velho livro budista — constroem seus ninhos na copa das árvores.” O mesmo faziam os monjes durante um trimestre.

Nos nove meses de viagem, Buda encontrava asilo em qualquer parte: parques e jardins, mansões de reis ou de ricos comerciantes. Para alimentar-se, não lhe faltavam mangas e bananas. Isto não impedia, no entanto, aqueles que renunciaram aos bens mundanos, de observarem seus votos de pobreza e de continuarem sua vida de mendicantes.

Todas as manhãs percorriam a cidade, precedidos de seu Mestre. Em silêncio, os olhos baixos, tigela na mão, esperavam a esmola, abençoando os que davam e os que não davam. À

tarde, na tranqüila obscuridade do bosque ou em sua cela, meditava o Sublime em "sagrado silêncio". (5)

Assim propagou-se a seita budista. Em muitos lugares, sob a direção do Mestre, fundavam-se associações de monjes que mais tarde se tornariam ricos conventos. À sua volta agrupavam-se comunidades leigas que, sem adotarem a vida monacal, deixavam-se guiar prazerosamente pelos budistas.

Os textos que relatam estes fatos com frias sentenças e mecânicos argumentos, sempre repetidos, não souberam nos legar um testemunho pleno da eloqüência do Mestre, o encanto que emanava de sua pessoa, o magnetismo de sua vontade poderosa, velada de imperturbável doçura e serenidade perfeita, nem tampouco da estranha fascinação com que misteriosamente evocava o Nirvana.

No princípio, descreve a vida dos sentidos como turbulento oceano irado, com seus redemoinhos, suas profundezas insondáveis e seus monstros. Ali oscilam, sem um instante de repouso, esses pobres barquinhos chamados almas humanas. Logo, insensivelmente, transporta os ouvintes a uma região mais plácida, onde o mar se torna sereno. Por fim, sobre a plana e imóvel superfície, delineia-se uma corrente circular que toma a forma de um funil. No ponto mais profundo, reluz um ponto cintilante. Venturoso daquele que penetra rapidamente no círculo e desce até o seu fundo! Vê-se em outro mundo, afastado do mar e da tempestade. O que haverá além dessa profundidade, além do ponto luminoso? O Mestre não o explica. Apenas afirma que é a beatitude suprema, e acrescenta: "É de lá que eu venho. Aquilo que não havia chegado há miríades de anos, está aqui. Eu o trago para vós."

A tradição conservou o Sermão de Benarés, que é o Sermão da montanha de Buda. Talvez nele encontremos um eco distante de sua palavra viva. "Chamai-me de amigo, mas não me deis o meu verdadeiro nome. Eu sou o Liberto, o Bem-aventurado, o Buda. Aguçai os ouvidos. A liberação da morte foi encontrada. Eu vos instruo, eu vos ensino a doutrina. Se viveis para seus preceitos, logo tomareis parte naquilo que buscam os jovens que abandonam seu país para se tornarem os sem-pátria e alcançareis a perfeita santidade. Ainda nesta vida reconheceréis então a verdade, contemplando-a frente a frente.

(5) Oldenberg, *La Vie de Bouddha*.

Chega de mortificações, pois basta renunciar a todos os prazeres dos sentidos. O caminho do meio conduz ao conhecimento, à iluminação, ao Nirvana. O caminho oito vezes santo se chama: justa fé, resolução justa, justa palavra, justa ação, vida justa, justa aspiração, justo pensamento, justa meditação. Esta, ó, monjes!, é a verdade santa sobre a origem do sofrimento: a ânsia de existir de nascimento em nascimento, com seu prazer e desejo inerentes, encontram aqui e ali sua voluptuosidade, a sede de sensações, o afã de transformação, a avidez de poder. Eis aqui, ó, monjes!, a santa verdade sobre a eliminação do sofrimento: supressão da ânsia por meio da destruição do desejo, afastando-o, desligando-se dele, não lhe deixando mais nenhum espaço. Esta é, ó, monjes!, a santa verdade sobre a extinção da dor.”

Quando Sakia-Muni se viu de posse das quatro verdades essenciais, a saber: 1.^a) o sofrimento; 2.^a) a origem do sofrimento; 3.^a) a eliminação do sofrimento; e 4.^a) o caminho da eliminação, declarou que no mundo de Brama e de Mara, entre todos os seres, compreendidos brâmanes e ascetas, homens e deuses, havia alcançado a felicidade perfeita e a suprema dignidade de Buda.

Toda a obra do reformador hindu, toda sua pregação, o budismo todo em sua literatura sacra e profana, nada mais são que um perpétuo comentário, sob mil variações, do Sermão de Benarés.

Esta doutrina tem uma característica exclusiva e rigorosamente moral. É de uma imperiosa doçura e de uma bem-aventurada desesperança. Cultiva o fanatismo do repouso. Dir-se-ia que é uma conjuração pacifista para conduzir o mundo a seu fim. Nem metafísica, nem cosmogonia, nem súplica, nem culto. Nada além da meditação moral. Sua preocupação única consiste em pôr fim à dor e alcançar o Nirvana. Buda desliga-se de tudo e de todos. Desconfia dos deuses, porque estes infelizes criaram o mundo. Desconfia da vida terrena, porque é a matriz da reencarnação. Desconfia do além, porque apesar de tudo ainda impera a vida e, portanto, o sofrimento. Desconfia da alma, porque é devorada por sua sede inextinguível de imortalidade. A outra vida é, a seus olhos, uma nova forma de sedução, uma voluptuosidade espiritual. Ele sabe, por meio de seus êxtases, que tal vida existe, mas não quer falar sobre ela. Seria por demais perigoso. Seus discípulos o assediam com pergun-

tas a esse respeito, mas ele permanece inflexível. “Continua a alma vivendo depois da morte?”, clamavam em coro, porém ele não responde. “Morre, por acaso?”. O Mestre continua calado.

Ao perguntar-lhe Ananda, o discípulo favorito, a razão do seu silêncio, respondeu-lhe Buda: “Seria danoso à moral responder em um ou em outro sentido.”, e guardou segredo.

Um monje pensador, mais astuto do que os outros, aborda um dia o Mestre com um argumento incisivo e terrível: “Ó, Bem-aventurado. — disse-lhe — Pretendes tu que a alma não seja mais que um composto de sensações vis e efêmeras. Se assim é, como o *não-eu* influi no *eu* que transmigra de encarnação em encarnação?” O Buda, certamente, deve ter achado embaraçosa a resposta precisa a tal argumento, digno de Platão ou de Sócrates, e contentou-se em dizer: “Ó, monje, tu te encontras neste momento sob o domínio da concupiscência.”

Se desconfia Buda da alma e dos deuses, mais ainda desconfia das mulheres. Nisto, como em todo o resto, é a antítese de Crisna, o apóstolo do Eterno-Feminino. Sabia Buda que o amor é o mais poderoso incentivo da vida e que a mulher encerra, como frascos de filtros e de aromas, a quintessência de todas as seduições. Sabia que Brama não se decidiu a criar o mundo e os deuses antes de haver criado de si mesmo o Eterno-Feminino, o véu policromo de Maia onde, cambiante, está a imagem de todos os seres. Não teme a mulher apenas como provocadora do delírio dos sentidos por meio de olhares ou sorrisos, mas também teme o seu arsenal de mentiras e astúcias, qual a disposição dos fios usada pela natureza para tecer a vida. “A essência da mulher — disse — se encontra insondavelmente oculta, como os movimentos do peixe na água.” “Como nos conduzirmos ante uma mulher?”, perguntou Amanda a seu mestre. “Evita sua presença.” “E se não pudermos evitá-la?” “Não lhes fales.” “E se não pudermos deixar de falar-lhe, Senhor, o que fazer?” “Então, defendei-vos!”

Buda permitiu, sem dúvida, à comunidade budista, depois de muitas vacilações, a fundação de convento de mulheres, porém não as admitiu em sua intimidade, afastando-as de sua presença. Não encontramos na história de Buda uma figura feminina como Madalena ou Maria de Betânia. Acrescentemos, em honra e defesa das mulheres indianas, que as instituições de beneficência da Ordem budista foram, em grande parte, obra de mulheres.

Como se explica que uma doutrina desprovida dos gozos da terra e do céu, doutrina de moral implacável, quase excessiva por seu niilismo místico assim como por seu positivismo negativo, que suprimiu, por outro lado, as castas com a fé tradicional da Índia na autoridade dos Vedas, abolindo o culto bramânico com seus ritos suntuosos para substituí-los por centenas de conventos e um exército de monjes mendicantes que percorriam a Índia, tigela na mão; como se explica o êxito prodigioso de uma tal religião? Explica-se pela precoce degeneração da Índia, pelo abastardamento da raça ária, mesclada de elementos inferiores e vencidos pela preguiça. Compreende-se pela tristeza de um povo envelhecido em meio à lassidão da tirania e da escravidão, sem perspectiva histórica nem unidade nacional, que perdeu a afeição pelo trabalho e que jamais possuiu o sentimento da individualidade, salvo nos tempos védicos, quando a raça dominava em sua pureza e em sua força. ⁽⁶⁾

Dito isto, é preciso acrescentar que o instantâneo triunfo de Buda na Índia deveu-se, mais que à sua filosofia, à sua rigorosa moral, a esse trabalho profundo sobre a vida interior que soube inculcar em seus discípulos. “Passo a passo, hora a hora, parcela por parcela, deveu o sábio purificar o seu eu como o ourives purifica o metal. O eu, ao qual a metafísica budista nega realidade, converte-se aqui no principal agente. Encontrar o eu chega a ser o fim de toda a procura. Ter como único amigo o eu é a mais segura, a mais elevada amizade, já que o eu é o protetor do eu. É preciso prendê-lo pelas rédeas como o cavaleiro prende o seu nobre animal.” ⁽⁷⁾ Desta austera disciplina desprende-se, afinal, um sentimento de liberdade que se expressa com o encanto de um Francisco de Assis: “Não devemos aspirar mais do que aquilo que está em nós mesmos, como não necessita a ave de outro tesouro senão as asas que utiliza de acordo com a sua vontade.”

(6) Sabemos que o budismo não se sustentou na Índia mais do que cerca de quatro séculos. Exceto na ilha de Ceilão, desapareceu, de certo modo, ante a recrudescência do bramanismo. Sem perseguições, este soube vencê-lo. Absorvendo seus elementos vitais, renovou a si mesmo. É sabido, também, que se o budismo se propagou no Tibete, na Mongólia e na China, deveu-se à adoção de bom número de elementos metafísicos e mitológicos proscritos por Buda e à profunda transformação de sua doutrina.

(7) Sentenças morais budistas resumidas por Olbenberg.

Enfim, Buda foi, pela ternura de sua alma, o verdadeiro criador da religião da piedade e o inspirador de uma nova poesia que emana das parábolas a ele atribuídas e das posteriores lendas do budismo. Quão sugestiva e insinuante resulta, por exemplo, a metáfora sobre os diferentes graus evolutivos das almas! Compara a vida física, perturbada pelos sentidos, a um rio sobre cuja corrente anseiam elevar-se as almas para aspirar a luz do céu. “Como em um lago de lótus brancos e azuis, existem multidões de almas diferentes no interior e na superfície das águas, umas puras, outras impuras. Sábio é aquele que, elevando-se sobre o nível do elemento líquido, prodigaliza ao seu derredor a sabedoria, como o lótus aberto expande suas gotas de orvalho sobre as crisálidas que flutuam pelos rios.”

VII — A morte de Buda

Com a idade de oitenta anos encontrava-se Buda em Beluva, passando suas férias de verão, quando caiu doente e sentiu a morte próxima.

Pensou então em seus discípulos: “Não convém — disse a si próprio — entrar no Nirvana sem antes falar aos que têm postos os seus olhos sobre mim. Devo vencer com minha força a enfermidade e segurar a vida.” E a doença do Sublime desapareceu.

Sentou-se Buda na escuridão do aposento que lhe haviam destinado. Ananda, seu discípulo predileto, acudiu, manifestando-lhe a sua dor e dizendo: “Sei que o Bem-aventurado não entrará no Nirvana sem comunicar o seu desejo à comunidade dos seus discípulos.” “O que solicita a comunidade? — perguntou Buda — Eu preguei a doutrina. Não quero reinar sobre a comunidade, Ananda. Que a verdade seja a vossa tocha. Aquele que agora e depois da minha morte seja o seu próprio farol e seu único refúgio, aquele que não busque abrigo senão na verdade e que trilhe o reto caminho, este é meu discípulo.”

E Buda se levantou, reuniu os outros fiéis e empreendeu a marcha, desejando prosseguir ensinando, até o fim.

Deteve-se por algum tempo em Vesala, porém, ao chegar a Kusinara, as forças abandonaram-no. Estenderam-no sobre um tapete, entre duas árvores gêmeas. E permaneceu recostado como um leão cansado.

Não conseguindo suportar o espetáculo, Ananda, o discípulo amado, entrou na casa e chorou. Buda, pressentindo a sua tristeza, mandou chamá-lo e lhe disse: “Não lamenteis, Ananda. Eu já não te disse que é preciso abandonar aquilo que amamos? Como pode escapar à destruição quem nasceu e se acha sujeito ao efêmero? Porém, durante muito tempo, Ananda, honraste o Perfeito, e em seu nome transbordaste de amor, de bondade, de júbilo, desprovido sempre de falsidade em pensamentos, palavras e atos. Praticaste o bem, Ananda. Esforça-te agora e logo estarás livre do pecado.”

Pouco antes de expirar, Buda disse: “Talvez tenhas este pensamento, Ananda: a palavra perdeu o seu Mestre, não teremos mais Mestre. Não penseis assim. A Doutrina e a Ordem que vos ensinei serão o vosso mestre quando eu houver partido.”

Suas últimas palavras foram: “Coragem, meus discípulos. Tudo o quanto sobrevenha, será perecível. Lutai sem esmorecimento!”

A noite avançava. Mas eis que o corpo e a face do Sublime resplandeciam como se houvessem se tornado transparentes. Este reflexo misterioso perdurou até que ele exalasse o último suspiro. Em seguida, extinguiu-se bruscamente. E no mesmo instante, da copa das árvores gêmeas, desprende-se uma chuva de flores que caiu sobre Buda. Acabava de entrar no Nirvana.

Chegaram então as mulheres de Jusinara, que tinham ficado sempre afastadas do Mestre, e suplicaram para ver o Bem-aventurado. Ananda concedeu o favor, apesar dos protestos dos demais. Ajoelharam-se elas junto ao cadáver e, inclinadas e soluçantes, inundaram de ardentes lágrimas a face gelada do Mestre que em vida as afastara de sua presença.

Estes detalhes comoventes, esta auréola discreta que a tradição faz pairar sobre a morte de Buda evidenciam, talvez melhor ainda que suas últimas conversas, o que se passava no íntimo de sua consciência e na de seus discípulos. Como uma grande onda do Invisível, o maravilhoso invadiu o vazio do Nirvana.

Assim, as forças cósmicas, relegadas ou combatidas por Sakia-Muni como perigosas, por ver nelas as sedutoras do fatal Desejo, aquelas forças que havia com zelo proscrito de sua comunidade e de sua doutrina, flores de Esperança, Clarão Celeste, Eterno-Feminino, tecelãs infatigáveis da vida terrena e da vida divina, estiveram presentes em sua hora derradeira.

Sutis, cativantes, irresistíveis, chegaram, tocando e recolhendo a alma do formidável asceta para dizer-lhe que não as suprimiria nem as venceria.

VIII — Conclusões

Não é difícil fazer a crítica do budismo sob o ponto de vista filosófico. Religião sem Deus, moral sem metafísica, não estende ponte alguma entre o finito e o infinito, entre o tempo e a eternidade, entre o homem e o universo. Encontrar esta ponte é o supremo anseio do homem, a razão de ser da religião e da filosofia.

Buda faz emergir o mundo de um desejo de vida cego e nocivo. Como explicar então a harmonia do Cosmos e a inextinguível sede de perfeição inata no espírito? Eis aqui a contradição metafísica.

Buda reconhece que de dia em dia, de ano em ano, de encarnação em encarnação, pela vitória sobre suas paixões, trabalha o Eu humano o seu aperfeiçoamento. Porém não lhe outorga nenhuma realidade transcendente, nenhum valor imortal. Como explicar então todo esse trabalho? Eis aqui a contradição psicológica.

Buda, por fim, dá como ideal e único fim ao homem e à humanidade o Nirvana, conceito puramente negativo, o cessar do mal pelo cessar da consciência. Este *status mortalis* no vazio da negação equivale, por acaso, à enormidade do esforço? Eis aqui a contradição moral.

Estas três contradições, que emanam uma das outras, encaixando-se rigorosamente, indicam com suficiência a fraqueza do budismo como sistema cósmico.

Não é menos certo que o budismo exerceu profunda influência sobre o Ocidente. Quando a religião e a filosofia atravessam uma profunda crise como na época alexandrina, durante o Renascimento e na atualidade, ouve-se na Europa como que um eco distante e oculto do pensamento budista. De onde provém esta força? De sua doutrina moral e de suas conclusões? De forma alguma. Provém do fato de ter sido Buda o primeiro a divulgar à luz do dia a doutrina que os brâmanes somente pronunciavam a meia voz, no proibido segredo de seus templos. Esta doutrina é o verdadeiro mistério da Índia, o arcano de

sua sabedoria. Refiro-me à doutrina da pluralidade das existências e ao mistério da reencarnação.

Em um livro antiqüíssimo, durante uma reunião, disse um brâmane a seu colega: “Para onde vai o homem após a morte? Eu te direi, Yainavalkia, — respondeu o outro — mas somente nós devemos sabê-lo. Não digas uma palavra aos outros sobre isso.” E falaram da reencarnação. ⁽⁸⁾

Esta passagem prova que em certa época foi considerada esta doutrina como esotérica entre os brâmanes. Tiveram para isso excelentes razões. Se não é verdade que se tenha ido mais além nos laboratórios secretos da natureza e no processo da evolução universal, não é menos verdade que o vulgo poderia fazer mau uso dela.

Para expressar a singular fascinação, o encanto insinuante e temível que exerceu esse mistério sobre as almas ardentes e sonhadoras, permiti-me recorrer a uma velha lenda índica.

Conta a lenda que, em remotíssimos tempos, uma Apsara, ninfa celeste, quis seduzir um asceta que permanecera insensível a todas as tentações do céu e da terra, recorrendo a um engenhoso stratagem.

Morava o asceta em uma inextricável mata virgem e aterrorizante, às margens de um lago coberto de toda espécie de plantas aquáticas.

Quando as aparições celestes ou infernais pairavam sobre o espelho de suas ondas para seduzir o eremita, este baixa os olhos e contemplava sua figura refletida no lago sombrio. As imagens invertidas e deformadas das ninfas ou dos demônios tentadores bastavam para acalmar-lhe os sentidos e restabelecer a harmonia em seu espírito conturbado. Porque aquilo lhe demonstrava as conseqüências de sua queda na matéria imunda.

A astuta Apsara planejou, então, esconder-se em uma flor para seduzir o anacoreta. Do fundo do lago fez emergir um lótus maravilhoso. Um lótus diferente de todos os outros. O lótus, como se sabe, esconde seu cálice sob a água durante a noite e não aparece até ser beijado pelo sol. Aquele lótus, ao contrário, permanecia invisível durante o dia, mas, ao chegar a noite, quando a suave luz da lua deslizava entre a espessa folhagem das árvores até o lago imóvel, via-se agitar sua superfície e do seu escuro seio brotava um gigantesco lótus de mil

(8) “Upanichade dos cem atalhos”, citado por Oldenberg.

folhas, de deslumbrante brancura, grande como um buquê de rosas.

Então, do seu cálice de ouro, vibrante sob o raio inflamado da lua, emergiu a divina Apsara, a ninfa celeste, de corpo nacarado e luminoso. Cobria-lhe a cabeça um véu estrelado arrebatado do céu de Indra. E o asceta, que resistira a todas as Apsaras vindas diretamente do céu, cedeu aos encantos daquela que, nascida da flor da água, parecia surgida do inferno e ser ao mesmo tempo filha da terra e do céu.

Do mesmo modo que a ninfa celeste sai do aberto lótus, na doutrina da reencarnação sai a alma da natureza de mil folhas como a última e mais perfeita expressão do divino pensamento.

Dizem os brâmanes a seus discípulos: Assim como o universo é o produto do pensamento divino que está sempre a organizá-lo e a vivificá-lo, também o corpo humano é o produto da alma que o envolve através da evolução planetária e dele se serve como instrumento de trabalho e de progresso.

As espécies animais não possuem senão uma alma coletiva, mas o homem é dono de uma alma individual, uma consciência, um *eu*, um destino exclusivo, garantia de sua permanência. Após a morte, liberada a alma de sua efêmera crisálida, vive uma nova vida, mais vasta no esplendor espiritual. Retorna, de certo modo, à sua própria pátria e contempla o mundo do lado da luz e dos deuses, depois de haver atuado em sua fase humana e sombria.

Mas ainda não está bastante adiantada para permanecer naquele estado que todas as religiões chamam de céu. Transcorrido um período de tempo proporcional a seu esforço na terra, sente a alma a necessidade de uma nova experiência para avançar um passo além. E volta à reencarnação em condições determinadas pela vida precedente.

Tal é a lei do *Karma* ou de encadeamento causal das vidas, sanção e consequência da liberdade, justiça e lógica do prazer e da desdita, razão da desigualdade de condições, organização dos destinos individuais, ritmo da alma que anseia retornar à sua divina origem através do infinito. É a concepção orgânica da imortalidade em harmonia com as leis do Cosmos.

Surge Buda, alma de profunda sensibilidade, forjada pelo tormento das causas últimas. Ao nascer, parecia já oprimido pelo peso de inúmeras existências e sedento de paz suprema.

A lassidão dos brâmanes, imobilizados em um mundo estagnado, multiplica-se nele como um sentimento novo: uma piedade imensa por todos os homens e o desejo de livrá-los do sofrimento. Em um transporte de sublime generosidade, anseia pela salvação de todos. Porém, sua sabedoria não iguala à grandeza de sua alma e seu impulso não se acha à altura de sua visão.

Uma iniciação incompleta mostra-lhe o mundo em seu mais tenebroso instante. Não compreende mais que a maldade e a dor. Nem Deus, universo, alma, beleza ou amor encontram graça ante seus olhos. Sonha em afundar para sempre os agentes da ilusão e da dor no abismo do seu Nirvana.

Apesar da excessiva severidade de sua disciplina moral, ainda que a piedade por ele pregada tenha estabelecido entre os homens um laço de universal fraternidade, sua obra foi parcialmente negativa e dissolvente. Como testemunha a própria história do budismo. Social e artisticamente nada criou de fecundo. Onde se instala em bloco, engendra a passividade, a indiferença e o desânimo.

Os povos budistas permaneceram em estado de estagnação. Os que desenvolveram uma atividade surpreendente, como o Japão, foi graças a instintos e princípios contrários ao budismo.

Buda teve, sem dúvida, um grande mérito e desempenhou papel relevante ao divulgar a doutrina da reencarnação, que antes era patrimônio exclusivo dos brâmanes. Ele difundiu essa verdade fora da Índia e entrou na consciência universal. Embora repudiada oficialmente, ou escondida pela maioria das religiões, não deixa de desempenhar na história do espírito humano sua missão de eficaz incitação. Somente o que foi para Buda razão de renúncia e de morte tornou-se para as almas enérgicas e para as raças fortes motivo de afirmação e de vida.

Que outra modalidade ou que tom diferente tomará a idéia da pluralidade de existência entre os árias e também entre os semitas que a adotaram! Seja às margens do Nilo, em Elêusis ou em Alexandria, quer se trate dos sucessores de Hermes, de Empédocles, de Pitágoras ou de Platão, tomará um caráter heróico. Já não será a roda fatal de Buda, mas uma entusiasmada ascensão até a luz.

Na Índia, possui as chaves do passado, mas não as do futuro; é o Epimeteu dos povos, mas não o seu Prometeu.

O iniciado ária, ao contrário, chega à idéia da pluralidade das vidas, da necessidade de atuação e desenvolvimento infinito que arde em seu coração como a chama inextinguível de Agni. Sabe que o homem não possui mais nada além da terra que rega com o seu suor e o seu sangue, que nada mais espera além do céu ao qual aspira com toda a sua alma.

Sabe que o universo é uma tragédia formidável, mas que a vitória é para os valorosos e os que crêem. A luta em si é para ele um prazer e um estímulo o sofrimento, e os aceita ao preço dos sublimes gozos do amor, da contemplação e da beleza. Acredita no futuro da terra como no céu. A sucessão de vidas não o atemoriza, por sua variedade. Sabe que o céu esconde em seu azul batalhas inominadas, mas também felicidades desconhecidas. As viagens cósmicas prometem-lhe maiores maravilhas do que as viagens terrenas.

Acredita, por fim, como Cristo e o seu Verbo, em uma vitória final sobre a maldade e a morte, em uma transfiguração do mundo e da humanidade, ao cabo das eras, pela completa descida do Espírito na carne.

O antigo budismo e o pessimismo contemporâneo afirmam que todo desejo, toda forma, toda vida, toda consciência são um mal e que o único refúgio é a total inconsciência. Sua felicidade é completamente negativa.

O ária considera o cansaço de viver como uma covardia. Crê em uma felicidade ativa na expansão do seu desejo, como na soberana felicidade do amor e do sacrifício. Para ele, as formas efêmeras são mensageiras do divino.

Crê, pois, o ária na possibilidade da ação e da criação no tempo com a consciência do Eterno. Tendo experimentado-o e vivido-o, sente sua alma semelhante a uma nave sempre flutuante em meio à tempestade. É o único repouso, a divina calma a que aspira.

Em uma palavra, no conceito ária o desaparecimento do universo visível, o que o hindu chama o sono de Brama, não será outra coisa que um sonho inenarrável, um silêncio do Verbo recolhendo-se em si mesmo para ouvir cantarem as harmonias íntimas com suas miríades de almas e preparando-se para uma nova criação.

* * *

Não sejamos, porém, demasiadamente injustos com a Índia e seu Buda, pois eles nos legaram o tesouro da mais anti-

ga sabedoria. Tributemos-lhe, ao contrário, o culto da gratidão devida aos mais remotos antepassados e aos primitivos mistérios religiosos da nossa raça.

Quando a mulher hindu subia à pira do seu esposo e a mortífera chama a alcançava, ela atirava aos filhos o seu colar de pérolas, em derradeiro sinal de despedida.

Assim, a Índia agonizante, sentada sobre a tumba de seus heróis árias, lança ao jovem Ocidente a religião da piedade e a idéia fecunda da reencarnação.

Livro XI

JESUS E OS ESSENIOS

A secreta doutrinação de Jesus

I — O Cristo cósmico

Chegamos a um ponto da evolução humana e divina em que é preciso recordar o passado para compreender o futuro. Porque, hoje, a influência do superior e o esforço do inferior convergem em uma fusão luminosa que projeta seus raios, retrocedendo sobre o imemorial passado e avançando até o infinito futuro.

O advento de Cristo significa o ponto central, a incandescente pira da história. Assinala uma mudança de orientação e de lugar, um impulso novo e prodigioso. Como é surpreendente que pareça aos intransigentes materialistas como um desvio funesto e aos simples crentes como um golpe teatral que anula o passado para reconstruir e refrigerar de novo o mundo!

Para dizer a verdade, os primeiros são vítimas de sua cegueira espiritual e os segundos da estreiteza de seus horizontes. Se, por um lado, a manifestação de Cristo, por intermédio do mestre Jesus, é um fato de significação incalculável, por outro foi planejado por toda a precedente evolução. Uma trama de invisíveis fios ligava-a a todo o passado de nosso planeta. Esta radiação provém do coração de Deus para descer até o coração do homem e lembrar à terra, filha do sol, e ao homem, filho dos deuses, sua origem celeste.

Tratemos de elucidar, em poucas palavras, esse mistério.

A terra, com seus reinos, a humanidade, com suas raças, as potestades espirituais, com suas hierarquias que se prolongam até o Insondável, evoluem sob idêntico impulso, com movimento simultâneo e contínuo. Céu, terra e homem marcham unidos. O único meio de seguir o sentido de sua evolução consiste em penetrar, com olhar singular, essas três esferas em sua tarefa comum e considerá-las como um todo orgânico e indissolúvel.

Assim considerando, contemplamos o estado do mundo ao nascer o Cristo e concentramos nossa atenção sobre as duas raças que representam, naquele momento, a vanguarda humana: a greco-latina e a judia.

A partir do ponto de vista espiritual, a transformação da humanidade, da Atlântida à era cristã, nos oferece o duplo espetáculo de um retrocesso e de um progresso. De um lado, a diminuição gradual da clarividência e da comunhão direta com as forças da natureza e as potestades cósmicas. De outro, o ativo desenvolvimento da razão e da inteligência, à qual segue a conquista material do mundo pelo homem.

Nos centros de iniciação, nos locais onde se exprimem os oráculos, uma seleção continua, sem dúvida, cultivando a clarividência e dali emanam todos os movimentos religiosos e todos os grandes impulsos civilizadores.

Mas a clarividência e as faculdades de adivinhação diminuem entre a grande massa humana. Esta transformação espiritual e intelectual do homem, atraído cada vez mais pelo plano físico, corresponde a uma paralela transformação do seu organismo. Quanto mais remontamos ao passado pré-histórico, mais fluído e leve é o seu invólucro. Logo, se solidifica. Simultaneamente o corpo etéreo, que antes superava o corpo físico, é por este absorvido paulatinamente até convertê-lo em uma exata duplicata sua. Seu corpo astral, sua aura radiosa, que antes se projetava à distância como uma atmosfera servindo a suas percepções hiperfísicas, a sua relação com os Deuses, se concentra também em torno do seu corpo até não constituir mais que uma auréola opaca que sua vida sacia e suas paixões colorem.

Esta transformação compreende milhares e milhares de anos. Prolonga-se até a segunda metade do período atlântico e a todas as civilizações da Ásia, do norte da África e da Europa, das quais provêm os indianos, persas, egípcios, gregos e os povos nortistas da Europa.

Tal involução das forças cósmicas no homem físico era indispensável para seu complemento e sua perfeição intelectual. A Grécia representa o derradeiro estágio dessa *descida do Espírito sobre a matéria*. Nela, a fusão é perfeita. Sintetiza uma expansão maravilhosa da beleza física em um equilíbrio intelectual.

Porém este templo diáfano, habitado por homens semi-divinos, ergue-se à beira de um precipício onde pululam os monstros do Tártaro. Momento crítico. Como nada se detém e é forçoso avançar ou retroceder, a humanidade só podia, ao chegar a esse ponto, afundar-se na depravação e na bestiali-

dade ou galgar as culminâncias do Espírito com redobrada consciência.

A decadência grega e, sobretudo, a orgia imperial de Roma, apresentam o espetáculo a um só tempo repugnante e grandioso desta queda do homem antigo na libertinagem e na crueldade, término fatal de todos os grandes movimentos da história. ⁽¹⁾

“A Grécia — diz Rodolfo Steiner — realizou a sua obra deixando que se tornasse gradualmente mais denso o véu que recobria a sua antiga vidência. A raça greco-latina, com sua rápida decadência, assinala a mais profunda descida do espírito sobre a matéria, no curso da evolução humana. A conquista do mundo material e o desenvolvimento das ciências positivas se deram a este preço.

Como a vida póstuma da alma se acha condicionada por sua vida terrena, os homens vulgares apenas se elevavam depois da sua morte. Levavam consigo alguns dos seus véus, e sua existência astral corria parelha com a vida das sombras. A isto se refere o lamento da alma de Aquiles no relato de Homero: “É preferível ser mendigo na terra do que rei no país das sombras. A missão atribuída à humanidade pós-atlântica devia forçosamente afastá-la do mundo espiritual. É a lei do Cosmos que a grandeza de uma parte se dá às custas, durante um tempo, da decadência da outra.” ⁽²⁾

Era necessária à humanidade uma formidável transformação, uma ascensão até o apogeu da Alma para o cumprimento de seus destinos. Mas, para tanto, fazia falta uma nova religião, mais pujante do que todas as precedentes, capaz de comover as massas apáticas e remover o ser humano até as suas recônditas profundidades.

As anteriores revelações da raça branca haviam tido lugar por inteiro, nos mundos astral e etéreo, e dali atuavam poderosamente sobre o homem e a civilização. O cristianismo, vindo de mais longe e originado do mais alto através de todas as esferas, devia manifestar-se até no mundo físico para transfigurá-lo, espiritualizando-o, e oferecer ao indivíduo e à coletividade a imediata consciência de sua origem celestial e do seu

(1) Veja-se a descrição que faço no início de “A Vida de Jesus”.

(2) *Esboço da Ciência Oculta*, de Rodolfo Steiner.

divino objetivo. Não existem, pois, apenas razões de ordem moral e social, mas também razões cosmológicas que justificam o surgimento de Cristo na terra.

Por vezes, em pleno Atlântico, quando um vento baixo atravessa o tempestuoso céu, vê-se, em certo porto, condensarem-se as nuvens que descem inclinadas até o oceano, em forma de funil. Simultaneamente, eleva-se o mar como um cone, adiantando-se ao encontro da nuvem. Parece que toda a massa líquida aflui a este torvelinho para retorcer-se e erguer-se com ele. Subitamente, ambos os extremos se atraem e se confundem como duas bocas. . . Formou-se a tromba! O vento atrai o mar e o mar absorve o vento. Turbilhão de ar e de água, coluna viva, avança vertiginosamente sobre as ondas convulsas, juntando, por um instante, a terra com o céu.

O fenômeno de Cristo descendo do mundo espiritual ao físico através dos planos astral e etéreo, assemelha-se a um meteoro marinho. Em ambos os casos, as potestades do céu e da terra se juntam e colaboram em função suprema. Mas se forma-se a tromba em breves minutos sob a violência do furacão e as correntes elétricas, a descida de Cristo à terra exige milhares de anos, remontando-se sua causa primeira aos arcanos de nosso planetário sistema.

Nesta metáfora que trata de definir por meio de uma linguagem o papel do Cristo cósmico em nossa humanidade, a raça judia representa a contraparte terrena, esotérica e visível. É a parte inferior da grande onda que se eleva atraída pelo torvelinho do alto. Este povo se bate contra os demais. Com sua intolerância, sua idéia fixa, obstinada, ofende as nações como a tromba ofende as ondas.

Moisés se vale da idéia monoteísta existente entre os patriarcas para formar uma nação. Como o simum levanta uma coluna de pó, Moisés junta os ibrimos aos beduínos errantes para formar o povo de Israel. Iniciado no Egito, protegido por um Eloim ao qual chama Javé, impõe-se pela palavra, pelas armas e pelo fogo. Um Deus, uma Lei, uma Arca, um povo para mantê-la avançando através do deserto, suportando fome e sede, a caminho da terra prometida.

Desta idéia potente como a coluna de fogo que precede o tabernáculo, saiu o povo de Israel com suas doze tribos que correspondem aos doze signos do Zodíaco. Israel manterá in-

tacta a idéia monoteísta, apesar dos crimes de seus reis e os assaltos dos povos idólatras.

Nesta idéia enxerta-se, desde a origem, a idéia messiânica. Já moribundo, Moisés anunciou o Salvador final, rei da justiça, profeta e purificador do universo.

De século em século, proclama-o a voz incansável dos profetas, do desterro babilônico até o férreo jugo romano. Sob o reinado de Herodes, o povo judeu parece uma nave em perigo, cuja tripulação enlouquecida incendiasse o mastro para, à maneira de um farol, servir-lhe de guia entre os recifes. Porque neste momento Israel apresenta o espetáculo desconcertante e inaudito de um povo pisoteado pelo destino e que, meio confuso, espera salvar-se mediante a encarnação de um Deus. Israel deveria naufragar, mas Deus tornou-se carne.

Que representa, neste caso, a trama completa da Providência, da liberdade humana e do Destino? O povo judeu personifica e encarna de certo modo a chamada do mundo por Cristo. Nele, a liberdade humana, obstaculizada pelo Destino, ou seja, pelas faltas do passado, clama à providência pela sua salvação. Porque as grandes religiões refletiram esta predisposição como em um espelho. Ninguém alcança formar uma idéia definida do Messias, porém os iniciados tinham-na pressentido e anunciado muito tempo antes.

Respondeu Jesus aos fariseus que o interrogavam sobre a sua missão: “Antes de Abraão, eu já existia.” Aos apóstolos temerosos de sua morte, dizia estas surpreendentes palavras, jamais pronunciadas por nenhum profeta e que pareceriam ridículas em outros lábios que não os seus: “O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão.”

Ou são tais conceitos divagações de um alienado ou, pelo contrário, possuem uma transcendente significação cosmológica. Para a tradição eclesiástica oficial, Cristo, segunda pessoa da Trindade, não abandonou a companhia do Pai senão para encarnar-se na Virgem Maria.

Para a tradição esotérica também Cristo é uma entidade sobrehumana, um Deus no sentido amplo da palavra, a mais alta manifestação espiritual conhecida pela humanidade. Porém, como todos os Deuses, verbos do Eterno, desde os Arcanjos até os Tronos, atravessa uma evolução que perdura durante toda a vida planetária e, por ser a sua vontade única entre as

Potestades por completo manifestadas em uma encarnação humana, resulta de especial natureza.

Para conhecer-se sua origem é preciso remontar à história das raças humanas até a constituição do planeta, até o primeiro estremecimento de luz em nossa escuridão. Porque, segundo a tradição rosacruz, o Espírito que falou ao mundo sob o nome de Cristo pela boca do mestre Jesus, acha-se espiritualmente unido ao sol, astro rei do nosso sistema.

As potestades cósmicas elaboraram o nosso mundo sob a direção única e de acordo com uma sábia hierarquia. Esboçadas no plano espiritual, tipos e elementos, almas e corpos refletem-se no mundo astral, vitalizam-se no etéreo e condensam-se na matéria.

Cada planeta é obra de diferentes classes de Potestades criadoras, que engendram outras formas de vida. Cada imensa potestade cósmica, ou seja, cada grande Deus, tem por séquito legiões de espíritos que são seus sábios operários.

A tradição esotérica do Ocidente considera Cristo rei dos gênios solares. No instante em que a terra separou-se do sol, os sublimes espíritos chamados *εσνοίαυ* por Dionísio Areopagita, *virtudes* pela tradição latina, *Espíritos da Forma* por Rodolfo Steiner, retiram-se do astro luminoso que acabava de projetar seu núcleo opaco. Eram de uma natureza bastante sutil para jubilar-se na densa atmosfera terrestre em que deviam agitar-se os Arcanjos. Mas, concentradas em torno da aura solar, atuaram dali com muito mais poder sobre a terra, fecundando-a com seus raios e revestindo-a com seu manto verde. Cristo, tornado regente dessas potestades espirituais, poderia titular-se Arcanjo solar. Oculto por elas, permaneceu muito tempo ignorado pelos homens, sob o seu véu de luz.

A terra, muito grande, sofreu a influência de outro Deus cujas legiões encontravam-se então centralizadas no planeta Vênus. Esta potestade chamou-se Lúcifer, o Arcanjo rebelde segundo a tradição judaico-cristã, que precipitou o avanço da alma humana na conquista da matéria, identificando o *eu* com o mais denso do seu invólucro. Foi, por isto, o causador direto do mal, mas também o impulsor da paixão e do entusiasmo, esta divina fulguração no homem, através da agitação do sangue. Sem ele, careceríamos de razão e de liberdade e faltaria ao espírito o trampolim para alçar-se até os astros.

A influência dos espíritos luciferianos predomina durante o período lemuriano e atlântico, mas desde o início do período ária se faz patente a influência espiritual que emana da aura solar que aumenta de período em período, de raça em raça, de religião em religião. Assim, paulatinamente, Cristo acerca-se do mundo terreno por meio de uma irradiação progressiva.

Essa lenta e profunda incubação assemelha-se, no plano espiritual, ao que no plano físico fora o surgimento de um astro, oriundo das profundezas do céu, do qual se perceberia, à medida que se aproximava, o aumento progressivo do seu disco.

Indra, Osíris, Apolo elevam-se sobre a Índia, Egito e Grécia como precursores de Cristo. Brilha, através destes deuses solares, como branca luz por trás dos vitrais vermelhos, amarelos ou azuis das catedrais. Aparece periodicamente aos raros iniciados, como de vez em quando sobre o Nilo, atravessando os róseos resplendores do sol poente que se prolongam até o zênite, declina uma longínqua estrela. Resplandece, já, para a aguda visão de Zoroastro, sob a figura de Ahura-Mazda como um Deus revestido do esplendor do sol. Flameja para Moisés na sarça ardente e fulgura, como um raio, através de todos os Eloim em meio aos relâmpagos do Sinai. Ei-lo aqui convertido em Adonai, assim anunciando a sua próxima chegada.

Mas isto não era o bastante. Para arrancar a humanidade da opressão da matéria na qual se encontrava submergida desde o seu descenso, faltava que esse Espírito Sublime encarnasse em um homem, era necessário que o Verbo solar descesse em um corpo humano, que andasse e respirasse sobre a terra.

Para conduzir os homens pelas sendas das elevações espirituais e mostrar-lhes seu celestial objetivo, não faltava senão *a manifestação do divino Arquétipo do plano físico*. Faltava o triunfo do Amor infinito sobre o mal e da esplendorosa ressurreição sobre a morte. Que surgisse intacto, transfigurado e ainda mais majestoso do abismo em que havia afundado.

O redator do Evangelho, segundo São João, pôde dizer, em um sentido a um só tempo literal e transcendente: “O Verbo foi feito carne e habitou entre nós e vimos sua glória, pleno de graça e de verdade.”

Esta é a razão cósmica da encarnação do Verbo solar. Acabamos de perceber a necessidade de sua manifestação terrestre a partir do ponto de vista da evolução divina. Vejamos agora como a evolução prepara-lhe um instrumento digno de recebê-lo.

II — O mestre Jesus, suas origens e seu desenvolvimento

Uma questão prévia surge a quantos querem evocar, em nossos dias, o verdadeiro Jesus: a questão do relativo valor dos quatro Evangelhos.

Todo aquele que haja penetrado, por meio da meditação e da intuição, a intrínseca verdade de tais testemunhos, de caráter único, se verá tentado pela resposta a todas as objeções postas pela crítica à autenticidade dos Evangelhos, valendo-se de uma palavra de Goethe. Já na última fase de sua vida, disse-lhe um amigo:

— De acordo com as pesquisas, o Evangelho de São João não é autêntico.

— E o que é mais autêntico — respondeu o autor de *Fausto* — que o eternamente belo e verdadeiro?

Através de tão soberbo conceito, o velho poeta, o mais sábio entre todos os pensadores de sua época, colocava em seu verdadeiro lugar as toscas construções da escola crítica e puramente documentária, cuja presumida desonestidade chegou a ocultar de nossos olhos a Verdade da Vida.

Sejamos mais precisos. É admitido que os Evangelhos gregos foram redigidos muito tempo depois da morte de Jesus, com base nas tradições judias que remontavam diretamente aos discípulos e testemunhas oculares da vida do Mestre. Contenham ou não certas contradições de detalhes e ainda que nos apresentem o profeta da Galiléia sob duas modalidades opostas, em que se fundamentam, para nós, a verdade e a autenticidade de tais escrituras? Na data de sua redação? No acúmulo de comentários amontoados sobre elas?

Não. Sua força e sua veracidade estão na vívida unidade da pessoa e da doutrina que delas emana, tendo como contraprova o fato de que tal palavra transformou a face do mundo e a possibilidade da nova vida que ainda pode evocar em cada um de nós.

Eis aqui a soberana prova da realidade histórica de Jesus de Nazaré e da autenticidade dos Evangelhos. O mais é aces-

sório. Enquanto aos que, como David Strauss, imitados por alguns teósofos, tentam persuadir-nos que Cristo não passa de um simples mito, “uma imensa mentira histórica”, seu grotesco pedantismo merece de nós fé mais cega que a dos mais fanáticos crentes. Como disse muito bem Rousseau, se os pescadores da Galiléia, os escribas de Jerusalém e os filósofos neoplatônicos de Efeso houvessem criado por inteiro a figura de Jesus Cristo, que venceu o mundo antigo e conquistou a humanidade moderna, resultaria em um milagre mais ilógico e de mais difícil compreensão que todos aqueles realizados por Cristo. Para o ocultismo contemporâneo, como para os iniciados de todos os tempos, são feitos conhecidos e averiguados, tão bem elevados por Ele à sua máxima potência.

Tais milagres eram necessários para convencer os contemporâneos de Jesus. O que ainda hoje se impõe a nós com não menos poder é a figura inspiradora, é a incomparável grandeza espiritual desse mesmo Jesus que ressurge dos Evangelhos e da consciência humana cada vez mais pleno de vida.

Afirmemos, pois, como Rodolfo Steiner: “A crítica moderna sobre os Evangelhos não nos esclarece mais que a parte externa e material de tais documentos. Mas nada nos trazem de sua essência. Uma personalidade tão vasta como a de Cristo não podia ser abarcada por apenas um de seus discípulos. Tinha de revelar-se a cada um segundo sua capacidade, através de um aspecto diferente de sua natureza. Suponhamos que fotografássemos uma árvore apenas por um dos seus lados. Não teríamos, dela, nada mais que uma imagem parcial. Suponhamos, ainda, que a fotografássemos sob quatro pontos de vista diferentes. Teríamos, então, uma imagem completa.

“O mesmo ocorre com os Evangelhos. Cada um deles corresponde a um diferente grau de iniciação e nos apresenta diferentemente a natureza de Jesus Cristo.

“Mateus e Lucas nos descrevem preferentemente o mestre Jesus, ou seja, a natureza humana do fundador do Cristianismo. Marcos e João sugerem, acima de tudo, sua natureza espiritual e divina.

“Mateus observa o mestre Jesus *a partir do ponto de vista físico*. Oferece-nos os mais preciosos documentos no que diz respeito às gerações que precederam as suas relações atávicas com o povo de Israel.

“Lucas, o evangelista mais poético e mais imaginativo, relata *a vida íntima do Mestre*. Via o reflexo do seu eu em seu corpo astral. Descreve, em imagens comoventes, a capacidade de amor e de sacrifício que derramava do seu coração.

“Marcos corresponde à *aura magnética que rodeia Cristo*, cujos raios prolongam-se até o mundo do espírito. Ele nos mostra, sobretudo, sua força milagrosa de terapeuta, sua majestade e poder.

“João é, por excelência, o Evangelho metafísico. Seu objetivo é revelar o divino espírito de Cristo. Menos preciso que Marcos e Mateus, mais abstrato que Lucas, carece, ao contrário deste último, das incisivas visões que refletem os fatos do mundo astral. Mas *ouve o verbo interior e primordial, a criadora palavra* que vibra em cada modulação e em toda a vida de Cristo, proclamando o Evangelho do Espírito.

“Os quatro evangelistas representam, pois, os inspirados e os clarividentes de Cristo, ainda que cada um o expresse segundo os seus limites e através de sua esfera.”⁽³⁾

A diversidade e a unidade de inspiração dos Evangelhos, que se completam e se fundem como as quatro etapas da vida humana, nos demonstram o seu valor relativo. Relacionando cada um com o que representa, consegue-se penetrar pouco a pouco na elevada personalidade de Jesus Cristo que margeia em sua fase humana a evolução particular do povo judeu e, em sua fase divina, toda a evolução planetária.⁽⁴⁾

Remontando a ascendência de Jesus Cristo até Davi e Abraão, o Evangelho de Mateus o faz descender dos eleitos da raça de Judá. Seu corpo físico é a flor suprema daquele povo.

(3) Esta classificação dos Evangelhos a partir do seu peculiar ponto de compreensão é um resumo de diversas conferências do Dr. Rodolfo Steiner.

Estes vislumbres naturais recebem aqui a luminosa confirmação da ciência de um pensador e vidente de primeira ordem.

Apraz-me manifestar, por meio destas linhas, minha fervorosa gratidão a três distintos teósofos suíços: Sr. Oscar Grosheinz, de Berna; Sra. Grosheinz, de Berna; Sra. Grosheinz-Laval e Sr. Hahn, da Basileia. Todos me proporcionaram preciosas informações sobre algumas conferências privadas do Dr. Steiner.

(4) Remeto o leitor ao livro anterior de Jesus, onde se faz referência ao primordial desenvolvimento de Jesus e a expansão de sua consciência.

Eis aqui o quanto é necessário conservar desta árvore genealógica. Fisicamente, o mestre Jesus deveria ser o produto de uma longa seleção, a filtração de toda uma raça. Porém, além do atavismo do corpo, existe o da alma. Todo ego humano passou por inúmeras encarnações anteriores. As dos iniciados são de modalidade especial, de exceção e proporção ajustada ao seu grau evolutivo.

Os *nabi*, profetas judeus, eram normalmente consagrados a Deus por suas próprias mães e era-lhes imposto o nome de Emanuel ou *Deus em si mesmo*. Isto significava que seriam inspirados pelo Espírito. Concorriam aqueles meninos a um colégio destinado aos profetas e logo faziam votos para consagrar-se à vida ascética, no deserto. Chamavam-se *Nazarenos* porque deixavam crescer os cabelos.

Os que na Índia chamam-se *Bodisatvas* têm muitos pontos de contato (levando-se em conta todas as diferenças de raça e de religião) com os profetas hebreus que levavam o nome de Emanuel. Eram seres cuja alma espiritual (*Bódi*) achava-se suficientemente desenvolvida para relacionar-se com o mundo divino durante sua encarnação. Um *Buda* era, para os hindus, um Bodisatva que havia alcançado a perfeição moral em sua última encarnação. Esta perfeição supunha uma completa penetração do corpo pela alma espiritual.

Depois de tal manifestação, que exerce sobre a humanidade uma influência regeneradora e purificadora, não tem um Buda necessidade de reencarnar outra vez. Entra na glória do *Nirvana* ou da *Não-Ilusão* e permanece no mundo divino, de onde continua influenciando a humanidade.

Cristo é mais que Bodisatva e mais que Buda. É uma potestade cósmica, o eleito dos Devas, o mesmo verbo solar que só toma corpo uma vez para dar à humanidade seu mais poderoso impulso. Um espírito de tal envergadura não podia encarnar-se em um ventre de mulher e no corpo de uma criança. Este deus não podia seguir, como se acham obrigados os demais homens, mesmo os mais elevados, o estreito ciclo da evolução animal que se reproduz na gestação da criança por intermédio da mãe. Não podia sofrer, inevitável lei de toda encarnação, o temporário eclipse da consciência divina. Um Cristo, diretamente encarnado no ventre de uma mulher, teria matado a mãe como Júpiter matou Sêmele, mãe do segundo Dionísio, conforme a lenda grega. Precisava, para encarnar, de um corpo

adulto, desenvolvido por uma raça forte até um grau de perfeição e de pureza digno do Arquétipo humano, do Adão primitivo, modelado pelos Eloim na luz incriada na origem do nosso mundo.

Este corpo, eleito entre todos, foi aprovado pela pessoa do mestre Jesus, filho de Maria. Porém, era necessário ainda que, do seu nascimento até a idade de trinta anos, época em que deveria Cristo tomar posse do seu tabernáculo humano, o corpo do mestre Jesus fosse temperado e aprimorado por um iniciado de primeira ordem. Deste modo, um homem quase divino oferecia seu corpo em holocausto, como um vaso sagrado, para receber o Deus feito homem.

Quem é o grande profeta, ilustre entre os religiosos fastos da humanidade, a quem incumbiu esta terrível tarefa? Os Evangelistas não o dizem. Mas o Evangelho de Mateus o indica claramente, tornando-o perceptível através das mais sugestivas leituras.

O divino Infante nasceu na noite perfumada e plácida de Belém. Paira o silêncio sobre os negros montes de Judá. Apenas os pastores ouvem as vozes angélicas que descem do céu cheio de estrelas.

Dorme o Menino em seu presépio. Sua mãe, extasiada, envolve-o com os olhos. Quando ele, por sua vez, abre os próprios olhos, Maria sente-lhe a profundidade até a medula, como lâmina introduzida por este raio solar que a interroga com espanto. A pobre alma, assustada, vinda de longe, crava ao redor um olhar medroso, mas reencontra o seu perdido céu nas vibrantes pupilas da mãe. E o menino volta a dormir profundamente.

O evangelista que relata esta cena, porém, vê algo mais. Vê as forças espirituais concentradas sobre aquele grupo nas profundezas do espaço e do tempo, condensando-se para ele em um quadro pleno de majestade e de doçura.

Vindos do distante Oriente, três magos atravessam o deserto e se encaminham para Belém. Detém-se a estrela sobre o estábulo onde dorme Jesus menino. Então os reis magos, cheios de júbilo, prostram-se diante do recém-nascido para adorá-lo e oferecer-lhe os presentes em ouro, incenso e mirra, símbolos da sabedoria, compaixão e força de vontade.

Qual o significado desta imagem? Eram os magos discípulos de Zoroastro e consideravam-no o seu rei. Chamavam a

si mesmos de reis porque sabiam ler no céu e influir sobre os homens.

Uma antiga tradição circulava entre eles: o seu Mestre reapareceria no mundo sob o nome de Salvador (*Sosiosch*) e restabeleceria o reinado de Ormuz. Durante séculos os iniciados do Oriente sustentaram esta profecia de um Messias.

Por fim, cumpriu-se. O evangelista que nos relata a cena, traduz, na linguagem dos adeptos, que os Magos do Oriente deram as boas-vindas, no infante de Belém, a uma *reencarnação de Zoroastro*. Tais são as leis da evolução divina e da psicologia transcendente. Tal é a origem das mais elevadas individualidades. Tal é o poder que tece, com as grandes almas, linhas imensas sobre a trama da história. O mesmo profeta que anunciara ao mundo o Verbo solar, sob o nome de Ahura-Mazda, do alto do monte Albordj e nas planícies do Irã, renasceria na Palestina para encarná-lo em todo o seu esplendor!

Por maior que seja um iniciado, eclipsa-se a sua consciência ao personalizar-se sob o véu da carne. Vê-se forçado a reconquistar o seu eu superior em sua vida terrena engrandecendo-a com novas energias.

A família de Jesus, simples e piedosa, protegeu-lhe a infância e a adolescência. Sua alma, crescendo sobre si mesma, não encontrou obstáculos para sua expansão, como os lírios silvestres entre as altas pastagens da Galiléia. Abria sobre o mundo seu olhar claro, porém sua vida interior permanecia hermeticamente fechada. Não sabia ainda quem era nem o que esperava.

Porém, como se ilumina às vezes a paisagem agreste com súbitos clarões, assim se iluminava sua alma com visões intermitentes.

“Um dia, nas montanhas azuis da Galiléia, extasiado entre os brancos lírios de corola violácea que crescem entre pastos altíssimos, do tamanho de uma pessoa, viu chegar até si, vindo do fundo dos espaços, uma estrela maravilhosa. Ao aproximar-se, transformou-se em um grande sol, em cujo centro sobressaía uma figura humana, fulgurante e imensa. Unia ela a majestade do Rei dos Reis à doçura da Mulher Eterna, pois era Varão por fora e Mulher por dentro.” ⁽⁵⁾

(5) De *Santuários de Oriente*.

E o adolescente, recostado entre a relva crescida, sentiu-se como que suspenso no espaço pela atração daquele astro. Ao despertar do seu sonho, estava leve como uma pluma.

O que era, pois, aquela prodigiosa visão que freqüentemente lhe aparecia? Assemelhava-se às descritas pelos profetas e, contudo, era-lhes diferente. Não falava delas a ninguém, mas sabia que continham seu destino passado e seu futuro.

Jesus de Nazaré era desses adolescentes que apenas se desenvolvem interiormente sem que ninguém o perceba. O cultivo interno do seu pensamento expande-se em um momento propício, causado por uma circunstância externa, e assombra e comove o mundo inteiro.

Lucas descreve esta fase de desenvolvimento psíquico. José e Maria perderam-se do menino que com eles passeava nos dias de festas de Jerusalém e, buscando-o, encontram-no sentado entre os doutores do templo “escutando-os e fazendo-lhes perguntas”.

À queixa dos pais aflitos, responde: “Por que me procurais? Não sabeis que a mim convém estar onde estejam os assuntos do meu Pai?” Mas eles não compreenderam o seu filho, acrescenta o evangelista. Portanto, aquele adolescente de dupla vida achava-se “sujeito a seus pais e crescia em sabedoria e em idade e em graça” (São Lucas II, 41-52).

III — Permanência de Jesus com os essênios — O batismo no Jordão e a encarnação de Cristo

O que fez Jesus dos 13 aos 33 anos?

Os Evangelhos não dizem sobre isso uma única palavra. Existe aí uma intencional lacuna e um profundo mistério. Porque todo profeta, por maior que seja, precisa passar pela iniciação. Precisa descobrir sua alma primitiva para que compreenda suas forças e cumpra sua nova missão.

A esotérica tradição dos teósofos da antiguidade e de nossos tempos estão de acordo ao afirmar que apenas os essênios podiam iniciar o mestre Jesus, derradeira confraria na qual ainda subsistiam as tradições do profetismo e que habitava, então, as margens do Mar Morto.

Os essênios, cujos costumes e a doutrina secreta foram revelados por Filão de Alexandria, eram conhecidos principalmente como terapeutas ou curandeiros mediante os poderes do espírito. *Asaya* quer dizer médico. Os essênios eram médicos da alma.

Os evangelistas guardaram absoluto silêncio, tão profundo quanto o mudo Mar Morto, sobre a iniciação do mestre Jesus, pois assim convinha à humanidade profana. Revelaram-nos apenas seu último termo no Batismo do Jordão.

Porém reconhecidas, por um lado, a individualidade transcendente do mestre Jesus, idêntica à do profeta do Ahura-Mazda, e, por outro, que o Batismo no Jordão oculta o formidável Mistério da encarnação de Cristo, conforme manifestam por meio de interpretáveis símbolos que pairam sobre o relato evangélico, as ocultas Escrituras, podemos reviver, em suas fases essenciais, esta preparação ao mais extraordinário acontecimento da história, de modalidade única.

* * *

Na foz do Mar Morto, o vale do Jordão ostenta o mais impressionante espetáculo da Palestina. Nada se lhe pode comparar.

Descendo das elevações estéreis de Jerusalém, percebe-se uma extensão desolada percorrida por um sopro sagrado que surpreende o espírito. E, à primeira olhada, compreende-se porque os grandes acontecimentos religiosos da terra ali tiveram lugar.

Uma elevada franja de vaporoso azul inunda o horizonte. São as montanhas de Moab, de cimos lisos e escalonados em domos e cúpulas.

Porém, a grandiosa franja horizontal, perdida em nuvens de bruma e de luz, domina seu tumultuoso Oceano assim como a eternidade domina o tempo.

Incomparavelmente calvo, distingue-se o cume do monte Nebo, onde Moisés entregou sua alma a Javé.

Entre os abruptos picos de Judá e a imensa cordilheira de Moab estende-se o vale do Jordão, árido deserto margeado por pradarias e pomares.

Na parte oposta, divisa-se o oásis de Jericó, com suas palmeiras e seus vinhetos, altos como plátamos, e o tapete de relva que ondula na primavera, salpicado por anêmonas vermelhas. Corre o Jordão, aqui e ali, entre dunas e areias brancas, para perder-se no Mar Morto. E este surge como um triângulo azul entre os elevados promontórios de Moab e de Judá que se comprimem sobre ele como que para melhor abrigá-lo.

Em torno do lago maldito que, segundo a tradição bíblica, cobre Sodoma e Gomorra, tragadas por um abismo de fogo, reina um silêncio de morte. Suas águas salgadas e oleosas, carregadas de asfalto, matam tudo o que banham. Nenhum vela o navega, nenhum pássaro o cruza. Sobre os seixos de suas praias áridas, nada mais se encontra além de peixes mortos ou brancos esqueletos de aloés e sicômoros.

E, contudo, a superfície desta massa líquida, cor de lazulita, é um espelho mágico. Varia incessantemente de aspecto, como um camaleão. Sinistro e plúmbeo durante a tempestade, abre ao sol o límpido azul de suas profundezas e reflete, em imagens fantásticas, as colossais arquiteturas dos montes e as formas das nuvens. E o lago da morte se transforma no lago das visões apocalípticas.

Este vale do Jordão, tão fértil em outros tempos, devastado na atualidade, termina na angústia do Mar Morto, como um inferno sem saída. Parece um lugar distante do mundo,

cheio de espantosos contrastes. Natureza vulcânica, freneticamente perturbada pelas potestades produtivas e destrutivas.

O voluptuoso oásis de Jericó, regado por fontes sulfuradas, parece ultrajar, com seu sopro tépido, os transtornados montes de formas demoníacas. Aqui mantinha o rei Herodes o seu harém e os seus palácios, enquanto que ao longe, nas cavernas de Moab, troavam as vozes dos profetas. As pegadas de Jesus, gravadas naquilo solo, fizeram calar os últimos extertores das urbes infames. É uma região marcada pelo sinal despótico do Espírito. Tudo ali é sublime: sua tristeza, sua imensidão e seu silêncio. Morre a palavra humana porque se fez apenas para a palavra de Deus.

Compreende-se que os essênios tenham escolhido para o seu retiro o mais distante extremo do lago, ao qual chama a Bíblia de “Mar Solitário”. En-Gaddi é um estreito patamar semicircular situado ao pé de um escarpado de trezentos metros, sobre a costa ocidental da Asfáltida, junto aos montes de Judá.

No primeiro século da nossa era, viam-se as residências dos terapeutas construídas com terra seca. Em um estreito barranco cultivavam o gergelim, o trigo e a uva. Passavam a maior parte de sua existência entre a leitura e a meditação.

Ali foi Jesus iniciado na tradição profética de Israel e nos concílios dos magos da Babilônia e de Hermes sobre o Verbo Solar. Dia e noite, o predestinado Essênio lia a história de Moisés e dos profetas, porém somente por intermédio da meditação e da iluminação interior que nele se tornaram maiores alcançou a consciência de sua missão.

Quando lia as palavras do Gênesis, ressoavam nele como o harmonioso troar dos astros rodando em suas esferas. E esta palavra criou as coisas, em quadros imensos: “Eloim disse: Faça-se a luz! E a luz se fez. — Eloim separa a Luz das Trevas.” E via Jesus nascer os mundos, o sol e os planetas.

Porém, uma noite, quando aproximava-se já dos trinta anos, foi tomado de assalto, enquanto dormia em sua gruta, pela visão de Adonai, que não lhe aparecia desde a sua infância... Então, com a rapidez do raio, lembrou que mil anos antes fôra o seu profeta. Sob a torrente ígnea que o invadia, compreendeu que ele, Jesus de Nazaré, foi Zoroastro, sob os cumes do Albordj. Entre os árias, fôra o profeta de Ahura-Mazda.

Voltava à terra para reafirmá-lo? Regozijo, glória, felicidade inaudita... Vivia e respirava na mesma Luz! Que nossa missão lhe confiava o temível Deus?

Seguiram-se semanas de embriaguez silenciosa e concentrada nas quais revivia o Galileu a sua vida passada. Logo, delineou a visão como que de uma nuvem no abismo. E pareceu-lhe então que abrangia os séculos transcorridos desde a sua morte com os olhos de Ormuz-Adonai. Isto causou-lhe uma dor aguda. Como a pintura tremulante de um quadro imenso, escoou-se diante dele a decadência da raça ária, do povo judeu e dos países greco-latinos. Contemplou seus vícios, dores e crimes. Viu a terra abandonada dos Deuses. Porque a maioria dos antigos Deuses haviam abandonado a humanidade pervertida e o Insondável, o Deus-Pai, achava-se demasiadamente distante da pobre consciência humana.

E o Homem, pervertido, degenerado, morria sem conhecer a sede dos Deuses ausentes. A Mulher, que precisava ver Deus por intermédio do Homem, morria ao necessitar de Herói, de Mestre, de Deus vivo. Convertia-se em vítima ou cortesã, como a sublime e trágica Mariana, filha dos Macabeus, que quis, com imenso amor, o tirano Herodes e encontrou apenas o ciúme, a desconfiança e o punhal assassino...

E o Mestre Jesus, vagando sobre os escarpados de En-Gaddi, ouvia a distante pulsação rítmica do lago. Esta voz densa que se amplificava repercutindo nas cavidades das rochas, como um vasto gemido de mil ecos, parecia então o grito da maré humana elevando-se até Adonai para reclamar-lhe um profeta, um Salvador, um Deus...

E o antigo Zoroastro, transformado no humilde Essênio, também evocava o Senhor. Desceria o Rei dos Arcanjos solares para ditar-lhe sua missão? Mas ele não descia...

E, em lugar da visão esplendorosa, uma negra cruz aparecia-lhe na vigília e no sono. Interna e externamente, pairava ante sua presença. Acompanhava-o na praia, seguia-o sobre os grandes escarpados, erguia-se na noite como sombra gigantesca entre o Mar Morto e o estrelado céu.

Quando interrogava o impassível fantasma, uma voz respondia do fundo de si mesmo:

— Ergueste teu corpo sobre o altar de Adonai, como áurea e ebúrnea lira. Agora o teu Deus te reclama para manifestar-se

aos homens. Ele te procura e te reclama! Não escaparás! Oferece-te em holocausto! Aceita a tua cruz!

E Jesus tremia dos pés à cabeça.

.....

Na mesma época, murmúrios insólitos puseram em guarda os eremitas de En-Gaddi. Dois essênios que voltavam do Jordão anunciaram que João Batista pregava o arrependimento dos pecados às margens do rio, em meio a uma multidão imensa. Anunciava o Messias, dizendo: “Eu vos batizo com a água. Aquele que virá vos batizará com o fogo.” E a inquietação propagava-se por toda a Judéia.

Certa manhã, passeava o Mestre Jesus pela praia de En-Gaddi com o centenário patriarca dos essênios. Disse Jesus ao chefe da confraria:

— João Batista anuncia o Messias. Quem será?

O ancião contemplou durante longo momento o grave discípulo e disse:

Por que perguntas se tu já o sabes?

— Quero ouvir dos teus lábios.

— Pois bem, serás tu. Nós te preparamos durante dez anos. A luz se fez em tua alma, mas falta ainda a manifestação do desejo. Consideras-te pronto?

Ouvindo-o, Jesus estendeu os braços em forma de cruz e baixou a cabeça. Então, o velho terapeuta prostrou-se ante seu discípulo e beijou-lhe os pés, inundando-os com uma torrente de lágrimas, enquanto dizia:

— Sobre ti, pois, descera o Salvador do mundo.

Submergido em terrível pensamento, o Essênio consagrado ao magno sacrifício deixou-o agir sem qualquer movimento. Quando o centenário levantou-se, Jesus disse:

— Estou pronto.

Olharam-se mais uma vez. Igual luz e idêntica resolução brilhavam nos olhos úmidos do mestre e no ardente olhar do discípulo.

— Vai ao Jordão, — disse o ancião — João te espera para o batismo. Vai, em nome de Adonai!

E o Mestre Jesus partiu, acompanhado de dois jovens essênios.

* * *

João Batista, em quem Cristo quis logo reconhecer o profeta Elias, representava então a derradeira encarnação do antigo profetismo espontâneo e impulsivo.

Nele, ainda, rugia um daqueles ascetas que anunciaram aos povos e aos reis as vinganças do Eterno e o reinado da justiça, impelidos pelo Espírito.

Comprimia-se em torno dele, qual uma onda, heterogênea multidão, composta de todos os elementos da sociedade de então, atraída por suas palavras poderosas. Eram fariseus hostis, samaritanos entusiastas, andarilhos cândidos, soldados de Herodes, barbudos pastores idumeus com seus rebanhos de cabras, árabes com seus camelos e ainda cortesãs gregas de Séforis, atraídas pela curiosidade, em suntuosas liteiras com seu séquito de escravas.

Chegavam todos com sentimentos diversos para “escutar a voz que repercutia no deserto”. Fazia-se batizar o que assim o quisesse, mas não se considerava isso um entretenimento.

Sob a palavra imperiosa, sob a mão rude do Batista, permanecia-se submergido durante alguns segundos nas águas do rio. E saía-se purificado de toda mácula e como que transfigurado. Porém, quão difíceis eram aqueles momentos! Durante a prolongada imersão, corria-se o risco de perecer afogado. A maioria acreditava morrer e perdia os sentidos. Dizia-se que alguns, efetivamente, haviam morrido. Mas isso não fazia senão aumentar ainda mais o interesse do povo pela perigosa cerimônia.

Naquele dia, a multidão acampada em torno da curva do Jordão, onde João pregava e batizava, estava inquieta. Um maligno escriba de Jerusalém, instigado pelos fariseus, havia provocado um tumulto, dizendo ao homem vestido de pele de carneiro:

— Faz um ano que nos anuncias o Messias que transformará os poderes da terra e restabelecerá o reino de Davi. Quando virá? Onde está? Quem é? Mostra-nos o Macabeu, o rei dos judeus! Somos muitos, em número e em armas. Se és tu, dize-nos e guia-nos ao combate dos sabres, ao palácio de Herodes ou à Torre de Sion, ocupada pelos romanos. Dizem que és Elias. Pois bem, conduze a multidão!...

Lançaram-se gritos, brilhavam lanças. Uma vaga ameaçadora de entusiasmo e de cólera impeliu a turba em direção ao profeta.

Diante desta revolta, elevou-se João acima dos amotinados, com seu rosto barbudo de asceta e de leão visionário, e gritou:

— Para trás, corja de chacais e de víboras! O raio de Jeová vos ameaça!

E na manhã daquele dia emanaram vapores sulfurados do Mar Morto. Uma nuvem negra cobriu todo o vale do Jordão, envolto em trevas. Um trovão retumbou na distância.

Aquela voz do céu, que parecia responder à voz do profeta, a turba, intimidada por supersticioso temor, retrocedeu, dispersando-se no acampamento. Em um abrir e fechar de olhos fez-se o vazio em torno do irado profeta, até ficar ele completamente só junto à profunda enseada onde o Jordão simula um broche enlaçado de tamarindos, canaviais e aroeiras.

Ao cabo de um momento, o céu clareou no zênite. Uma leve bruma semelhante a difusa luz estendeu-se sobre o vale, ocultando os topos e deixando apenas descobertas as faldas das montanhas, tingindo-as com reflexos cor de cobre.

João viu chegar três essênios. A nenhum conhecia, porém reconheceu a ordem à qual pertenciam por suas vestes brancas.

O mais jovem dos três dirigiu-se a ele, dizendo:

— O patriarca dos essênios roga a João, o profeta, que administre o batismo ao nosso irmão eleito, ao Nazareno Jesus, sobre cuja testa jamais se pôs qualquer marca.

— Bendito seja pelo Eterno! Que entre na onda sagrada! — disse João, cheio de respeito ante a majestade do desconhecido, de elevada estatura, belo como um anjo e pálido como um morto, que caminhava em sua direção com os olhos baixos.

Sem dúvida, não se dava conta ainda o Batista do sublime Mistério do qual ia ser o oficiante.

Titubeou por um instante o Mestre Jesus, antes de penetrar no lago formado por leve remanso do Jordão. Em seguida, submergiu resolutamente e desapareceu sob as águas.

João estendia sua mão sobre a limosa massa líquida murmurando as palavras sacramentais. Na margem oposta, tomados de mortal angústia, os dois essênios permaneciam imóveis.

Não era permitido ajudar o batizado a sair da água. Acreditava-se que um eflúvio do Divino Espírito penetrava nele graças à mão do profeta e à água do rio. A maioria saía estimulada da prova. Alguns morriam e outros enlouqueciam como possessos. A estes chamava-se endemoninhados.

Por que demorava Jesus a sair do Jordão, cujo sinistro remanso continuava borbulhando no local fatídico?

Naquele momento, no silêncio solene, tinha lugar um acontecimento de transcendência incalculável para o mundo. Ainda que o tenham presenciado milhares de invisíveis testemunhas, apenas o viram quatro pessoas sobre a terra: os dois essênios, o Batista e o próprio Jesus.

Três mundos notaram como que o riscar de um raio proveniente do mundo espiritual, que atravessou a atmosfera astral e a terrestre até repercutir no físico mundo humano. Os terrenos atores daquele drama cósmico foram afetados de diversas maneiras, ainda que com idêntica intensidade.

O que se passou desde o primeiro momento na consciência do Mestre Jesus? Uma sensação de afogamento na imersão, seguida de uma convulsão terrível. O corpo etéreo se desprende violentamente do invólucro físico. E durante alguns segundos toda a vida passada se amontoa em um caos. Em seguida, o alívio imenso e a escuridão da inconsciência.

O Eu transcendente, a alma imortal do Mestre Jesus, abandonou para sempre o seu corpo físico, submersa outra vez na aura solar que a absorvia.

Porém, simultaneamente, por um movimento inverso, o Gênio Solar que chamamos Cristo se apodera do abandonado corpo e dele toma posse até a medula, para animar com nova chama esta lira humana preparada durante centenas de gerações e pelo holocausto do seu profeta.

Foi este acontecimento o que fez fulgurar o céu azul com o resplendor de um raio? Os dois essênios contemplaram, iluminado, todo o vale do Jordão. E ante sua ofuscante claridade, cerraram os olhos como se houvessem visto um esplendoroso Arcanjo precipitar-se no rio, a cabeça baixa, deixando atrás de si miríades de espíritos, como um rastro de chamas.

O Batista nada viu. Aguardava, com profunda angústia, o reaparecimento do submerso. Quando por fim o batizado saiu da água, um calafrio sagrado percorreu o corpo de João, porque do Essênio parecia jorrar a luz, e a sombra que havia tolhado o seu semblante se transformara em majestade serena. Um resplendor, uma doçura tal emanava do seu olhar que, em um instante, o homem do deserto sentiu que desaparecia toda a amargura de sua vida.

Quando, ajudado por seus discípulos, Jesus tornou a vestir o manto dos essênios, fez ao profeta mercê de sua bênção e despedida. João então, tomado de súbito transporte, viu a imensa auréola que flutuava em torno do corpo de Jesus. Em seguida, sobre sua cabeça, milagrosa aparição!, viu pairar uma pomba de incandescente luz semelhante à prata fundida ao sair do crisol.

Sabia João, pela tradição dos profetas, que a Pomba Yona simboliza, no mundo astral, o Eterno-Feminino celeste, o Mistério do amor divino, fecundador e transformador de almas, o que os cristãos chamariam Espírito Santo.

Simultaneamente, ouviu, pela segunda vez em sua vida, a Palavra primordial que ressoa nos profundos do ser e que o havia impelido, no passado, em direção ao deserto, como o toque de uma trombeta. Agora retumbava como um trovão melodioso. Seu significado era: “Eis o meu filho bem-amado: criei-o neste momento.”⁽⁶⁾ Somente então compreendeu João que Jesus era o Messias predestinado.

Viu como se afastava, malgrado seu. Seguido por seus discípulos, atravessou Jesus o acampamento, onde pululavam, misturados, camelos, asnos, liteiras de mulheres e rebanhos de cabras, elegantes seforianas e rudes moabitas, espalhados entre a heterogênea multidão.

Quando Jesus havia já desaparecido, acreditou João ver ainda pairar no ar a auréola sutil cujos raios se projetavam na distância. Então o profeta entristecido sentou-se sobre um monte de areia e ocultou o rosto entre as mãos.

Caía a noite, com sereno céu. Excitados pela atitude humilde do Batista, os soldados de Herodes e os andarilhos conduzidos pelo emissário da sinagoga acercaram-se do rude pregador. Inclinado sobre ele, o astuto escriba disse com sarcasmo:

Vamos ver. Quando nos vais mostrar o Messias?

(6) Pode-se ler esta última alusão no primitivo Evangelho hebreu e nos antigos textos sinópticos. Mais tarde foi substituída pela que agora se lê: “Este é o meu Filho muito amado, em quem deposei todo o meu afeto”, o que aparece como vã repetição.

É necessário acrescentar que, no sagrado simbolismo, nesta *oculta escritura* adaptada aos Arquétipos do mundo espiritual, a simples presença da mística Pomba no batismo de João indica a encarnação de um Filho de Deus.

João contemplou severamente o escriba e, sem levantar-se, respondeu:

— Tolos! Ele acaba de passar entre vós... e não o reconhecesteis!

— O que dizes? Será, por acaso, esse essênio o Messias? Por que não o segues, então?

— Não é permitido. É preciso que ele cresça enquanto eu me torno pequeno. Minha tarefa está terminada. Não pregarei mais... Ide à Galiléia!

Um soldado de Herodes, uma espécie de Golias com semblante de verdugo que respeitava o Batista e se comprazia ouvindo-o, murmurou, afastando-se com piedosa ternura:

— Pobre homem! O seu Messias deixou-o doente!

Porém o escriba de Jerusalém partiu, rindo às gargalhadas, gritando:

— Que imbecis sois vós! Ele enlouqueceu!... Estarieis convencidos de que fiz calar o vosso profeta?

* * *

Assim foi a descida do Verbo Solar sobre o Mestre Jesus.

Hora solene, capital momento da História. Misteriosamente — e com que imenso amor! — as divinas potestades atuaram do alto durante milênios, para acolher o Cristo e lograr que brilhasse para a humanidade por intermédio de outros deuses.

Vertiginosamente — e com que frenético desejo! — o oceano humano elevou-se de suas profundezas como um torvelinho, valendo-se do povo judeu para formar em seu topo um corpo digno de receber o Messias.

E por fim cumpriu-se o desejo dos anjos, o sonho dos magos, o clamor dos profetas.

Juntaram-se ambas as espirais. O torvelinho do amor divino uniu-se ao torvelinho da dor humana. Formou-se a grande onda.

E, durante três anos, o Verbo Solar percorrerá a terra por meio de um corpo cheio de força e de graça para provar a todos os homens que Deus existe, que a imortalidade não é uma palavra vã e que os que amam, crêem e esperam podem alcançar o céu através da morte e da Ressurreição.

IV Renovação dos mistérios antigos pela vinda de Cristo — Da tentação à transfiguração

Tratemos de definir a constituição do ser sublime, de natureza única, saído do batismo do Jordão.

O filho de Maria, o Mestre Jesus, o Iniciado Essênio que cedeu a Cristo seu corpo físico, ofereceu-lhe ao mesmo tempo seus corpos etéreo e astral. Tríplice invólucro admiravelmente harmonizada e evoluída.

Através dela, o Verbo Solar que falou astralmente a Zo-roastro e em seu corpo etéreo a Moisés sob a forma de Eloim, falará aos homens por intermédio de um homem de carne e osso. Faltava isso para animá-los e convencê-los. Tal opacidade opunham à luz da alma e tal surdez à palavra do Espírito!

Muitas vezes, sob diversas formas, manifestaram-se os Deuses aos homens, desde o período atlântico até os tempos heróicos da Judéia e da Grécia. Inspiraram os richis, iluminaram os profetas, protegeram os heróis.

Com o Cristo apareceu pela primeira vez um Deus por completo encarnado em corpo de homem. E este fenômeno sem par na História produziu-se no cêntrico instante da evolução humana, quer dizer, no ponto inferior de sua descida à matéria.

Como se elevará do obscuro abismo às claras alturas do Espírito? É necessário, para isso, o formidável impulso de um Deus feito homem. Realizado o impulso, continuará a ação do Verbo sobre a humanidade por meio do seu eflúvio. Porém não será mais necessária a sua encarnação.

Daí o maravilhoso organismo do ser que teve por nome Jesus Cristo. Por suas sensações, submerge na carne; por seus pensamentos, remonta aos Arquétipos. Em cada sopro seu respira a Divindade. A totalidade de sua consciência é contínua nesta frase que tantas vezes acode a seus lábios: “Meu pai e eu somos um.”

Porém, ao mesmo tempo, acha-se unido aos sofrimentos da humanidade com invencível ternura, pelo imenso amor que o fez aceitar livremente sua missão.

Sua alma é uma chama viva que emana da perpétua combustão do humano pelo divino. Com isto pode alguém capacitar-se do poderio irradiador de semelhante ser.

Envolveria sua aura humana uma vasta auréola celeste que lhe permitia comunicar-se com todas as potestades espirituais. Seu pensamento não tropeça jamais nas escabrosas sendas do raciocínio, pois que brota com o fulgor do raio desta cêntrica verdade que o abarca inteiramente.

Atraídas por esta força primordial, precipitam-se as almas até Ele e vibram e renascem sob os seus raios. O objeto de sua missão consiste em espiritualizar a terra e o homem, elevando-os a um estágio superior de evolução. O meio será a uma só vez moral e intelectual. Moral, pela expansão amorosa deste sentimento de universal fraternidade que d'Ele emana como de um manancial inesgotável. Intelectual e espiritual, pela porta que conduz a todas as almas ansiosas de verdade rumo aos Ministérios.

Assim, no transcurso dos três anos que durou sua obra, inicia Cristo simultaneamente sua comunidade na doutrina moral e seus apóstolos nos antigos Mistérios que Ele rejuvenesce e renova, perpetuando-os.

Porém, ao contrário do que acontecera na Pérsia, no Egito, na Judéia e na Grécia, esta Iniciação, reservada em outros tempos a uns poucos eleitos, propaga-se à luz do dia por meio de reuniões públicas, para que a humanidade inteira dela participe.

“A vida real de Jesus — diz Rodolfo Steiner — foi um acontecimento histórico do que antes ocorria dentro da Iniciação. O que até então permanecera enterrado no mistério do tempo, com Ele percorreria a cena do mundo com incisivo realismo. A vida de Jesus é, pois, uma pública confirmação dos Mistérios.”

A TENTAÇÃO DE CRISTO

Ainda que fosse Deus por essência, deveria Cristo atravessar por si mesmo a primeira etapa da evolução antes de iniciar o seu ministério.

Não é possível ao homem comum adquirir a visão do mundo astral senão preparando o seu duplo inferior que a esconde à sua percepção. A tradição oculta chama-o *Guardião*

do *Umbral* e simboliza-o a lenda sob a forma do Dragão. É uma astral condensação de todas as precedentes encarnações sob um aspecto impressionante e terrorífico. Não se pode dissipar esse fantasma que obstrui o passo do mundo senão extirpando da alma os últimos vestígios das paixões mesquinhas.

Cristo, o puro Gênio solar, não possuía um duplo inferior nem se achava sujeito ao *Karma*. Limpo de qualquer mácula, não se havia jamais separado de Deus. Porém a humanidade em cujo seio penetrara Cristo possuía o seu *Guardião do Umbral*, ou seja, a potestade cósmica que havia impulsionado sua evolução anterior, precipitando-a no circuito da matéria e graças à qual havia conquistado a consciência individual.

É a potestade que, no presente, esconde da maioria dos homens o mundo do Espírito. A Bíblia chama-o Satã, que corresponde ao Arimã persa. Arimã é a sombra de Lúcifer, sua projeção e sua contraparte inferior nos baixos mundos, o Daimão, que perdeu sua divina consciência, convertido em gênio das trevas, enquanto Lúcifer, apesar de sua queda, continua sendo potencialmente o porta-luz, modernizando-se algum dia.

Eis aqui porque tinha Cristo que vencer Arimã na aura magnética da terra antes de dar início à sua missão. Isto justifica o seu jejum de quarenta dias e as três provas compiladas em três imagens no Evangelho segundo Mateus.

O príncipe deste mundo submete Cristo sucessivamente à tentação dos sentidos (por meio da fome), à do medo (mostrando-lhe o abismo onde pretende precipitá-lo), à do poder absoluto (oferecendo-lhe todos os reinos da terra). E por três vezes resiste Cristo em nome da palavra da Verdade que lhe fala e ressoa em seu interior como a harmonia dos céus.

Com esta inquebrantável resistência vence Arimã, que retrocede com suas inúmeras legiões ante o Gênio Solar.

Uma brecha abriu-se no tenebroso manto que cobre a terra. Abriu-se de novo o portal da alma humana. Cristo já pode entrar.

* * *

Na educação que Cristo dá à sua comunidade encontramos outra vez as quatro etapas da antiga Iniciação, formuladas por Pitágoras da seguinte forma: 1.^a — Preparação ou instru-

ção παρασχη; 2.^a — Purificação χαναρσις; 3.^a — Epifania ou iluminação τελειωτης; e 4.^a — Suprema Visão ou síntese επιφανια. (7)

Os dois primeiros graus dessa Iniciação destinavam-se ao povo, ou seja, à totalidade, e administravam-se juntas e simultaneamente. Os dois últimos reservavam-se aos apóstolos e particularmente a três deles, administrando-se-lhes gradualmente, até o fim de suas vidas.

Tal renovação dos antigos Mistérios representa, em um aspecto, uma vulgarização e uma continuação, e, por outra parte, predispunham e capacitavam para a vidência sintética por meio de uma mais elevada espiritualidade.

Primeiro Grau — Preparação

O SERMÃO DA MONTANHA E O REINO DE DEUS

Tem início o trabalho de Cristo com o idílio da Galiléia e o anúncio do “Reino de Deus”.

Esta pregação mostra-nos seu ensinamento popular e significa ao mesmo tempo preparação para os mais sublimes Mistérios que gradualmente revelará aos apóstolos, ou seja, aos seus mais chegados discípulos. Corresponde à preparação moral nos antigos Mistérios.

Porém não nos encontramos ainda nos templos nem nas criptas. A iniciação galiléia tem por cenário o lago de Genezaret, de claras águas, de muitos peixes. Os jardins e pequenos bosques de suas margens, suas montanhas azuis de matizes violáceos, cujos vastos frisos cercam o lago como copa de ouro, todo este paraíso perfumado por plantas silvestres forma tremendo contraste com a infernal paisagem do Mar Morto.

Este quadro, com a multidão inocente e cândida que o habita, era necessário ao início da missão do Messias. O Deus encarnado no corpo de Jesus de Nazaré sustenta um divino projeto elaborado durante séculos em linhas extensas como raios solares.

Agora que é homem cativo da terra, do mundo das aparências e das trevas, precisa buscar a aplicação daquele pro-

(7) Lela-se *Pitágoras*.

jeto, passo a passo, degrau a degrau, sobre o seu caminho cheio de pedras.

Achava-se bem preparado para tal. Lia nas consciências, atraía os corações. Com um olhar penetrava nas almas, lendo em seus destinos. Quando diz ao pescador Pedro, enquanto este preparava seus apetrechos de pesca na praia: “Segue-me e eu te tornarei um pescador de homens”, Pedro se levanta e segue-o.

Quando surge, no crepúsculo, com seu branco manto de essênio, a peculiar auréola circundando-o, Tiago e João perguntam-lhe: “Quem és?”, Ele responde simplesmente: “Vinde ao meu reino.” E eles vão.

Já o segue um cortejo de pescadores, de andarilhos, de mulheres jovens e velhas, através de povoados, campos e sinagogas.

E ei-lo aqui, pregando na montanha, à sombra de uma grande figueira. O que diz? “Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os aflitos, pois serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados. Bem-aventurados os puros de coração, pois verão Deus.”

Estas verdades, impregnadas da voz intensa e do olhar do Mestre, não se dirigem à razão, mas ao sentimento puro. Penetram nas almas como celestial orvalho sustentando mundos. Contêm todo o mistério da vida espiritual e a lei das compensações que enlaça as vidas.

Os que recebem estas verdades não medem seu alcance, a não ser que penetrem em seu sentido com o coração, bebendo-as como licor que embriaga. E quando o Mestre acrescenta: “O Reino dos Céus encontra-se dentro de vós mesmos”, uma flor de júbilo abre-se no coração das mulheres, como uma rosa prodigaliza o seu perfume ao impulso do vento.

A palavra de fraternidade por cujo intermédio costuma-se definir o ensinamento moral de Cristo é insuficiente para expressar a sua essência.

Uma de suas características é o *entusiasmo* que provoca e a *fé* que exige. “Com o Cristo, algo insólito penetra no humano *eu*, algo que lhe permite perceber, até o mais fundo de sua alma, este mundo espiritual não percebido até então a não ser por intermédio dos corpos etéreo e astral.

“Antes, tanto na clarividência espontânea como nos Mistérios, havia sempre parte de inconsciência. O Decálogo de

Moisés, por exemplo, apenas fala ao corpo astral e apresenta-se sob a forma de *Lei*, não de *Vida*. A *Vida do Amor* somente entra na humanidade através de Cristo. Também Buda trouxe ao mundo a doutrina do Amor e da Piedade. Mas sua missão consistia em inculcá-la por meio do raciocínio.

“Cristo é o Amor em pessoa e traz consigo o Amor.

“Sua simples presença o atualiza potentemente, irresistivelmente, como radiante sol.

“Existe uma diferença entre a compreensão de um *pensamento* e a *força* que nos inunda como uma torrente de vida. Cristo trouxe ao mundo a *Substância do Amor* e não apenas a Sabedoria do Amor, dando-se, vertendo-se por inteiro na humanidade.”⁽⁸⁾

Daí provém a índole de *fé* que reclama Cristo de seus seguidores. A *fé*, no sentido do Novo Testamento, como tão amiúde pretendem os chamados ortodoxos, não significa uma adesão e uma submissão cega da inteligência a dogmas abstratos e imutáveis, mas uma convicção da alma e uma plenitude de amor capazes de transbordar de uma alma para verter-se em outra. É uma perfeição que se comunica. Cristo disse: “Não basta que deis àqueles que vos podem devolver. Os andarilhos fazem o mesmo. Oferecei àqueles que não vos podem retribuir.” “O amor de Cristo é um amor transbordante e submergente.”⁽⁹⁾

Assim é a pregação deste “Reino Celestial” que reside na vida interior e que constantemente compara o Divino Mestre a um grão de mostarda. Atirado à terra, transformar-se-á em ereta planta que, por sua vez, produzirá milhares de sementes.

Este reino celeste, subjacente em nós, contém, em germe, todos os demais. Isto basta aos simples, aos quais Jesus dirá: “Bem-aventurados os que não viram e acreditaram.”

A vida interior contém em si a felicidade e a força. Mas no pensamento Cristo não é mais que a ante-sala de um reino maior, de infinitas esferas: o reino do seu Pai, o mundo divino cuja senda quer abrir de novo a todos os homens e oferecer a esplendorosa visão a seus eleitos.

(8) Rodolfo Steiner, *Conferências de Basileia sobre o Evangelho de Lucas*.

(9) Rodolfo Steiner, *op. cit.*

Esperando, a enorme comunidade que rodeia o Mestre aumenta e viaja com Ele, acompanhando-o de uma margem a outra do lago, sob os laranjais da planície e as amendoeiras dos atalhos, entre os trigos maduros e os brancos lírios de violácea corola que salpicam as pastagens das montanhas.

Prega o Mestre o Reino de Deus à multidão em cima de um barco amarrado junto ao porto, nas diminutas sinagogas ou sob os grandes sicômoros do caminho.

A multidão já o chama de Messias, ainda sem compreender o alcance de tal nome e ignorando até onde os conduzirá. Mas Ele está ali e isto lhes basta.

Apenas as mulheres pressentem talvez a sua natureza sobre-humana e, adorando-o com um amor cheio de ímpetos e confusões, cobrem-lhe o caminho com flores. Ele próprio desfrutava em silêncio, à maneira de um Deus, dessa terrena primavera do seu Reino.

Humaniza-se sua divindade e se enternece frente a todas aquelas almas palpitantes que esperam d'Ele a salvação, enquanto vai penetrando em seus confusos destinos, adivinhando-lhes o porvir. Sentia o júbilo dessa floração das almas como o discreto esposo das bodas de Canaã jubilava-se da esposa silente e perfumada em meio a seu séquito de padrinhos.

Segundo os Evangelhos, um dramático episódio projeta sua sombra nas ondas solares que encarpelam-se sobre essa primavera galiléia. É o primeiro assalto das forças hostis que atuam contra Cristo desde o invisível?

Quando certo dia atravessavam o lago, desencadeou-se uma das terríveis borrascas tão freqüentes no mar de Tiberíades. Dormia Jesus na popa. Afundaria a oscilante nave? Acoraram o Mestre que, com os braços estendidos, acalmou as vagas, enquanto a embarcação, com vento agora propício, atingia o hospitaleiro porto.

É assim, pelo menos, como nos relata Mateus. Quem se oporá à sua veracidade?

O Arcanjo Solar, em direta comunicação com as potestades que governam a atmosfera terrestre, pode muito bem projetar sua vontade, como mágico círculo, no torvelinho de Eólo. Pode transformar em azul o escuro céu e criar por um instante, durante a tormenta, *o olho da tempestade* com o coração de um Deus.

Realidade ou símbolo? Em ambos os casos, verdade sublime. Dormia Cristo no barco de pesca em meio às ondas enfurecidas. Que soberba imagem de paz de alma consciente de sua divina pátria no centro dos rugentes elementos e das paixões desencadeadas!

Segundo Grau da Iniciação: Purificação

CURAS MILAGROSAS — A TERAPÊUTICA CRISTÃ

Em todos os Mistérios antigos sucedia à preparação moral e intelectual uma purificação da alma encaminhada a desenvolver novos órgãos que a capacitavam, por conseguinte, para *ver* o divino mundo.

Era em essência uma purificação dos corpos astral e etéreo. Com o Cristo, repetimos, desceu a Divindade, atravessando os planos etéreo e astral até chegar ao físico. Portanto, sua influência exercia-se ainda sobre o corpo físico de seus fiéis, através dos outros, transformando desta maneira todo o seu ser, desde o mais profundo até o mais elevado. Seu influxo, atravessando as três esferas de vida, ferverá no sangue de suas veias alcançando o ápice da alma.

Porque Cristo é a um só tempo médico do corpo e da alma. Daí essa nova terapêutica de imediatos efeitos, deslumbrantes e transcendentais. Magnífico exemplo jamais igualado, sobre cujas pegadas andaram os crentes do Espírito.

O esotérico conceito do milagre não se fundamenta em um truncamento ou em uma tergiversação das leis da natureza, mas em uma acumulação de forças dispersas no Universo sobre um ponto dado e em uma aceleração do processo vital dos seres. Antes que Cristo os realizasse, milagres análogos já se haviam operado nos santuários da Ásia, Egito e Grécia, no de Esculápio em Epidauro, entre outros, como atestam inscrições múltiplas.

Sem embargo, os milagres de Cristo caracterizam-se por sua intensidade e moral transcendência. Paralíticos, leprosos, endemoninhados ou cegos, sentem os enfermos, uma vez curados, transformada a alma. Restabelece-se o equilíbrio das forças em seu corpo pelo fluído do Mestre, mas simultaneamente foi-lhes outorgado por sua divina beleza o raio da esperança e por seu

amor a claridade da fé. Seu contato com Cristo repercutirá em todas as suas existências futuras.

Comprova-o a cura do paralítico. Trinta anos esteve ele esperando junto ao lago de Betesda sem conseguir curar-se. Disse-lhe Cristo simplesmente: “Levanta-te e anda!” E levantou-se. Depois disse Cristo ao enfermo curado: “Vai e não peques mais.”

“Amor transformado em ação, eis aqui o dom de Cristo. Reconheceu-O Lucas como médico do corpo e da alma, porque também exerceu ele a medicina praticando a arte de curar por intermédio do Espírito. Por isso pôde compreender a terapêutica de Jesus. Através de Lucas aparecem os elevados ensinamentos do Budismo como que rejuvenescido por um manancial de Juventude.”⁽¹⁰⁾

Terceiro Grau da Iniciação: Iluminação

A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

Admite-se geralmente, em nossos dias, a opinião de que Jesus trouxe unicamente o Reino de Deus para os simples, oferecendo a todos um ensinamento único, acabando assim com todo o Mistério.

Nossa época, que acreditou ingenuamente encontrar uma nova religião na democracia, tentou limitar o maior dos filhos de Deus a esse ideal mesquinho e grotesco, consistente no desmoronamento dos eleitos, dos que sobrepujam a generalidade. O mais ilustre dos seus biógrafos não se acreditou no dever de dar a Jesus, não muito longe dos nossos dias, o mais absurdo dos epítetos, chamando-o “amável democrata”?

Certamente teve Jesus por intento facilitar a verdadeira senda a todas as almas de boa vontade, porém sabia também que era necessário dosar a verdade segundo o grau das inteligências. O bom senso por si só exclui a crença de que um espírito de tal profundidade desconhecesse a lei da hierarquia que rege o universo, a natureza e os homens. Os quatro Evangelhos refutam a opinião de que a doutrina de Cristo carece de graus e de mistérios.

(10) Rodolfo Steiner, *op. cit.*

Perguntando os apóstolos a Jesus por que fala ao povo por meio de parábolas, responde ele: “Porque a vós é dado conhecer os Mistérios do Reino dos Céus. Mas não a eles. Porque ao que já possua, mais será dado. Porém o que de tudo careça, será despojado do que lhe foi dado” (Mateus XIII, 10 e 11). Significa isto que a *verdade consciente*, ou seja, *cristalizada por meio do pensamento*, não se destrói, e converte-se em centro de atração para as novas verdades, enquanto que a *verdade flutuante e instintiva* se esteriliza e desperdiça sob a multiplicidade de impressões. Cristo teve sua doutrina secreta, reservada aos apóstolos, à qual chamava “Mistério do Reino dos Céus”.

Há mais ainda, porém. Contempla de perto a hierarquia, acentua-se e escalona-se conforme os quatro graus da Iniciação clássica. Em primeiro lugar o povo, ao qual outorga o ensinamento moral sob a forma de analogias e parábolas. Seguem-se os *setenta*, que receberam a interpretação daquelas parábolas. Depois, os *doze apóstolos* iniciados nos “Mistérios do Reino dos Céus”. E, por fim, entre eles, os três eleitos — Pedro, Tiago e João —, iniciados nos mais profundos Mistérios do mesmo Cristo, os únicos que presenciaram a Transfiguração. E ainda é necessário acrescentar a tudo isso que, entre estes últimos, João era o único *epopta* verdadeiro, segundo os mistérios eleusinos e pitagóricos, ou seja, um *vidente com a compreensão do que vê*.

E, com efeito, o Evangelho de João revela, do princípio ao fim, a índole da mais elevada Iniciação. A Palavra criadora, “a Palavra que significou Deus no princípio e que é o próprio Deus” vibra ali, desde os primeiros versículos, como a harmonia das esferas, eterna modeladora dos mundos.

Porém, ao lado dessa metafísica de Pai, Filho e Espírito Santo, que é uma espécie de *leit motiv* de todo o Evangelho, no qual verificou-se precisamente a influência alexandrina no que concerne à forma a envolver as idéias, encontramos no Evangelho de João uma familiaridade e um realismo emocionantes, incisivos e sugestivos detalhes que manifestam uma especial intimidade entre Mestre e discípulos. Percebe-se tal característica em todo o relato da Paixão e mais particularmente em todas as cenas de Betânia, das quais a mais importante é a ressurreição de Lázaro.

Lázaro, que João designa simplesmente como irmão de Marta e de Maria de Betânia, é o mais singular e enigmático

de todos os personagens evangélicos. Apenas João o menciona; os sinópticos o desconhecem. Aparece somente na cena da ressurreição. Operado o milagre, desaparece como que por encanto. E, no entanto, integra o grupo mais chegado a Jesus, entre aqueles que o acompanham até a tumba.

Tal fato sugere uma dupla e involuntária pergunta: quem é essa vaga individualidade de Lázaro que atravessa como um fantasma entre os demais personagens tão definida e vivamente delineados no relato evangélico? Qual o significado, por outro lado, de sua ressurreição?

Segundo a conhecida tradição, Cristo não teve outra idéia, ao ressuscitar Lázaro, que demonstrar aos judeus que Ele era o Messias. Não obstante, tal feito reduziria Cristo ao nível de um taumaturgo vulgar. A crítica moderna, sempre disposta a negar rotundamente tudo o quanto a incomoda, lança a questão declarando que aquele milagre foi, como todos os demais, fruto da imaginação popular, o que equivale a dizer, segundo outros, que toda a história de Jesus não passa de uma lenda fabricada a desoras e que Cristo jamais existiu.

Acrescente-se a isso que a idéia da ressurreição é o miolo do pensamento cristão e o fundamento do seu impulso. É necessário justificar esta idéia segundo as leis universais, tratando de compreendê-la e interpretá-la. Suprimi-la pura e simplesmente significaria despojar o cristianismo do seu brilho e de sua força. Sem alma imortal, faltar-lhe-ia o ponto de apoio.

A tradição rosacruz nos proporciona, com respeito a este perturbador enigma, uma solução tão ousada quanto luminosa.⁽¹¹⁾ Porque simplesmente faz sair Lázaro de sua penumbra, revelando ao mesmo tempo o caráter esotérico, a verdade transcendente de sua ressurreição.

Para aqueles que rasgaram o véu das aparências, Lázaro é apenas João, o apóstolo. Se não o confessou, deve-se o fato a uma espécie de delicado pudor e à admirável modéstia que caracterizava os discípulos de Jesus. O desejo de não sobrepujar seus próprios irmãos privou-o de revelar, através do seu próprio nome, o maior acontecimento de sua vida, aquele que o converteu em um Iniciado de primeira ordem. Isto justifica a

(11) Veja-se *O Mistério Cristão e os antigos Mistérios*, de Rodolfo Steiner.

máscara de Lázaro com a qual se esconde, naquelas circunstâncias, o apóstolo João.

Diante disso, a sua ressurreição toma um caráter novo e se nos revela como a fase capital da antiga Iniciação correspondente ao terceiro grau.

No Egito, depois de ver-se o Iniciado submetido a prolongadas provas, o hierofante mergulhava-o em letárgico sono, permanecendo ele durante três dias deitado em um sarcófago, no interior do templo.

Durante este período, o rígido corpo físico denotava todas as aparências da morte, enquanto o corpo astral, liberado por completo, expandia-se livremente no Cosmos. Desprendia-se do mesmo modo o corpo etéreo, sede da memória e da vida assim como do astral, ainda que sem abandoná-lo completamente, pois isso implicaria na morte imediata.

Ao despertar do estado cataléptico provocado pelo hierofante, o indivíduo que saía do sarcófago já não era o mesmo. Sua alma viajara pelo outro mundo, em um elo da mágica cadeia, “associando-se, segundo uma antiga inscrição, ao exército dos grandes Deuses”.

Cristo, cuja missão consistiu em divulgar os Mistérios aos olhos do mundo, engrandecendo seus umbrais, quis que seu discípulo favorito transcendesse a suprema crise que leva ao direto conhecimento da Verdade. Tudo no texto evangélico conspira para predispô-lo ao acontecimento.

Maria envia de Betânia um mensageiro a Jesus, que prega na Galiléia, e que lhe transmite: “Senhor, encontra-se enfermo *Aquele a quem tu amas.*” (Não designa a frase, claramente, o apóstolo João, o discípulo amado de Jesus?)

Porém, em lugar de atender ao chamado, Jesus aguarda dois dias, dizendo a seus discípulos: “Não leva essa enfermidade à morte, mas à divina glória, para que o Filho de Deus seja glorificado... *Nosso amigo dorme, mas eu o despertarei.*”

Assim, sabia Jesus com antecipação o que ia fazer. E chega no momento exato para realizar o fenômeno previsto e preparado. Quando em presença das irmãs desconsoladas e dos judeus que vieram para diante da tumba aberta na rocha, retira-se a pedra que ocultava o adormecido em letárgico sono, que acreditavam morto, exclama o Mestre: “Levanta-te, Lázaro!”

E aquele que se ergue diante da multidão assombrada não é o lendário Lázaro, pálido fantasma que ostenta ainda a som-

bra do sepulcro, mas um homem transfigurado, de rosto radioso. É o apóstolo João... e os fulgores de Patmos ainda brilham em seus olhos, porque contemplou a divina chama. Durante o sono, viveu no Eterno. E o pretensu sudário tornou-se o manto de linho do Iniciado. Agora compreende o significado das palavras do Mestre: "Eu sou a ressurreição e a vida."

O Verbo criador: "Levanta-te, Lázaro!" vibrou até à medula de seus ossos e converteu-o em um ressuscitado do corpo e da alma. João compreende agora porque é o discípulo mais amado; porque só ele o compreende na verdade.

Pedro continuará sendo o homem do povo, o crente impetuoso e cândido que desmaiou nos últimos instantes. João será o Iniciado e o vidente que acompanhará o Mestre aos pés da cruz, na escuridão da tumba e no esplendor do Pai.

Quarto Grau Iniciático — Visão Suprema

A TRANSFIGURAÇÃO

Epifania ou Visão suprema significa, na Iniciação pitagórica, a visão conjuntiva à qual deve seguir a espiritual contemplação.

Na íntima compreensão e assimilação profunda das coisas em espírito contempladas, a vidência conduz a uma concepção *sintética do Cosmos*. É a coroação iniciática. A tal fase correspondente, na educação dada por Cristo aos apóstolos, o fenómeno da *Transfiguração*.

Recordemos as circunstâncias em que tem lugar tal acontecimento.

Empalidecia a primaveril aurora do idílio galileu. Tudo ao redor de Cristo tornava-se sombrio. Seus mortais inimigos, fariseus e saduceus, esperavam a sua volta a Jerusalém para prendê-lo e entregá-lo à Justiça.

Nas fiéis cidades da Galiléia as defecções produziam-se em massa sob as calúnias da grande Sinagoga acusando Jesus de blasfêmia e sacrilégio.

Sem demora, Cristo, preparando-se para a última viagem, despedia-se tristemente do alto de um elevado promontório de suas cidades queridas e do seu lago bem-amado. "Maldição a ti, Cafarnaum; a ti, Corazim; e a ti, Betsaida!" Sombras de ira obscureciam cada vez mais sua auréola de Arcanjo Solar.

A notícia da morte de João Batista, decapitado por Herodes Antipas, fez Jesus compreender que sua hora se aproximava. Sabia do seu destino e não recuaria diante dele. Mas uma dúvida o perturbava. “Terão os meus discípulos compreendido o meu Verbo e sua missão no mundo?” A maioria deles, impregnados do pensamento judeu, imaginavam o Messias como um dominador de povos por meio das armas. Não achavam-se, portanto, preparados o suficiente para compreender a tarefa que assumia o Cristo na história. Assim, Jesus quis preparar seus três eleitos. O relato de Mateus é, no que se refere a isso, especialmente significativo e de singular relevo.

Seis dias depois, Jesus chamou Pedro, Tiago e João, seu irmão, e conduziu-os ao alto de uma montanha. E diante dele transfigurou-se.

Resplandecia o seu rosto como o sol e brilhavam com luz igual as suas vestes, enquanto apareciam Moisés e Elias, os quais permaneceram algum tempo em sua presença. Então Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: “Senhor, será bom ficar aqui. Faremos, se quiseres, três tendas: uma para ti, outra para Moisés, e uma última para Elias.” Enquanto continuava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu. E subitamente uma voz saiu daquela nuvem, dizendo: “Eis aqui o meu Filho bem-amado em quem eu pus todo o meu afeto. Escutai-o!” Ao ouvir estas palavras, caíram os discípulos de bruços no chão, presos de grande pavor.

Mas Jesus aproximou-se deles até tocá-los e disse: “Levantai-vos. Afastai o medo de uma vez!” Então, ergueram os olhos e viram apenas Jesus (Mateus, XVII, 1-8). Em seu quadro sobre a *Transfiguração*, Rafael interpretou maravilhosamente, com seu gênio angélico e platônico, o transcendente sentido daquela visão. Os três mundos, *físico* ou terreno, *anímico* ou astral e *divino* ou espiritual (que domina e compenetra os demais com sua radiação), classificados em três grupos, constituem as três subdivisões do quadro.

Na parte inferior, na base da montanha, percebe-se os apóstolos não iniciados e a multidão que fala e discute entre si sobre os acontecimentos de um milagre. Esses não vêem Cristo. Entre a turba, apenas o possesso curado percebe a visão e lança um grito. Quanto aos demais, estes não tinham abertos ainda os olhos da alma.

No alto da montanha, Pedro, Tiago e João dormem profundamente. Não possuem ainda a capacidade para a vidência espiritual quando em estado de vigília. Cristo, que aparece levitando sobre a terra entre fulgurantes nuvens e ladeado por Moisés e Elias, representa a aparição dos três eleitos. Contemplando e compreendendo esta visão, os três apóstolos iniciados têm ante si, nas três analogias, resumida toda a evolução divina.

Porque Moisés, o profeta do Sinai, o formidável condensador do *Gênesis*, representa a história da terra desde a origem do mundo. Simboliza todo o passado. Elias encarna Israel e todos os seus profetas, anunciadores do Messias, simbolizando o presente.

Cristo é a encarnação radiosa e transparente do Verbo Solar, o Verbo criador que sustém nosso mundo desde as suas origens e que fala agora por meio de um homem, e simboliza o futuro. ⁽¹²⁾

A voz que ouvem os apóstolos é a universal palavra do Pai, do Espírito puro de onde emanam os Verbos, semelhante à música das esferas que percorre o mundo regulando seus ritmos, percebida apenas pelos clarividentes. Naquela hora única e solene, traduz-se em linguagem humana para os apóstolos.

Assim, a visão do Tabor sintetiza em uma tela, com magna simplicidade, toda a evolução humana e divina. A *Transfiguração* foi o começo de uma nova modalidade do êxtase e da visão espiritual profunda.

(12) No livro de Jesus tratou-se de definir o estado íntimo da alma de Cristo no instante da Transfiguração.

V — Renovação dos mistérios Paixão, morte e ressurreição de Cristo

Risonhos e ensolarados foram os três anos do ministério de Jesus.

A vida errante às margens do lago e através dos campos comparte-se com os mais importantes ensinamentos. A terapêutica do corpo e da alma alterna-se com os exercícios da superior vidência. Às vezes, dir-se-ia que ascende vertiginosamente o Mestre para elevar os seus seguidores à sua própria espiritual altura. À medida que se eleva, a imensa maioria o abandona no caminho. Somente três o acompanham até o alto, onde tombam prostrados como que sob os raios da revelação.

Tal é a radiosa manifestação, de formosura e força crescentes, de Cristo através do Mestre Jesus. Logo, bruscamente, precipita-se o Deus desse glorioso píncaro até o abismo da ignomínia. Voluntariamente, ante os olhos dos mesmos discípulos, deixa-se prender pelos inimigos, entregando-se sem resistência aos piores ultrajes, ao suplício e à morte. Por que tão absoluta queda?

Platão, este prodigioso e modesto iniciado que estabelece um laço de transição entre o gênio helênico e o cristianismo, disse certa vez que “crucifica-se a alma do mundo sobre a trama do universo em todas as criaturas e espera a sua liberação”. Raro conceito onde o autor do *Timeo* parece pressentir a missão de Cristo em seu aspecto mais íntimo e transcendente. Porque essa frase contém ao mesmo tempo o enigma da evolução planetária e sua solução pelo Mistério da cruz. Depois do forte encadeamento da alma humana nos grilhões da matéria, falta apenas o sacrifício de um Deus para liberá-la e mostrar-lhe o caminho do Espírito.

Dito de outra forma: para cumprir sua missão depois de haver iniciado os seus discípulos, devia Cristo atravessar uma iniciação pessoal. Devia o Deus descer até o mais profundo da dor e da morte para identificar-se com o coração e o sangue da humanidade, imprimindo à terra renovado impulso.

O poderio espiritual acha-se em razão direta com os dons da alma. Eis porque dando-se à humanidade, penetrando em

humano corpo e aceitando o martírio, significou para o mesmo Cristo uma superação.

E surgem os novos mistérios, com caráter único como jamais se viram e como indubitavelmente não se verão jamais no transcurso das futuras evoluções terrestres, sujeitas a metamorfoses múltiplas. Porque se iniciou nestes Mistérios a um Deus, Arcanjo Solar, atuando como hierofante o Pai, Espírito puro.

Do Cristo ressuscitado sai o Salvador da humanidade. Do que resulta, para o homem, uma considerável expansão de sua zona de percepção espiritual e, por conseqüência, uma incalculável amplitude de seus destinos físico e celeste.

* * *

Mais de um ano fazia que os fariseus espreitavam Jesus. Mas este não quis entregar-se enquanto não chegasse a sua hora. Quantas vezes discutira com eles no umbral das sinagogas e sob os grandes pórticos do templo de Jerusalém, onde passeavam, com suntuosos trajes, os mais altos dignatários do poder religioso! Quantas vezes reduziu-os ao silêncio com sua inapelável dialética, opondo a seus ardis as mais sutis armadilhas! E quantas vezes também atemorizou-os com suas palavras que pareciam vindas do céu, como o raio: “Em três dias demolirei o templo e em três dias o reconstruirei!”

Não raras vezes desafiava-os frontalmente e alguns de seus epítetos cravavam-se em suas carnes como arpões: “Hipócritas! Raça de víboras! Sepulcros caiados!” E quando, furiosos, quiseram prendê-lo no mesmo templo, Jesus apelou para o mesmo meio que empregaria mais tarde Apolônio de Tyana, diante do tribunal do imperador Domiciano. Envolveu-se em invisível véu e desapareceu aos olhos de todos. “E passou entre eles sem ser visto”, dizem os Evangelhos.

Sem embargo, tudo achava-se preparado na grande sinagoga para julgar o perigoso profeta que ameaçara destruir o templo e que se dizia o Messias. Sob o ponto de vista da lei judia, ambas as ofensas eram suficientes para condená-lo à morte. Caifás disse em pleno sanedrim: “Basta que um único homem pereça para todo o povo de Israel.” E quando o céu fala pela boca do inferno, a catástrofe é iminente.

Enfim, a conjunção dos astros sob o signo da Virgem assinalou a fatídica hora no quadrante do céu como no quadrante da história e projetou seu negro dardo na alma solar de Cristo.

Reúne Jesus seus apóstolos no retirado local de costume, uma gruta no Monte das Oliveiras, e anuncia-lhes sua morte próxima. Consternados, não o compreendem e nem o compreenderam até mais tarde. É o dia de Páscoa. Jesus marca a ceia de despedida em uma residência de Jerusalém.

E eis aqui os doze apóstolos sentados em uma sala abobadada, já quase noite. Sobre a mesa, fumeja o cordeiro pascoal, que para os judeus comemora a fuga do Egito que será o símbolo da suprema vítima.

Através das janelas arcadas desenha-se a escura silhueta da cidadela de Davi, a cintilante cúpula dourada do templo de Herodes, sinistra fortaleza Antonia, de onde impera a lança romana, sob a pálida claridade do crepúsculo.

Há um depressivo silêncio no ambiente, uma atmosfera esmagadora e avermelhada. João, que vê e pressente mais do que os outros, pergunta-se por que, na penumbra crescente, aparece em torno da cabeça de Cristo um halo suave de onde emergem raios furtivos que logo se apagam, como se o fundo da alma de Jesus temesse e estremecesse ante sua resolução derradeira.

E silenciosamente o discípulo amado inclina sua cabeça sobre o coração de Jesus.

Por fim, este rompe o silêncio: “Em verdade vos digo que, esta noite, um de vós me atraiçoará.” Um grave murmúrio percorre entre os doze, como se tivessem ouvido o alarme de um naufrágio em uma nave em perigo.

“Quem? Quem?” E Jesus, apontando para Judas que aperta a sua bolsa, convulsivamente acrescenta sem rancor: “Vai e faze o que tens a fazer.” E vendo-se descoberto, sai o traidor com dissimulada ira.

Então Jesus, partindo o pão e erguendo a taça, pronuncia solenemente as palavras que consagram sua missão e ecoam através dos séculos: “Comei... este é o meu corpo. Bebei... este é o meu sangue.” Os apóstolos, surpresos, compreendem menos ainda. Somente Cristo sabe que naquele momento executa o supremo ato de sua vida.

Por meio de suas palavras, inscritas no Invisível, oferece-se à humanidade, sacrifica-se com antecipação. Momentos antes, o Filho de Deus, o Verbo, mais livre que todos os Eloim, poderia ter retrocedido, recusando o sangrento holocausto.

Agora já não pode mais. As potestades receberam seu juramento. E, como uma auréola imensa, sentem os Eloim que ascende até eles a divina contraparte de Jesus Cristo, sua alma solar com todos os seus poderes. E retêm-na em seu círculo cortês, é a fulgurante jóia de divino sacrifício que não devolverão até após a sua morte. Sobre a terra permanece apenas o Filho do Homem, vítima que caminha para o suplício.

Mas somente Ele reconhece também o significado de “o corpo e o sangue de Cristo”. Remotamente, ofereceram os Tro nos o seu corpo para a criação da nebulosa. Sopraram os Arqu eus e na saturniana noite apareceu o sol. Deram os Arcanjos sua alma de fogo para criar os Anjos, protótipos do Homem.

E por último daria Cristo o seu corpo para salvar a humanidade. Do seu sangue devia surgir a fraternidade humana, a regeneração da espécie, a ressurreição da alma...

E enquanto oferece a seus discípulos o cálice onde avermelha o áspero vinho judeu... pensa de novo Jesus na visão celeste, no sonho cósmico anterior à sua reencarnação, quando respirava ainda na zona solar, quando lhe ofereceram os doze grandes profetas, a Ele, o décimo-terceiro, o amargo cálice... que aceitou.

Mas os apóstolos, exceto João, que percebe o inefável, não podem compreender. Pressentem que algo terrível se aproxima e tremem e empalidecem. A incerteza, a dúvida, mãe do pavor covarde, apossa-se deles.

Quando Cristo se levanta e diz: “Vamos rezar a Getsemani”, os discípulos seguem-no dois a dois. E o triste cortejo sai pela profunda poterna da porta de ouro, desce pelo sinistro vale de Hinmon, cemitério judeu e o vale da Sombra Mortal. Atravessam a ponte de Cedrón e ocultam-se na gruta do Monte das Oliveiras.

Os apóstolos permanecem mudos, impotentes, aterrados. Sob as velhas árvores do Monte, retorcidas, de folhagem espessa, o círculo infernal estreita-se em torno do Filho do Homem para esmagá-lo com seu aro mortal.

Dormem os apóstolos. Jesus reza e o seu rosto cobre-se de sangrento suor. Era necessário que sofresse a angústia sufocante, que bebesse do cálice até o fim, que saboreasse a amargura do abandono e do desespero humano.

Por fim, brilharam armas e archotes sob as árvores. E aparece Judas com os soldados e, aproximando-se de Jesus, dá-lhe

o beijo da traição que o identifica para os guerreiros mercenários.

Há, na verdade, uma doçura infinita nas palavras de Cristo: "Amigo meu, a que vieste?" Dilacerante doçura que arrastará o traidor ao suicídio, apesar do negror de sua alma.

Transcorrido este ato de amor perfeito, Jesus permanecerá impassível até o fim. Havia em torno dele como que uma espécie de couraça, a protegê-lo contra todas as torturas.

Ei-lo agora ante o sumo sacerdote Caifás, tipo de saduceu empedernido e do orgulho sacerdotal falto de fé.

Jesus confessa-se o Messias e dilacera-lhe o pontífice as vestes, condenando-o assim à morte. Pilatos, pretor de Roma, tenta salvar o Galileu, acreditando ser ele um inofensivo visionário, pois esse pretense "rei dos judeus", que chama a si mesmo "Filho de Deus", acrescenta que "seu reino não é deste mundo".

Mas os sacerdotes judeus, evocando a sombra ciumenta de César, e a turba que uiva "Crucifica-o!", levam o proconsul, após lavar as mãos por tal crime, a entregar o Messias aos brutais legionários romanos. E vestem-no com um manto púrpura, cingem-lhe a cabeça com uma coroa de espinhos e colocam-lhe nas mãos um talo, como se fora ridículo cetro. Chovem sobre ele golpes e insultos. Evidenciando o seu desprezo pelos judeus, exclama Pilatos: "Eis o vosso rei." E acrescenta com amarga ironia: "*Ecce Homo!*", como se toda a abjeção e miséria humanas se condensassem no profeta flagelado.

A claudicante antigüidade e mesmo os próprios estóicos não compreenderam melhor que Pilatos o Cristo da Paixão. Não viram senão o exterior depressivo, sua aparente inércia que induzia-os à indignação...

Sem embargo, todos os acontecimentos da vida de Jesus possuem, em lugar de uma transcendência simbólica, uma significação mística que estimula a humanidade futura. Os passos da Cruz, evocados em astrais imagens pelos santos da Idade Média, converteram-se para eles em instrumentos de iniciação e aperfeiçoamento. Os irmãos de São João e os templários, os cruzados que conceberam a conquista de Jerusalém para alçá-la à condição de capital do mundo, os mistérios rosacruz do século XIV, que prepararam a reconciliação da ciência com a fé, do Oriente com o Ocidente por meio de magna sabedoria, todos esses homens consagrados à atividade espiritual no mais

amplo sentido da palavra, encontrariam na Paixão de Cristo inesgotável fonte de poder. Ao contemplar a *Flagelação*, a imagem moribunda de Cristo lhes dizia: “Aprende comigo a permanecer impassível sob os açoites do destino, resistindo a todas as dores, e adquirirás um novo sentido: a compreensão da dor, sentimento da unidade com todos os seres, porque se consenti em sacrificar-me por todos os homens foi para apossar-me do mais profundo de sua alma.”

A *Coroa de Espinhos* inclinou-os a desafiar moral e intelectualmente o mundo, suportando o desprezo e o ataque contra o mais caro e querido, dizendo-lhes: “Suporta valentemente os golpes quando todos se voltam para ti. Aprende a afirmar contra a negação do mundo. Só assim te converterás em *ti mesmo*.”

A cena da *Cruz às costas* sugeria-lhes uma nova virtude, dizendo: “Esforça-te em carregar o mundo sobre tua consciência como Cristo consentiu em levar a Cruz para identificar-se com a terra. Aprende a carregar o corpo como uma coisa extensa. Necessário é que o espírito domine o corpo com a sua vontade como a mão domina o martelo.”

Portanto, o Mistério da Paixão não significou de maneira nenhuma para o Ocidente e os povos do norte um motivo de passividade, mas uma renovação da energia por intermédio do Amor e do Sacrifício.

A cena do *Gólgota* é o limite final da vida de Cristo, a marca impressa sobre a sua missão e, por isso, o mais profundo Mistério do Cristianismo. Goethe disse, a propósito: “O supremo Mistério da dor é algo tão sagrado que mostrar a sua imagem aos olhos da multidão pode parecer sacrílega profanação.”

“A que vem a lúgubre cena da crucificação?”, perguntavam-se os pagãos dos primeiros séculos. “Desse martírio cruel há de surgir a salvação do mundo?”. E muitos pensadores modernos repetiram: “A morte de um justo tem que salvar necessariamente a humanidade? Em sendo assim, Deus é um verdugo e o universo um instrumento de tortura!”

Rodolfo Steiner deu a tão agudo problema a mais filosófica resposta: “Há que evidenciar aos olhos do mundo que sempre o espiritual venceu o material. *A cena do Gólgota não é outra coisa senão uma Iniciação transportada ao plano da história universal. Das gotas de sangue vertidas sobre a cruz emana uma torrente de vida para o espírito. O sangue é a subs-*

tância do eu. Com o sangue derramado no Gólgota penetraria o amor de Cristo no humano esgoismo como vivificante fluído.”

Lentamente, a cruz levanta-se sobre a sinistra colina que domina Sion. Na vítima ensangüentada que estremece e palpita sob o infame suplício respira uma alma sobre-humana. Mas Cristo entrega os seus poderes aos Eloim, e sente-se como que desprendido de sua aura solar, na solidão horrível, no mais fundo de um abismo de trevas onde gritam os soldados e vociferam os inimigos.

Escura nuvem pesa sobre Jerusalém. A atmosfera terrena é apenas um prisma da vida universal. Seus fluidos, ventos, elementares espíritos, alimentam-se às vezes com as paixões humanas enquanto respondem aos estímulos cósmicos por meio de suas tempestades e convulsões.

E chegaram para Jesus as horas de agonia, dolorosas como as eternidades. Apesar do dilaceramento do suplício, continua sendo o Messias. Perdoa os seus carrascos, consola o ladrão que mantém a fé. Próxima a morte, sente Jesus a sede abrasadora dos injustiçados, presságio da libertação. Porém, antes de esvaziar o seu cálice, devia ainda experimentar esse sentimento de solidão que o levaria a exclamar: “Pai, por que me abandonaste?”, seguindo-se a palavra suprema: “Tudo está consumado”, que imprime a marca do Eterno sobre a fronte dos séculos perplexos.

Uma derradeira exclamação brota do peito do crucificado com a estridência de um clarim ou semelhante ao simultâneo rompimento das cordas de uma harpa. Tão terrível e poderoso foi aquele grito que os legionários romanos retrocederam, balbuciando: “Seria realmente o Filho de Deus?”.

Morreu Cristo e, no entanto, Cristo está vivo, mais vivo do que nunca! Aos olhos do homem não resta dele senão um cadáver suspenso sob um céu mais escuro que o inferno. Porém, nos mundos astral e espiritual, refulge um jorro de luz seguido do retumbar de um trovão de mil ecos.

Em um único ímpeto, a alma de Cristo funde-se em sua alma solar, seguida por oceanos de almas e saudada pelo *hosana* das regiões celestes. Desde então até agora, os videntes de além-túmulo e os Eloim sabem que conquistou-se a vitória, que desvaneceu-se o espectro da morte, que partiram-se as lápides que cobrem os sepulcros, vindo as almas a flutuar acima dos seus ossos descarnados.

Cristo reintegrou o seu reino com seus poderes centuplicados pelo sacrifício.

E agora com renovado impulso acha-se prestes a penetrar no coração do Infinito, no jactante centro de luz, de amor e de beleza ao qual chama seu Pai. Porém, sua compaixão o atrai à terra, da qual, pelo martírio, tornou-se dono.

Uma bruma sinistra, um melancólico silêncio continua envolvendo Jerusalém. As santas mulheres choram sobre o cadáver do Mestre, José de Arimatéia dá-lhe a sepultura. Os apóstolos ocultam-se nas cavernas do vale de Hinnom, perdida toda a esperança, já que desapareceu o Mestre.

Nada mudou, aparentemente, no opaco mundo da matéria. No entanto, um singular acontecimento ocorreu no templo de Herodes. No preciso momento em que Jesus expirava, o esplêndido véu de linho, de jacinto e púrpura tingido, que cobria o tabernáculo, rasgou-se de alto a baixo. E um levita que passava viu no interior do santuário a arca de ouro contornada por querubins de ouro maciço com suas asas estendidas até a abóbada. E sucedeu algo inaudito, porque os olhos profanos puderam contemplar o mistério do santo dos santos onde o próprio pontífice máximo não podia penetrar mais que uma vez por ano. Os responsáveis pelos sacrifícios expulsaram a multidão temendo que alguém houvesse presenciado o sacrilégio.

Eis o significado do fato: a imagem do Querubim, que tem corpo de leão, asas de águia e cabeça de anjo, assemelha-se à da esfinge e simboliza a evolução completa da alma humana, sua descida à carne e seu retorno ao Espírito. Cristo fez com que se rasgasse o véu do santuário, resolvendo o enigma da Esfinge.

Daí por diante, o Mistério da vida e da evolução se faz exeqüível para todos aqueles que ousam e querem.

E agora, para explicar a missão realizada pelo espírito de Cristo, enquanto os seus *velavam as suas exéquias*, devemos apelar mais uma vez para o ato capital da Iniciação egípcia.

Permanecia o iniciado três dias e três noites imerso em letárgico sono no interior de um sarcófago, sob a vigilância do hierofante. Durante este tempo, e de acordo com seu grau de adiantamento, efetuava a sua viagem pelo outro mundo.

Segundo a linguagem da época, era como que ressuscitado e *duas vezes nascido*, porque lembrava, ao despertar, sua anterior permanência no império dos mortos. Também realizou

Cristo sua viagem cósmica enquanto estava no sepulcro, antes da ressurreição espiritual ante os olhos de seus seguidores. Existe aí um paralelismo entre a Iniciação antiga e os modernos Mistérios que Cristo trouxe ao mundo. Paralelismo, porém, com maior amplitude. Porque a viagem astral de um Deus que havia passado pela prova da morte física devia, necessariamente, pertencer a uma índole diferente, de maior alcance que o tímido navegar de um simples mortal no reino dos mortos, na barca de Isis. ⁽¹³⁾

Duas correntes psicofluídas envolvem o globo terrestre com anéis múltiplos como elétricas serpentes em perpétuo movimento. A uma, Moisés chama *Horeb*, enquanto Orfeu chama-a *Erebo*. Poderia chamar-se também *força centrípeta*, porque tem o seu centro no interior da terra e a ela conduz tudo aquilo que se precipita em seu fluxo torrencial. É o abismo das gerações, do desejo e da morte; a esfera de experimentação chamada também pelas religiões de purgatório. Arrasta em seus remansos e torvelinhos todas as almas ainda sujeitas às paixões terrenas. A outra corrente Moisés denomina *Yona*, e poderíamos defini-la como *força centrífuga* porque nela subjaz a *potencialidade de expansão*, como na outra subjaz a de *concentração*, e acha-se relacionada com todo o Cosmos. Por ela ascendem as almas ao sol e ao céu, e por seu intermédio também fazem-se exequíveis as divinas influências. Por ela desceu Cristo, sob o símbolo da Pomba.

Se os iniciados predispostos para a viagem cósmica por uma alma altamente evoluída houvessem sabido sempre alcançar a corrente *yona* após a sua morte, a imensa multidão de almas enegrecidas pelos vapores da matéria dificilmente voltaria, sem abandonar penosamente de uma encarnação a outra a região de *Horeb*.

O trânsito de Cristo pelos limbos crepusculares abriu uma brecha, perdurando em circuitos luminosos e franqueando de novo às almas perdidas, como aquelas do segundo círculo do inferno de Dânte, os caminhos celestes.

Assim alumiará a missão de Cristo, ampliando os limites da vida depois da morte, como ampliara e iluminara a vida sobre a terra.

(13) Esta barca era, na realidade, o corpo etéreo do iniciado, que o hierofante separava do corpo físico, arrastado pelo torvelinho das correntes astrais.

Porém, o essencial de sua missão consiste em levar a certeza da ressurreição espiritual ao coração dos apóstolos, que deveriam divulgar o seu pensamento pelo mundo. Depois de ressuscitar por si mesmo, deveria ressuscitar neles e por eles, para que este fato pairasse sobre toda a história futura. A ressurreição de Cristo deveria ser tanto o penhor da ressurreição das almas nesta vida como de sua fé na outra.

Por isso não bastava que Cristo se manifestasse aos seus em visão astral durante o profundo sono. Necessitava mostrar-se durante a vigília, no plano físico, e que a ressurreição tivesse para eles, sob certos aspectos, uma aparência material.

E tal fenômeno, ainda que difícil para outros, podia ser facilmente realizado por Cristo, porque o corpo etéreo dos grandes Adeptos — e o de Cristo devia possuir uma vitalidade particularmente sutil e intensa — conserva-se durante muito tempo depois de acontecida a sua morte, perdurando na matéria uma parte do seu fluxo: basta que o Espírito a anime para, em determinadas condições, torná-la visível.

A fé na ressurreição não nasce bruscamente nos apóstolos; apenas deveria insinuar-se neles como uma voz que persuade pelo bater do coração, como um sopro de vida que se comunica. Apossa-se de sua alma como avança paulatinamente o dia depois de transcorrida a profunda noite.

Tal é a aurora clara que se levanta sobre a cinzenta Palestina. São gradativas as aparições de Cristo, visando surtir efeitos crescentes. Leves no princípio e fugidias como sombras, aumentam a seguir em radiação e força.

Mas como desapareceu o corpo de Jesus? Consumiu-o o Fogo Original sob o sopro das Potestades, como os de Zoroastro, Moisés e Elias, e tremeu por isso a terra, caíram por terra os soldados, como descreve o Evangelista? Ou tornou-se ele tão tênue, tão espiritualizado a ponto de despojar-se de toda partícula material e fundir-se entre os elementos como um perfume na água, como o bálsamo no ar? Seja o que for, mediante maravilhosa alquimia, diluiu-se na atmosfera a sua quintessência primorosa.

Mas eis Maria Madalena, a que portava as essências, vendo no sepulcro vazio “dois anjos de semblantes radiosos e vestes níveas”. Volta-se assustada e depara com um personagem que, sobressaltada, a princípio não reconhece e cuja voz pronuncia-lhe o nome: “Maria...” Comovida até a medula, reco-

nhece o Mestre e atira-se a seus pés a fim de tocar-lhe a bainha da túnica.

Porém Ele, como se temesse o contato impetuoso daquela de quem “afastara sete demônios”, diz: “Não me toques... Vai e dize aos apóstolos que eu ressuscitei!”

Aqui fala o Salvador à mulher apaixonada, à pecadora convertida em dedicada ao Senhor. Com uma palavra verte até o fundo do seu coração o bálsamo do Eterno Amor, porque sabe ser através da Mulher que alcançará a alma da humanidade.

Quando Jesus surge em seguida, secretamente, aos onze reunidos em uma casa de Jerusalém e entrevista-se com eles na Galiléia, o Mestre reúne seu rebanho eleito para a obra futura.

No patético crepúsculo de Emaús, o divino curandeiro de almas reacende a fé no ardente coração dos discípulos aflitos.

Nas praias do lago de Tiberíades aparece a Pedro e a João, preparando-os para a sua difícil missão.

E quando por fim se mostra aos seus pela última vez, sobre a montanha da Galiléia, diz-lhes as palavras supremas: “Ide e pregai o Evangelho por todos os lugares!... Eu estarei convosco até o fim do mundo!”

É a solene despedida do Mestre e o testamento do Rei dos Arcanjos solares.

Assim, o místico acontecimento da ressurreição, que deveria nascer sobre os apóstolos como tímida aurora, intensifica-se, aclara-se, finalizando em um glorioso pôr-do-sol que consolida o seu pensamento eterno, envolvendo-o em sua púrpura suntuosa e profética.

Uma vez mais, anos mais tarde, apareceria Cristo de uma maneira excepcional a Paulo, seu adversário, no caminho de Damasco, para convertê-lo em seu mais fervoroso adepto.

Se as precedentes aparições de Cristo acham-se como que revestidas de uma atmosfera de sonho, possui esta um caráter histórico incontestável. Mais insólita do que as outras, possui uma radiação vitoriosa. Porém a quantidade de força nela aplicada equipara-se ao resultado pretendido. Porque desta visão fulminante sairia a missão do apóstolo dos gentios, o qual converteria a Cristo a humanidade greco-latina e, através dela, todo o Ocidente.

* * *

Como astro radiante, promessa de um mundo vindouro, flutua sobre a terra a densa bruma do horizonte, assim a ressurreição espiritual flutua sobre a obra perfeita de Cristo. É sua necessária conclusão e seu corolário.

Nem o ódio, nem a dúvida, nem o mal foram desterrados. Não devem desaparecer ainda, pois são uma espécie de fermento para a evolução.

Mas doravante nada poderá arrancar do coração do homem a Esperança imortal. Por sobre os fracassos e as mortes, um coro inextingível cantará através das eras: "Cristo ressuscitou! Abriram-se os caminhos da terra e do céu!"

FIM DE OS GRANDES INICIADOS

GLOSSÁRIO

A

APOLO — Cristão-judeu de Alexandria. Adotou a Filosofia de Platão e, mais tarde, aderiu ao Cristianismo, tornando-se excelente intérprete das Escrituras. Deduz-se que tenha vivido no séc. I, em Éfeso.

ÁRIAS — Nome dado às raças brancas da Ásia e da Europa e às mais antigas populações da Índia.

B

BÓDI (*Bohdi*) — Agrupamento de sabedorias e onisciência no Budismo. Prega a libertação da alma dos vínculos do mundo e que tudo na vida é ilusão e vaidade.

BRAMA (*Brahma*) — Deus supremo da antiga religião hindu, considerado criador do mundo, de todos os deuses e de todos os seres.

BRÂMANE — Sacerdote de Brama e, também, da casta superior da Índia.

D

DOMINAÇÃO — Um dos nove coros de anjos; conjunto de anjos da quarta ordem.

E

ELÊUSIS — Cidade da Grécia onde, juntamente com Atenas, realizavam-se as *eleusínias*, celebrações, mistérios, festas e cerimônias, estas de caráter oculto, em honra a vários deuses.

ELOIM (plural; no singular é *Eloa*) — Possui vários significados, segundo estudos teológicos. Para uns, indica grandeza; para outros, majestade; no singular significa o verdadeiro Deus. Usado também para se referir aos deuses de religiões politeístas, bem como a juízes ou reis, quando o verbo com que é empregado está no plural.

EOLO — Deus dos ventos, segundo a mitologia grega.

EPIMETEU — Mitologia grega: filho de Jápeto e Climente. Irmão de Prometeu. Ao abrir a caixa de Pandora, deixou escapar todas as dores do mundo.

EPOPTA — Iniciado nos mistérios de Elêusis.

ESCULÁPIO — Nome com o qual foi adorado em Roma, no séc. III a.C., *Asclépio*, Deus da Medicina, segundo a mitologia grega.

ESFINGE — Animal mitológico com corpo de leão e cabeça humana, que propunha enigmas aos viandantes e devorava aqueles que não os decifrassem.

ESTÓICO — Seguidor do Estoicismo, doutrina filosófica de Zenão (séc. II a.C.) que pretendia tornar o homem insensível a todos os males físicos e morais.

F

FARISEU — Partidário de uma antiga seita judaica, originária de um século antes de Cristo. Exteriormente ostentavam religiosidade e santidade, mas escondiam hábitos depravados; observavam práticas religiosas mas esqueciam o espírito da Lei.

IDUMEU — Habitante ou natural da Iduméia, na Palestina.

L

LEMURIANO — Relativo à Lemúria, continente que, supõe-se, teria existido ao sul da Ásia.

LETES — Um dos rios dos infernos, segundo a mitologia grega, e cuja água possuía a propriedade de trazer o esquecimento da vida passada; o morto que nele bebesse esqueceria os prazeres e as dores da vida terrestre.

M

MEDAS — Povos árias, originários de Média, antiga região da Ásia, ao sul do Mar Cáspio, e que hoje compreende o atual Irã.

MACABEUS — Nome de uma família judia que dirigiu os destinos da Judéia após a sua independência, durante os séculos II e I a.C. Sua longa história é marcada sobretudo pela oposição ao paganismo, ao culto das divindades gregas que pretendeu-se implantar na região em substituição ao judaísmo.

MOABITA — Habitante do antigo país de Moab.

MISTÉRIOS — As religiões, de um modo geral, possuem dogmas que, em sua essência, são postulados admitidos para a explicação de mistérios ou coisas aparentemente contraditórias. No Cristianismo é admitido o Dogma da Santíssima Trindade, bem como o da Encarnação. A Grécia antiga, berço das narrações épicas, encenava e celebrava dramas que envolviam o ser humano e as divindades; entre os mais importantes estavam os de Dionísio, de Elêusis e de Samatrácia.

N

NÍNIVE — Antiga cidade da Assíria, ao norte do Iraque, na margem oriental do Tigre, defronte à atual cidade de Mosul. Foi tomada e destruída, por volta de 612 a.C., pelos caldeus e pelos medas.

O

OSÍRIS — Deus mitológico do antigo Egito. Filho do Céu e da Terra, e marido de sua irmã Isis, foi assassinado pelo irmão Set. O filho Hórus vingou-lhe a morte, matando Set. Os deuses concederam-lhe imortalidade: segundo a lenda, ele ressuscitava todo ano, o que dava aos homens uma certeza de ressurreição após a morte.

P

PÁLI — Língua derivada do sânscrito, falada no Ceilão e na Índia; cânon dos livros sagrados budistas.

PATMOS — Ilha da Grécia, pertencente ao arquipélago do Dodecaneso, no Mar Egeu, e situada nas proximidades das costas da Turquia. Segundo a Historiografia Religiosa, foi em Patmos que o apóstolo João escreveu o *Livro das Revelações* ou *Apocalipse*.

POTESTADE — Divindade; máximo poder; anjos do sexto coro.

PROMETEU — Mitologia grega: Considerado o iniciador da primeira civilização humana, teria construído o primeiro mortal com terra e água, ao qual Atenas deu alma e vida. Burlando a vigilância de Zeus, roubou o fogo do Céu para entregar aos homens. Zeus, como castigo, prendeu-o em uma montanha, onde teria que ficar por trinta mil anos, um abutre comendo-lhe o fígado que lhe crescia diariamente. Hércules, porém, matou o abutre e salvou Prometeu.

S

SADUCEU — Adepto do saduceísmo, seita hebraica que negava a imortalidade da alma, crença contrária à seita dos fariseus.

SAMARITANO — Habitante ou natural da Samaria.

SERAFIM — Anjo da primeira hierarquia ou do primeiro coro.

SIMUM (ou Simun) — Vento muito quente que sopra na África, do sul para o norte.

SINÓPTICOS — Denominação dada aos evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas, em virtude das grandes semelhanças encontradas na narração dos fatos.

T

TÁRTARO — Mitologia grega: Abismo mais profundo do Inferno, para onde iam os deuses vencidos e os heróis que haviam ofendido gravemente Júpiter.

TRONOS — Um dos nove coros de anjos.

TURÂNIO — Designação dada pelos árias às populações turcas da Ásia Menor.